



DROGAS, ARMAS E MUNIÇÕES

Aprensões batem recorde na PB

Operações contra o crime organizado estão mais estratégicas e envolvem diferentes forças policiais. *Página 7*

Botafogo-PB e Treze fazem jogos decisivos no Brasileiro

Partidas acontecerão, amanhã, entre Belo e São Bernardo, no Almeidão, e entre Galo e Horizonte, no Amigão.

Página 21

Estado será palco de grandes shows durante este trimestre

Nomes como Roberto Carlos, Alcione, Nando Reis e Ana Carolina agendaram apresentações ao público.

Página 9

■ “Mas as cidades, pesadas ou monumentais que sejam, não são tão irremovíveis quanto nos parecem. Nem tão duras, impenetráveis”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “João Pessoa é a prova viva de que qualidade de vida e oportunidades econômicas podem, e devem, caminhar de mãos dadas”.

João Bosco Ferraz

Página 17

Erosão costeira afeta moradores de diferentes municípios do Litoral

Avanço do nível do mar e ocupação desordenada da região são alguns dos fatores que contribuem para o problema em cidades como Baía da Traição, Conde e João Pessoa, alertando ambientalistas e unindo governos na busca por soluções.

Página 5



Foto: Leonardo Ariel

Ameaça de extinção atinge 63 espécies de borboletas, incluindo três na Paraíba

Perda do habitat natural em decorrência da urbanização é uma das causas do desaparecimento desses insetos, que têm participação essencial na polinização.

Página 20

Rota Cultural Caminhos do Frio chega, amanhã, à cidade de Pilões

Festival acontece no município até o dia 13, com atrativos que incluem rica gastronomia, belezas naturais e apresentações artísticas.

Página 8



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União

Editorial

Palavra de ordem

“É preciso estar atento e forte”. Esse trecho — ou verso — da música “Divino maravilhoso”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, imortalizada na voz de Gal Costa, está mais atual do que nunca. Deve-se ter muita atenção e coragem para encarar os desafios alusivos à sociedade contemporânea, que incluem riscos de quebra da ordem democrática, radicalização da crise ambiental e até mesmo de uma terceira guerra mundial, desta feita atômica.

“É preciso estar atento e forte” para tentar entender e suportar a perda de tantas vidas humanas e a destruição de tantas cidades, muitas com ricos patrimônios históricos e artísticos, em consequência de genocídios como o praticado por Israel na Faixa de Gaza, os conflitos armados de variada natureza em territórios africanos e os ataques mútuos entre Rússia e Ucrânia, esta última por reagir à invasão comandada por Vladimir Putin.

“É preciso estar atento e forte” para não deixar a esperança desvanecer diante da chegada ao poder de personalidades políticas comprometidas com pautas sociais e econômicas ultraconservadoras, de que são exemplos o presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, e os primeiros-ministros Viktor Orbán (Hungria), Giorgia Meloni (Itália) e Benjamin Netanyahu (Israel), além do presidente da Argentina, Javier Milei.

“É preciso estar atento e forte” para que o retrocesso não se instale novamente no Palácio do Planalto, em Brasília, e, de lá, use de 1.001 artifícios, na tentativa de desacreditar a ciência, investindo maciçamente na alienação política, na deseducação cultural, enfim, na neutralização das principais conquistas relacionadas ao conhecimento e à cidadania, para que vicejem os preconceitos e, com eles, a violência.

“É preciso estar atento e forte” para constatar que o orçamento do setor armamentista internacional supera de longe os investimentos em áreas essenciais, como Saúde, Educação e Moradia, isto sem falar na pressão exercida pelos capitães da indústria bélica, no sentido de que sejam esvaziados, de algum modo, os arsenais, inclusive pela guerra, para substituição dos estoques por armas modernas, portanto, mais destrutivas.

“É preciso estar atento e forte” para não esquecer que a esperança, a arte e a consciência ativas, senhores e senhoras dos campos da espiritualidade, da razão e da emoção estética, são bálsamos para a dor e poderosos nutrientes para a resistência contra a barbárie que — pelos subterrâneos que ligam tempos e espaços sombrios — persiste na tentativa de inutilizar o que de melhor se fez, até agora, para dar sentido à palavra “civilização”.

Artigo

Rui Leitão
iurleita@hotmail.com

O primeiro golpe sofrido por Jango

O embate entre o Brasil oficial e o Brasil real começou muito antes de 1964. Em 1954, ao propor a duplicação do salário mínimo, João Goulart enfrentou a fúria das elites e o cerco dos militares. Foi ali que sofreu o primeiro golpe. Ainda não era presidente quando enfrentou sua primeira grande ofensiva das forças conservadoras. À frente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), Jango implementava uma política trabalhista ousada, voltada para a valorização do trabalhador. Como era de se esperar, despertou reações virulentas das classes dominantes, acostumadas a ver o Estado como seu instrumento exclusivo de poder.

O ápice dessa insatisfação deu-se quando o presidente Getúlio Vargas, nas comemorações do dia 1º. de Maio, em fevereiro de 1954, anunciou a duplicação do salário mínimo, conforme indicação de Jango. A decisão provocou uma forte reação da oposição, inclusive dos militares. O então ministro procurou explicar que os novos níveis do salário mínimo haviam sido fixados por comissões instituídas nos estados, seguindo preceitos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). No primeiro momento recebeu o apoio do presidente.

Porém, não conseguiu resistir a um documento com forte viés golpista, redigido por Golbery do Couto e Silva, assinado por 42 coronéis e 39 tenentes-coronéis, oficiais ligados à Cruzada Democrática, agrupamento da ala militar conservadora que dirigia o Clube Militar desde as eleições de 1952, encaminhado ao ministro da Guerra, general Espírito Santo Cardoso, e ao Alto Comando das Forças Armadas. Conhecido como o “Manifesto dos Coronéis”, o documento exigia diferenciação entre os salários de militares e civis, sob a alegação de que estavam submetidos a péssimas condições de trabalho na caserna, denunciando que estava em risco a coesão da classe militar e acusando o governo de se manter indiferente às necessidades de reajuste de salários, comprometendo a imagem do Exército.

Na prática, o manifesto foi uma clara demonstração de insubordinação militar, com nítido conteúdo político. Estava dado

o primeiro passo para minar João Goulart — um líder que ousava dialogar com trabalhadores, buscando a harmonia entre capital e trabalho. A grande imprensa, em sua maioria, associou o ministro a ameaças à democracia e ao perigo de uma “república sindicalista”, amplificando o cerco que já vinha sendo articulado nos bastidores do poder. Ao perceber que a onda golpista intensificava-se, Goulart atribuiu a campanha contra ele, motivada pela harmonia social que teria conseguido estabelecer entre trabalhadores e patrões, representando um grande esforço no sentido de conciliação entre as classes sociais

Na tentativa de conter a crise, Getúlio decidiu pelo afastamento do ministro João Goulart, numa concessão aos militares descontentes, e a demissão do ministro da Guerra, por ter permitido aquele ato de insubordinação dentro das Forças Armadas. Ao entregar sua carta com pedido de exoneração, declarou: “Prefiro deixar o ministério a deixar de dar o salário mínimo”. Dez anos depois, já como presidente da República, Goulart sofreria novo golpe, agora definitivo. E, novamente, lá estava Golbery do Couto e Silva entre os articuladores da queda.

A história, como se vê, é feita de repetições — e de sinais que, muitas vezes, ignoramos.

“Na prática, o manifesto foi uma clara demonstração de insubordinação militar, com nítido conteúdo político

Rui Leitão

Opinião

Foto Legenda

EDIÇÃO: Gisa Veiga
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

Roberto Guedes



Herdeira da fé

Gonzaga Rodrigues Ficou mais longe

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De fato. São Paulo fica muito longe, nem tanto pelas léguas de terras ou pelas milhas de voo, como pelo que pesa na cabeça dos paulistas ou dos que a eles se acostam para a vida inteira. É o que sempre pensei.

Meia dúzia de vezes que andei por lá — uma delas para entrar na fila sem fim (e como fazia frio!) do hospital público das Clínicas; algumas para consulta médica particular, e as restantes em missões profissionais — de nenhuma delas cheguei aqui com vontade de voltar.

Das muitas vezes que desci no Recife e terminei de carro experimentando a felicidade de reembolsar-me à Rua da Palmeira, só eu sei o prazer existencial desse momento. Sim, porque a Rua da Palmeira continua em seu casario, haja vista o postal de casa de Arnaldo Tavares ilustrando a rua de entrada de todas as cidades natais do mundo.

São Paulo não tem igual, nem o Rio. De nenhuma dessas fantásticas cidades a gente sabe a rua do começo. Sabe onde ficam o monumento aos Bandeirantes, o Pão de Açúcar logo de cara, o Louvre; mas a Rua da Palmeira, a abençoada rua de chegada, do abraço, do reencontro com a terra e, principalmente, conosco, nunca se sabe, fora daqui, onde fica.

Mas as cidades, pesadas ou monumentais que sejam, não são tão irremovíveis quanto nos parecem. Nem tão duras, impenetráveis, que um telefonema, uma soltura antiga de linha de coruja não possa fazê-las pousarem em nosso coração. Vejam só o que aconteceu há alguns anos. Reparem em como São Paulo ficou mais perto, como se passou num instante para o meu lado doméstico.

“Quem é?” — perguntei com raiva, supondo fossem aquelas vozes gravadas que começam inquirindo-nos o CPF. Ia desligar o telefone quando, por sorte, ouvi a voz que já havia me chamado de outros tempos. Voz recôndita, é isto, e que aos poucos foi se chegando, aclarando. “É Ubirajara, Luiz, Ubirajara do Censo de 1950, Bira.”

Ele é o último partícipe vivo dos nossos sete anos de idade. Fora levado ao sítio de tia Tonina pela mão de Zala, sua mãe, irmã de criação de minha mãe, quando nos acamarados.

“Tás onde, Bira?!”

“Estou onde quase sempre estive, em São Paulo, aqui em São Bernardo”.

Mora por lá desde que nos apartamos. Deve ter ingressado no comércio como “paraíba” e saindo como paulista, membro da Associação Comercial. Nos vimos aqui faz alguns anos, ele de férias na colônia do Sesc. Bem de vida e de riso. Depois perdemos o contato, ele de tanto telefonar e eu de não ouvir, quase surdo.

Deram-me um aparelho novo e um dispositivo no celular que aumenta duas ou mais vezes o volume do som, da fala, mas não distingue as sílabas. Numa frase de 10 ou mais palavras não chego a distinguir as sílabas e perco a paciência e o tempo de esperar alguma coisa do celular.

— O problema não é do aparelho, seu Gonzaga, é de sua completa inabilidade para essas coisas — terminou dizendo a moça da loja, já na intimidade com os humores da minha deficiência auditiva e da minha idade avançada.

Chego em casa e a servidora, que nos ajuda além da cozinha, ficou sem jeito no seu esforço silábico para me dizer: “Seu Luiz, um homem de São Paulo telefonou (e ela gaguejando) e perguntou se o senhor, desculpe, se o senhor ainda está vivo”.

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL



Fotos: Divulgação/TRE-PB

Desde maio deste ano, o TRE-PB tem promovido os círculos entre os servidores, magistrados e profissionais terceirizados

Justiça Restaurativa deve chegar a Zonas Eleitorais

Círculos de construção de paz despertaram a reflexão de servidores do órgão

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

Como você quer ser lembrado daqui a 10 anos? Se você perdesse sua memória hoje, qual a única lembrança gostaria de manter? Essas são perguntas feitas nos círculos de construção de paz, realizados pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), e que despertaram a reflexão de servidores, como Raisse Fernandes Barbosa.

Para ela, as respostas dos colegas de trabalho revelaram valores e intenções colocados em segundo plano pelo cotidiano profissional. “Às vezes, na rotina do trabalho, a gen-

te tem que fazer isso e aquilo e não consegue ver as dores, o outro como ele é e suas questões. Com as respostas, a gente conheceu melhor os colegas, soube o que é fundamental para cada um, os valores inegociáveis”, comentou Barbosa, que é coordenadora de Desenvolvimento e Saúde do Tribunal Eleitoral paraibano.

As perguntas que mexeram com Raisse e seus colegas de setor são um dos aspectos dos círculos de construção de paz. Essa é uma das técnicas usadas para aplicar o conceito de Justiça Restaurativa.

Desde maio deste ano, o TRE-PB tem promovido os

círculos entre os servidores da sede de diferentes categorias, de magistrados a profissionais terceirizados. Segundo a supervisora do Núcleo de Justiça Restaurativa (Nejure) do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), Suerda Gabriela de Araújo, a nova etapa do projeto deve levar essa metodologia para as zonas eleitorais, neste segundo semestre.

“A gente completou 10 círculos no fim de junho. Cada círculo é um grupo de até 10 servidores, contando com duas facilitadoras”, informou Suerda. Assinado no ato da posse do atual presidente do TRE-PB, um convênio garante o desenvolvimento do pro-

jeto em parceria com o núcleo do TJPB.

“Cada círculo é um grupo de até 10 servidores, contando com duas facilitadoras

Suerda Gabriela de Araújo

Método inclui ouvir as partes envolvidas

Punir o responsável por descumprir uma norma (seja lei ou não) nem sempre é o suficiente. Para ir além, as práticas de Justiça Restaurativa propõem “salar” o tecido social ferido por um conflito. O método inclui ouvir as partes envolvidas, entender suas necessidades e traçar um plano de ação para recuperar a relação esgarçada com a ajuda de uma rede de apoio (pessoas e instituições). Nada disso implica impunidade para o ofensor.

O método pode ser aplicado em paralelo com o processo punitivo convencional, como estabelece a Resolução nº 225/2016 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). “A Justiça Restaurativa tenta ir num caminho diferente desse, não negando a necessidade da justiça que nós temos hoje, mas vendo a possibilidade de caminhos mais humanizados”, acrescentou Suerda Araújo.

No caso do TRE-PB, os círculos de construção de paz tem sido a técnica inicial para disseminar o conceito de Justiça Restaurativa internamente. A participação dos servidores na iniciativa é voluntária. Não é necessário estar em conflito para participar dos círculos. Por outro lado, o círculo também é uma ferramen-

ta preventiva para relações pessoais no ambiente de trabalho.

“A Justiça Restaurativa tenta satisfazer essas lógicas de necessidades, conexão, retorno do vínculo, mas, ao mesmo tempo, é preventiva. Aí, vem os círculos de construção de paz, pela metodologia dos círculos de diálogo, em que a gente consegue fortalecer vínculos e, ao mesmo tempo, detectar possibilidade de diálogos futuros sobre casos conflitivos que já existem naquele ambiente”, destacou a supervisora do Nejure do TJ-PB.

Objetivo e avaliação

O projeto deve chegar a uma parcela, ainda não definida, das 68 Zonas Eleitorais paraibanas. “O planejamento foi pensado para que todos que fazem parte do TRE consigam vivenciar a prática do círculo pelo menos uma vez. Vamos tentar alcançar o máximo possível, mas não estamos garantindo que vamos alcançar todas, até porque o próprio presidente, enquanto corregedor, à época, conseguiu visitar muitas Zonas Eleitorais e já fez as correições nessa lógica”, disse Suerda Araújo.

Ela acredita que o projeto deve melhorar também o atendimento ao cidadão-eleitor. “O foco é trabalhar



Suerda Araújo (D) é supervisora do Nejure do TJPB

com as pessoas que atuam com serviços eleitorais na sede e nas Zonas Eleitorais. Isso acaba de certa maneira se espalhando para quem se utiliza do serviço”, afirmou.

No primeiro semestre de 2026, o planejamento será iniciar uma capacitação para formar facilitadores entre os servidores do Judiciário Eleitoral estadual “a fim de que, lá na frente, eles consigam desenvolver seu próprio núcleo gestor”.

A avaliação do sucesso do projeto deve ocorrer

por meio de relatórios e da compilação de dados obtidos a partir de formulários preenchidos pelos servidores participantes.



Pelo QR Code, acesse a Justiça Restaurativa no portal do CNJ

Saiba Mais

Alguns prejuízos dos fogos sonoros:

■ Base legal: O Judiciário brasileiro adotou a Política Nacional de Justiça Restaurativa a partir de 2016, quando o então presidente do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Ricardo Lewandowski, baixou a Resolução nº 225. No entanto, a política alcançou explicitamente a Justiça Federal, do Trabalho, Militar e Eleitoral somente em novembro de 2024, com o acréscimo do artigo 29.

UN Informe DA REDAÇÃO

EM BRASÍLIA, VEREADORES PEDEM AO BB E À CAIXA INSTALAÇÃO DE CENTROS CULTURAIS EM JOÃO PESSOA

A Câmara Municipal de João Pessoa iniciou um movimento para atrair, para a capital paraibana, a instalação de dois importantes equipamentos. Trata-se dos centros culturais da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil. Alguns estados da Federação já possuem equipamentos do gênero, voltados para à divulgação da cultura e à promoção de artistas locais e nacionais. As duas instituições financeiras, as principais do país, são comandadas por paraibanos. O Banco do Brasil por Taciana Medeiros e a Caixa Econômica, por Carlos Vieira. O momento de maior representatividade do estado, inclusive, é visto como incentivo para as conquistas pleiteadas pelos vereadores pessoenses. Estiveram presentes no encontro o presidente da Casa, Dinho Dowsley, e o vereador Marcos Vinícius. Ele foram acompanhados pelo secretário da Mesa Diretora, Carlos Santos. Na Caixa Econômica, os vereadores foram recebidos pelo presidente nacional do banco, Carlos Vieira. Na reunião do Banco do Brasil, participaram o gerente de Governo, Douglas Finardi Ferreira, o presidente Dinho e o vereador Marcos Vinicius. “Estes equipamentos vão reforçar o turismo no Centro Histórico de João Pessoa. Estamos otimistas em relação a mais essa conquista para a capital paraibana”, ressaltou Dinho Dowsley.

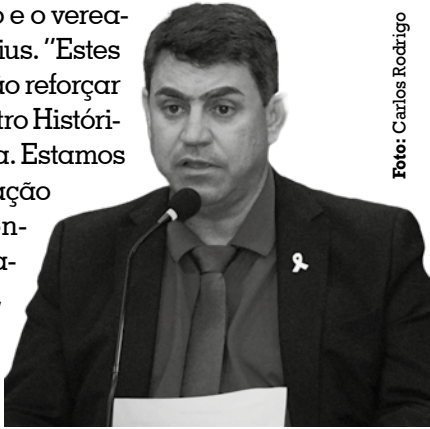


Foto: Carlos Rodrigo

QUERIDINHA DA MIGRAÇÃO

O jornal Valor Econômico trouxe uma matéria sobre a nova “queridinha” da onda migratória no Brasil: João Pessoa. A matéria começa dizendo que, impulsionada pela recuperação do turismo doméstico após a pandemia, a economia de João Pessoa “vive em céu de brigadeiro”. Ela menciona o “boom no setor imobiliário, que se movimenta para absorver uma onda de migração populacional da última década”.

ATRATIVOS IRRESISTÍVEIS

O jornal também aponta a tranquilidade e os preços de produtos e serviços mais acessíveis da cidade. Segundo o IBGE, a população de João Pessoa cresceu, entre 2010 e 2024, 22,8%, enquanto em Salvador houve um recuo de 4%, e Fortaleza e Recife tiveram crescimento abaixo da média nacional, que foi de 8%. Outro fator que atrai moradores é o desenvolvimento econômico da capital e do estado da Paraíba.

PESQUISA NAS FAVELAS

O instituto Data Favela formou 10 mil pessoas em todo o Brasil, que estão nas ruas desde sexta-feira (4) realizando o maior mapeamento já feito sobre as favelas brasileiras. O trabalho termina hoje. A mobilização nacional levanta dados sobre hábitos, costumes, preferências e comportamentos de quem vive nesses locais, em todos os estados do país. O lançamento dos primeiros resultados acontecerá no próximo dia 18.

“SE ELE ENTRAR, EU SAIO”

O deputado Wallber Virgolino não está gostando nada da ideia de uma possível filiação de Nilvan Ferreira ao PL. “Se ele entrar, eu saio”, declarou. Embora afirme que não guarda ressentimentos, ele dispara: “Eu acho que Nilvan foi fraco comigo, foi fraco com o Marcelo [Queiroga], foi fraco com o PL. Ele usou o PL para ser candidato em 2022”. Virgolino descarta algum acordo surdo entre Nilvan e o ex-ministro da Saúde. “Queiroga tem vergonha na cara”, aposta.

MP PELA DIVERSIDADE

O projeto estratégico “MP pela diversidade”, lançado pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB), impulsionou, até hoje, a criação de 20 conselhos municipais dos direitos da população LGBTQIAPNB+. O projeto foi idealizado pelo Centro de Apoio Operacional em matéria da cidadania e direitos fundamentais (CAO Cidadania) e pelo Núcleo da Diversidade de Gênero, Diversidade e Igualdade Racial (Gedir).

DEPUTADA COBRA DE PREFEITA OBRAS COM EMENDAS PARLAMENTARES

A deputada Danielle do Vale está cobrando da prefeita de Rio Tinto, Magna Gerbasí, a materialização, em obras e ações, das emendas parlamentares destinadas ao município. Segundo a deputada, as emendas foram destinadas à aquisição de uma ambulância e à construção de poços artesanais em três comunidades. O dinheiro, diz a deputada, já está na conta do município. E cadê as obras?

Daniel Gonçalves

Diretor do Complexo Pediátrico Arlinda Marques

“Cuidar é, acima de tudo, um ato ético, sensível e humanizado”



Em entrevista, gestor detalha os avanços, desafios e diferenciais da unidade que é o pilar da saúde pediátrica pública na Paraíba

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Com quase 75 anos de história dedicados à saúde infantil na Paraíba, o Complexo Pediátrico Arlinda Marques vive um novo capítulo em sua trajetória. Atualmente, o Complexo passa por um processo robusto de ampliação e modernização que promete transformar completamente sua estrutura física e assistencial. As obras, que já alcançam cerca de 30% de execução, preveem a duplicação da capacidade de leitos de UTI e enfermaria, a ampliação das salas cirúrgicas e o fortalecimento dos serviços de urgência e emergência, marcando um avanço significativo na resolutividade e no conforto oferecido às crianças e famílias atendidas. Mais do que ampliar paredes, o hospital investe em um novo tempo de cuidado: humanizado, lúdico e centrado na experiência do paciente. Iniciativas como o acolhimento com carrinhos elétricos e personagens fantasiados no trajeto até o centro cirúrgico exemplificam essa proposta, que alia afeto, segurança e inovação. Na entrevista a seguir, o diretor Daniel Gonçalves detalha os principais avanços, desafios e diferenciais da unidade, reafirmando o papel essencial do Arlinda Marques como pilar da saúde pediátrica pública na Paraíba. Confira:

Entrevista

■ *Quais são as principais mudanças previstas nas obras de ampliação do Hospital Arlinda Marques e qual o impacto esperado para o atendimento pediátrico na Paraíba?*

Esta obra representa um verdadeiro marco na trajetória do Complexo Pediátrico Arlinda Marques. Com quase 75 anos de serviços prestados à saúde infantil na Paraíba, a unidade apresentava uma estrutura física antiga e defasada, que já não correspondia à excelência assistencial que sempre norteou nossa missão. A realização desta obra simboliza muito mais do que uma reestruturação física, trata-se de um salto em direção ao futuro. Uma conquista que amplia significativamente nossa capacidade de atendimento, fortalece o cuidado humanizado e reafirma nosso compromisso em oferecer um serviço digno, eficiente e cada vez mais qualificado às crianças e às famílias que aqui encontram acolhimento e esperança.

■ *Em que estágio estão as obras atualmente e qual a previsão para a conclusão e a entrega dos novos espaços?*

Com previsão de 18 meses para sua conclusão, a obra já alcança cerca de 30% de execução — um sinal concreto de que o sonho de um Complexo mais moderno, acolhedor e eficiente está se tornando realidade, tijolo por tijolo, gesto por gesto.

■ *Quais especialidades ou setores serão contemplados com a expansão da estrutura física do hospital?*

Com o processo de expansão e modernização em curso, praticamente todo o hospital será contemplado com avanços significativos. Entre os principais destaques, está a ampliação da capacidade de atendimento em áreas críticas: os leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), por exemplo, passarão de 14 para 30, proporcionando mais suporte intensivo às crianças que ne-

cessitam de cuidados complexos. As salas cirúrgicas também serão ampliadas, saltando de três para cinco, o que permitirá maior fluxo de procedimentos e redução no tempo de espera. Além disso, os leitos de enfermaria, assim como os de urgência e emergência, terão sua quantidade praticamente dobrada, fortalecendo a retaguarda assistencial e elevando a resolutividade do atendimento. É uma obra que transcende paredes trata-se da construção de um novo tempo para a saúde infantil na Paraíba.

■ *Como essas obras vão melhorar a capacidade de atendimento e o conforto dos pacientes e acompanhantes?*

A medida que avançamos para uma estrutura física mais moderna, ampla e acolhedora, criamos as condições ideais para ofertar uma assistência ainda mais qualificada, segura e humanizada, com mais conforto para nossos usuários e seus acompanhantes. Além disso, como hospital-escola e sede de diversos programas de residência médica e multiprofissional, essa transformação estrutural também ampliará as oportunidades de aprendizado, prática clínica e formação dos nossos residentes, garantindo um ambiente de ensino mais rico, mais dinâmico e alinhado aos desafios da saúde contemporânea.

■ *O hospital tem implementado projetos inovadores na área de humanização do atendimento infantil. Poderia destacar algumas dessas iniciativas?*

No Complexo Pediátrico Arlinda Marques, acreditamos que cuidar é, acima de tudo, um ato ético, sensível e profundamente humanizado. Por isso, investimos em práticas que respeitam não apenas a saúde física, mas também a dimensão emocional das nossas crianças e de suas famílias. Na pediatria, sabe-

mos que o universo lúdico é uma ponte poderosa entre o medo e a coragem, e é nessa travessia que temos construído experiências transformadoras. Um dos nossos projetos mais singulares acontece em um dos momentos mais delicados: a chegada da criança ao centro cirúrgico. Sabemos o quanto esse instante é angustiante para os pais e amedrontador para os pequenos. Por isso, reinventamos esse percurso com afeto e criatividade. Ao serem encaminhadas para o bloco cirúrgico, as crianças escolhem se preferem ir dirigindo um carrinho elétrico ou pilotando uma motinha. Enquanto isso, médicos, enfermeiros e toda a equipe assistencial estão vestidos de super-heróis, personagens que, assim como elas, enfrentam batalhas e saem vitoriosos. Na sala cirúrgica, projetores exibem desenhos animados até que a sedação seja concluída. A anestesia inalatória, por sua vez, vem com aromas frutados, e a criança escolhe o cheiro preferido. Cada detalhe foi pensado com delicadeza, empatia e escuta ativa, porque acreditamos que a experiência do cuidado também pode ser leve, acolhedora e mágica.

■ *Quais ações têm sido desenvolvidas para garantir a qualificação contínua das equipes médicas, de enfermagem e multiprofissionais?*

Por meio do Núcleo de educação permanente (NEP) desenvolvemos, de forma contínua, programas de capacitação que visam ao aprimoramento progressivo de técnicas, processos de trabalho e protocolos assistenciais bem estabelecidos. Essa cultura de educação permanente é um dos pilares que sustentam a qualidade e a segurança do cuidado prestado. Entre as iniciativas, destacamos a exigência da formação da equipe médica da porta de entrada no programa Suporte Avançado de Vida em Pediatria (PALS), essencial para o aperfeiçoamento das condutas em situações de urgência e emergência. Acreditamos que um atendimento ético, ágil e eficiente nasce de equipes preparadas, atualizadas e comprometidas com a vida, especialmente em um ambiente pediátrico, no qual cada segundo conta e cada gesto faz diferença.

■ *Existe algum programa voltado à prevenção e ao acompanhamento de doenças crônicas em crianças e adolescentes? Como ele funciona?*

O Complexo Pediátrico Arlinda Marques é formado por uma ampla gama de serviços e áreas multiprofissionais, atuando como o maior centro de referência em pediatria de média e alta complexidade do estado da Paraíba. Sua estrutura contempla ambulatorios especializados em todas as áreas da Medicina, garantindo atendimento

integral, acompanhamento contínuo e investigação diagnóstica qualificada das principais patologias que acometem o público pediátrico paraibano. A relevância da unidade é ainda mais evidenciada por sediar serviços estratégicos de abrangência estadual, como o único Centro de Referência para Imunobiológicos Especiais da Paraíba (Crie), e o Serviço de Referência em Triagem Neonatal (SRTN), que asseguram a prevenção e o diagnóstico precoce de agravos fundamentais à saúde infantil. Diante de sua estrutura, missão e alcance, o Hospital Arlinda Marques reafirma-se como um verdadeiro pilar do Sistema Único de Saúde na Paraíba, desempenhando um papel imprescindível na promoção da saúde, na formação de profissionais e na garantia de cuidado especializado e humanizado às crianças do nosso estado.

■ *Como o hospital vem se preparando para responder a demandas sazonais, como os aumentos de casos de doenças respiratórias no período do inverno?*

O período sazonal de doenças respiratórias é uma realidade que impacta todo o país, exigindo preparo, resposta rápida e ampliação de serviços por parte das unidades de saúde. No Complexo Pediátrico Arlinda Marques, essa demanda é enfrentada com planejamento e responsabilidade, alinhados ao Plano Estadual de Enfrentamento. Ano após ano, a unidade tem conseguido expandir sua capacidade de atendimento, de abertura de novos leitos, fortalecendo tanto os serviços ambulatoriais quanto os setores de urgência e emergência. Esse esforço garante que nenhum usuário fique sem assistência, mesmo nos períodos de maior pressão sobre o sistema. Trata-se de um compromisso contínuo com a saúde pública, a resolutividade e o cuidado integral às nossas crianças.

■ *Em quais situações os pais ou responsáveis devem procurar diretamente o atendimento hospitalar do Arlinda Marques, em vez das unidades básicas de saúde?*

O Hospital Arlinda Marques é a principal referência em pediatria de média e alta complexidade do estado da Paraíba. Isso significa que a unidade é responsável por acolher e tratar os casos mais complexos, aqueles que não puderam ser resolvidos na atenção básica, nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) ou em hospitais com suporte e infraestrutura assistencial mais limitados. Com uma equipe altamente especializada e uma estrutura em constante modernização, o Arlinda Marques representa o último e mais qualificado nível de cuidado dentro da rede pediátrica estadual, garantindo atendimento integral, reso-

lutivo e humanizado às crianças que mais necessitam.

■ *O hospital oferece atendimento em quais especialidades pediátricas atualmente?*

O Hospital Arlinda Marques dispõe de serviços de urgência e emergência pediátrica, funcionando como porta de entrada para casos que exigem atendimento imediato e especializado. No eixo de internação, a unidade conta com leitos de UTI, clínica médica pediátrica, cirurgia pediátrica e um moderno Centro de Diagnóstico por Imagem, garantindo suporte integral ao cuidado hospitalar. No âmbito ambulatorial, o hospital oferece acompanhamento nas principais especialidades médicas e multiprofissionais, como cardiologia, endocrinologia, hematologia, ortopedia, gastroenterologia, psicologia, fonoaudiologia, entre outras, que compõem uma rede completa e integrada de atenção à saúde da criança.

■ *Existe algum serviço de triagem ou acolhimento que ajude a orientar as famílias sobre a urgência ou não do atendimento?*

Na porta de entrada do Hospital Arlinda Marques, está implantado o serviço de Classificação de Risco, que tem como objetivo avaliar a gravidade do quadro apresentado pelo paciente pediátrico, considerando tanto a sintomatologia quanto os relatos dos pais ou responsáveis. Essa triagem qualificada permite definir, de forma segura e eficiente, o perfil de atendimento mais adequado, seja para encaminhamento à atenção básica, quando cabível, ou para assistência imediata nos setores de urgência e emergência, garantindo a priorização de casos mais críticos e a otimização do fluxo assistencial.

■ *Como a população pode acompanhar as ações, melhorias e serviços disponibilizados pelo Hospital Arlinda Marques?*

Os indicadores assistenciais, regularmente divulgados nos perfis oficiais do Governo da Paraíba e da Secretaria de Estado da Saúde, bem como em plataformas de referência como o DataSUS, evidenciam o avanço contínuo do Hospital Arlinda Marques no cuidado pediátrico especializado. Ano após ano, temos alcançado importantes resultados, como a redução das taxas de mortalidade, a melhoria nos índices de desospitalização e a consolidação de projetos que fortalecem a resolutividade e a qualidade do atendimento. Esses dados nos enchem de entusiasmo e reforçam a certeza de que estamos no caminho certo, promovendo não apenas o acesso ampliado à assistência, mas também o acesso qualificado à informação, pilares essenciais para uma saúde pública cada vez mais eficiente, transparente e centrada nas pessoas.

CRISE AMBIENTAL

Avanço do mar causa problemas

Erosão costeira atinge cidades como Baía da Traição, Conde e João Pessoa; especialistas alertam para riscos

Bárbara Wanderley

babiwanderley@gmail.com

A erosão costeira é um problema que vem atingindo diversas cidades na Paraíba de forma cada vez mais intensa. As mudanças climáticas que têm acelerado o avanço do nível do mar e a ocupação desordenada da faixa litorânea são alguns dos fatores responsáveis. Além da questão já conhecida da barreira do Cabo Branco, em João Pessoa, os municípios de Conde, Pitimbu e Baía da Traição também enfrentam problemas.

“Tenho acompanhado com atenção a grave situação da erosão costeira aqui no estado, que tem se intensificado, principalmente, durante os períodos chuvosos”, disse o geógrafo e consultor ambiental Williams de Lima. Ele ressaltou que embora esteja, atualmente, morando no Espírito Santo, pois está realizando um estudo de monitoramento da erosão costeira no estado da Região Sudeste, fez visitas técnicas recentes na Paraíba, observando os efeitos erosivos em Baía da Traição e na Praia de Carapibus, no município do Conde.

“Na Baía da Traição, em 2024, estive pessoalmente, em audiência, com o então prefeito para tratar da situação crítica em trechos da orla. Na ocasião, alertei sobre a necessidade de uma obra emergencial, desde que respaldada em estudo técnico, para conter a erosão”, contou Williams.

No município, onde a situação é mais crítica, o mar avançou sobre cerca de 40 imóveis e a preocupação maior agora é que ele chegue a atingir o leito do rio, que abastece a cidade de água doce. O secretário de Meio Ambiente de Baía da Traição, Marcelo Ferreira, explicou que algumas residências atingidas eram casas de veraneio e não tinham moradores. Outras, no entanto, eram ocupadas por indígenas, que foram realocados pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

Marcelo disse ainda que, por falta de recursos para lidar com a situação, a gestão municipal pediu ajuda ao Governo do Estado, que se comprometeu a pagar pela obra de enrocamento, orçada em R\$ 5 milhões. Enquanto essa obra é realizada de

forma emergencial, as equipes do Programa Estratégico de Estruturas Artificiais Marinhas da Paraíba (Preamar), estudam as formas mais adequadas para resolver o problema.

De acordo com a coordenadora de Meio Físico do Preamar, Larissa Lavor, que é doutora em Geociência, as equipes estudam uma série de questões como as correntes marinhas e os sedimentos do fundo do mar, para tentar determinar as causas do problema naquele município e, a partir deste diagnóstico, as soluções mais viáveis. Ela afirmou que o resultado deste diagnóstico, que já está bem avançado, deve ser entregue no segundo semestre deste ano. Os relatórios relativos a outras áreas, como Carapibus e a própria barreira do Cabo Branco, devem demonstrar um pouco mais. A situação de Baía da Traição foi tratada como prioritária, por ser emergencial.

Situação no Conde

Sobre o problema que atinge a praia de Carapibus, no município do Conde, Williams de

Lima relatou que a visita técnica foi acompanhada tanto pelo secretário municipal de Meio Ambiente, Walber Farias, quanto por técnicos da área ambiental e da Defesa Civil. “Identificamos riscos iminentes à integridade física dos frequentadores da praia, especialmente em trechos onde a erosão expôs falésias, raízes de vegetação e fundações de imóveis. Após essa visita, elaborei e entreguei um parecer técnico recomendando que a prefeitura reconhecesse o estado de calamidade pública municipal, especificamente para essas áreas críticas, como forma de abrir caminho para ações emergenciais mais rápidas”, disse.

O secretário de Meio Ambiente do Conde, Walber Farias, informou que, após a vistoria realizada, foi elaborado um relatório que está sendo encaminhado à Procuradoria do Município para subsidiar o decreto de estado de emergência. Segundo ele, com o decreto, será possível viabilizar a alocação de recursos da Defesa Civil Nacional para a realização das intervenções necessárias. “Estamos ava-

liando qual o tipo de intervenção mais adequada para a área. São procedimentos que já estão sendo conduzidos pela Prefeitura”, afirmou.

Na vila de pescadores, localizada no bairro de Jacumã, também no Conde, a barreira representa um risco constante. Com as chuvas, são frequentes os pequenos deslizamentos, que podem resultar em grandes prejuízos, já que muitas casas estão construídas a poucos metros da falésia — e algumas, inclusive, sobre ela. “Houve um deslizamento na frente daquela casa e a mulher ficou presa dentro com as crianças. Tiveram que cavar para conseguir tirá-la”, relatou uma moradora da região, que preferiu não se identificar.

Segundo a moradora, o problema persiste há cerca de 93 anos — idade da residente mais antiga da vila —, cujo relato é de que o risco de desabamento da barreira existia desde quando se mudou para o local, ainda criança. “Toda vez que chove, cai um pouquinho”, afirmou. No trecho indicado, especificamente,

a barreira não tem contato direto com o mar, nesse caso o principal causador de deslizamento são as chuvas.

Na praia de Carapibus, por sua vez, a erosão é causada pela água do mar, que bate diretamente na falésia. No local, é possível encontrar até algumas pedras que, possivelmente, já serviram de barreira no passado, para tentar conter o avanço das ondas. Algumas residências e pousadas foram construídas em cima da falésia e correm risco iminente de desabamento. A reportagem de **A União** tentou ouvir a pessoa responsável por uma das pousadas em situação mais crítica, mas ela preferiu não se pronunciar sobre o assunto

Possíveis soluções

Para Williams de Lima, a burocracia e a falta de articulação entre os entes federativos retardam ações essenciais para a segurança de moradores, turistas e para a proteção dos ecossistemas costeiros. “A erosão costeira é um fenômeno natural, mas tem se agravado nos últimos anos por diversos fatores, incluindo mudanças climáticas, aumento do nível do mar e intervenções humanas mal planejadas”.

Saulo Vital, professor e pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), também ressaltou que a erosão é um processo natural e, para ele, inevitável. As ações que podem ser realizadas visam muito mais retardar o avanço dessa erosão do que erradicá-la completamente, principalmente em casos como o do Cabo Branco, área de construções bem avançadas e intensa intervenção urbana.

Do ponto de vista do professor, o ideal seria desativar totalmente a estrada de acesso ao local, cujo asfalto já está rompido. Além disso, uma solução mais natural para o território é o reflorestamento. “Nossa sugestão, como pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, é transformar o local num geos-

sítio”, disse ele, explicando que a região da barreira viria a se tornar uma espécie de parque ecológico.

Outra providência seria a instalação de pequenos quebra-mares ao longo da costa, nos locais onde não há barreira de corais para conter a força das ondas. “Não é o ideal, mas ali seria uma forma de tentar retardar esse processo de erosão”, pontuou.

Saulo explicou que, geralmente, existem três tipos de soluções possíveis para situações como essa, cabendo ao Poder Público analisar os custos de cada uma, bem como os impactos ambientais envolvidos. As alternativas são: a engorda da praia, a contenção do avanço do mar ou a retirada dos imóveis afetados pela erosão, afastando a área urbana da linha da praia. Para ele, essa última opção seria a mais viável no caso da Baía da Traição.

O especialista explicou que a remoção tem sido a alternativa mais comum em países europeus que vêm sofrendo com o avanço do mar. Isso porque, apesar dos custos de desapropriação e indenização dos proprietários, as outras opções também são caras e menos eficazes. “Lá foi muito forte a questão da engorda nos anos 80 e 90, mas agora eles estão vendo que não é a melhor solução”, comentou.

Para William de Lima, é necessário tratar as questões referentes à erosão costeira com celeridade, sobretudo porque se trata de um problema da maior seriedade. “É fundamental que, mesmo respeitando as exigências legais e ambientais, os municípios busquem alternativas técnicas e jurídicas que permitam intervenções emergenciais, principalmente onde há risco imediato à vida ou ao patrimônio. A omissão, nesses casos, pode representar não apenas prejuízos materiais, mas também danos irreparáveis à imagem turística e ambiental do estado da Paraíba”.



Nas cidades costeiras existem alertas orientando sobre os perigos; no entanto, é necessário, sobretudo, medidas céleres para evitar acidentes fatais

Fotos: Leonardo Ariel



Os desgastes erosivos acontecem também em zonas residenciais, colocando em risco as pessoas que moram próximo

ESPIRITUALIDADE E FINITUDE

Como religiões encaram o suicídio

Catolicismo, espiritismo, budismo e candomblé apresentam visões distintas a respeito do ato de tirar a própria vida

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

É difícil lidar com a dor de perder um familiar ou amigo, sobretudo quando essa pessoa morreu de forma trágica, como em casos de suicídio. Nessas situações, além da saudade pela ausência do ente querido, sentimentos como a culpa também se faz presente. Quem fica, questiona-se sobre o que poderia ter feito para evitar que a pessoa tirasse a própria vida; como poderia tê-la ajudado a encontrar sentido para seguir. Nesse cenário, muitos buscam na religião o conforto para suas angústias e as respostas para os questionamentos que surgem com a dor da perda. Outra questão que ganha evidência é sobre a situação da alma do suicida: se ela encontrará a paz e a salvação.

Para essas inquietações, as religiões têm respostas diferentes. Algumas acreditam em reencarnação, permitindo que a alma possa passar por um processo de evolução, a exemplo do espiritismo; outras creem que a vida é uma só, e dizem que o suicídio, embora sendo um pecado, não determina o destino eterno de uma pessoa, que só pode ser definido por Deus, como é o caso do catolicismo.

Catolicismo
Conforme explica o padre Sandro Santos, doutor em Psicologia, a tradição católica encara casos como o suicídio com um olhar de misericórdia — perspectiva também defendida pelo papa Francisco. O sacerdote relembra um episódio da vida de São João Maria Vianney, quando, durante a celebração de uma missa, dirigiu-se a uma mulher que chorava no primeiro banco. Seu esposo havia tirado a própria vida, lançando-se de uma ponte. Na ocasião, o santo disse: “Entre a ponte e o rio, há a misericórdia de Deus agindo”. Para a mulher, aquelas palavras trouxeram consolo e esperança, reafirmando a crença de que a salvação é sempre possível, mesmo diante de situações extremas.

“A misericórdia de Deus sempre age”, afirma o padre Sandro, explicando que a Psicologia ensina a importância de acolher as famílias enlutadas, pois o suicídio costuma deixar marcas profundas, como sentimentos de culpa e percepções de punição. “É uma realidade muito difícil para essas famílias. Na Arquidiocese, estamos projetando um movimento de apoio a essas famílias que, por algum motivo, tiveram um desencontro, uma perda de sentido”, destaca.

Ele relembra ainda que, antes do Concílio de Trento — importante reunião da Igreja Católica realizada de 1545 a 1563 —, famílias de pessoas que haviam tirado a própria vida sequer podiam solicitar uma missa de sétimo dia. Esse entendimento, no entanto, mudou. Hoje, não há mais nenhuma restrição quanto a isso. O catolicismo compreende que o julgamento pertence somente a Deus.

“O papel da Igreja vai ser sempre o de bom samaritano, de acolher, de colocar o óleo da esperança. Há uma citação, no diário de Santa Faustina, no

qual Jesus diz para ela: ‘mesmo que a alma esteja em estado de putrefação, a misericórdia divina não a vê assim’. A Misericórdia de Deus nunca vê as pessoas como nós vemos, o nosso olhar é muito limitado, e a amplitude dessa misericórdia é sem dimensão”, destaca.

Doutrina espírita
O espiritismo, por sua vez, possui uma postura diferente da religião católica, cuja crença é de que a vida terrena é uma só, e após isso há uma morada eterna. Para a doutrina a alma encarna diversas vezes, passando por processos evolutivos.

De acordo com Severino Celestino — pesquisador, escritor, palestrante, pós-doutor em Ciência das Religiões e fundador do Instituto de Cultura Espírita da Paraíba (ICEPB) —, o espiritismo considera o suicídio um ato abominável, pois a vida é um dom de Deus e somente Ele tem autoridade para tirá-la. “Ainda assim, a doutrina não enxerga o ato como um fim absoluto. Para muitas religiões, o suicídio é uma porta sem volta, que leva à condenação eterna, o espiritismo, no entanto, entende que a vida não se encerra com a morte física”, explica.

O pesquisador ressalta que, geralmente, quem comete suicídio está passando por uma dor intensa e acredita que esse ato será a solução para o sofrimento. No entanto, de acordo com o espiritismo, a vida é eterna, e o espírito continuará sua jornada. “Nesses casos, o suicida passará por uma nova provação, por meio de uma reencarnação que pode ser compulsória — ou seja, sem escolha. E essa nova existência pode vir com deficiências físicas, relacionadas ao modo como o suicídio foi cometido”, afirma. Como exemplo, Celestino menciona que alguém que tirou a própria vida com um tiro no ouvido pode reencarnar com surdez. Já quem se enforcou pode retornar com algum tipo de paralisia. “São provas reparadoras, que fazem parte do processo de aprendizado e evolução do espírito”, completa.

Conforme aponta o pesquisador, a doutrina diz que muitas pessoas nascem com limitações físicas devido a suicídios cometidos em vidas anteriores.



Foto: Arquivo pessoal

Cada pessoa nossa que vai, independente de como isso aconteceu, torna-se um ancestral, nos representando do outro lado

Mãe Renilda Bezerra

res. “Isso não é uma norma geral, mas, segundo a lei de causa e efeito, a pessoa sempre vai colher as consequências do ato praticado”, destaca Celestino, esclarecendo que isso também está em citações bíblicas.

“Uma pessoa que suicidou-se vai passar por zonas umbralinas — região espiritual de transição —, diferente de outra que morreu por causas naturais, que quase sempre vai colher frutos superiores ou melhores. Cada um passa por seu julgamento pessoal no mundo espiritual”, afirma o pesquisador, explicando que, a cada reencarnação, as pessoas recebem uma nova chance de recomeçar. Quando se cumpre a tarefa que lhe foi designada, à luz da ética, da moral e do bom senso, o ser vai evoluindo. À medida que essa evolução se constrói, a reencarnação se torna menos frequente, pois a pessoa já atingiu um nível de desenvolvimento suficiente para não precisar reencarnar novamente.

Budismo
Para o Budismo, inicialmente é importante que haja a constatação de que o sofrimento existe e faz parte da condição humana, como explica a coordenadora do Centro de Estudos Budistas Bodisatva de João Pessoa (Cebb-JP), Janaina Araújo. “Algumas pessoas, diante de uma dor emocional ou existencial muito intensa, acreditam que tirar a própria vida seria uma forma de acabar com esse sofrimento, mas essa é uma ilusão. Do ponto de vista budista, o suicídio não resolve o sofrimento — ao contrário, tende a intensificá-lo. Sem o corpo físico, que tem limites para a dor e mecanismos de defesa (como o desmaio, por exemplo), a mente pode experimentar esse sofrimento de maneira ainda mais aguda”, afirma a coordenadora.

Mesmo nas situações mais difíceis, o budismo ensina que existe a possibilidade de despertar e transformar o sofrimento em caminho. “A dor do rompimento, de uma perda, de uma frustração pode parecer insuportável no momento, mas ela passa. Assim como uma paixão que termina pode, com o tempo, dar lugar a novos afetos e sentidos para a vida. O suicídio, portanto, é compreendido como um ato de desespero diante de um sofrimento que parece intransponível. O budismo ensina que a saída está no caminho da consciência, não na fuga”, destaca Janaina, ao apontar, ainda, que não se trata de julgar quem pensa em suicídio, mas de lembrar que ainda há caminho e possibilidades de lidar com o sofrimento.

Religião de matriz africana
No Candomblé, a crença é de que aqueles que morrem tornam-se ancestrais, como explica a lalorixá Mãe Renilda Bezerra. “Cada pessoa nossa que vai, independente de como isso aconteceu, torna-se um ancestral, nos representando do outro lado”. Segundo a crença da religião de matriz africana, essas pessoas também retornarão à vida terrena. “Você vai sim, mas volta com certeza para a Terra, numa outra missão. E nós, que cremos nos ancestrais, sabemos que qualquer pessoa que vai, de qualquer modo, voltará”, ressalta.



Foto: Divulgação/Nipps

Iracilda Cavalcante (à esquerda), idealizadora do Nipps, instituição fundada em 2019



Foto: Divulgação/Nipps

Núcleo promove atividades interdisciplinares para a superação do trauma familiar

Nipps estimula posvenção para ajudar na superação do luto

Quando ocorre um suicídio, o sentimento de culpa costuma tomar conta de muitos dos familiares. Nesse sentido, a posvenção torna-se um caminho importante. Ela configura-se como um conjunto de atividades mobilizadas em torno das famílias enlutadas pela morte de um ente querido por suicídio, conforme explica Iracilda Cavalcante de Freitas, psicóloga, pesquisadora, escritora, fundadora e presidente da Associação Núcleo Integrado de Prevenção e Posvenção do Suicídio (Nipps). “O termo [postventions/ em inglês] foi criado pelo psicólogo americano Edwin Shneidman (1975). O objetivo das ações de posvenção é amenizar o sofrimento dos parentes que, nesse contexto, passam a integrar um grupo de risco do suicídio. Desse modo, o trabalho da posvenção assume uma grande importância como ação de prevenção do suicídio”, afirma.

Freitas comenta que, após

o suicídio de um parente, é natural que surjam emoções como medo, culpa, raiva e sentimento de impotência, por exemplo. “Nesse contexto, é necessário que as pessoas envolvidas tenham conhecimento das ações que integram os cuidados de posvenção, e que existe um profissional habilitado na oferta específica desses serviços, no caso, o profissional da Psicologia, capacitado no trato de todas as modalidades de luto. Além de outros profissionais que atuam nesse contexto em caráter complementar, a exemplo dos terapeutas holísticos”, destaca.

O Nipps, que nasceu em João Pessoa em 2019, possui uma equipe de multiprofissionais voluntários, criada com o objetivo de oferecer serviços de prevenção e posvenção do suicídio. “O Nipps apresenta um caráter laico, não possui vinculação religiosa, política partidária, nem financeira com qualquer instituição ou

partido. Ele é mantido pelos associados, pelo bazar e por doações advindas de qualquer setor da atividade humana ou de pessoa física que seja sensível a causa da prevenção e posvenção do suicídio”, explica.

Os familiares que buscam os serviços do Nipps além de receber os cuidados de psicoterapeutas e terapeutas holísticos, podem também receber serviços de orientação no campo social, como explica ainda Iracilda. “A associação, entende o suicídio, assim como Émile Durkheim, o pai da Sociologia e a Organização Mundial da Saúde (OMS), como um problema social que demanda a integração de profissionais de diferentes campos de atividades e da sociedade como um todo”, conclui.

Quem precisar dos serviços ou quiser saber mais sobre o trabalho do Nipps, pode acessar a página da associação nas redes sociais, por meio do @associaçãonipps.

INTELIGÊNCIA POLICIAL

Estratégias para desarticular o crime

Com operações coordenadas e presença ostensiva pelo estado, forças de segurança ampliam números de apreensões

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Todos os anos, fuzis, munições, explosivos e toneladas de drogas passam pelas rodovias federais da Paraíba ou são escondidos em galpões no estado. Somente no primeiro semestre deste ano, a Polícia Rodoviária Federal (PRF) apreendeu mais de 1,7 tonelada de cocaína, sendo 1,3 tonelada só em junho — volume aproximadamente 17 vezes maior que o total registrado em 2024, que fechou com 77 kg. No mesmo ritmo, a Delegacia de Repressão ao Crime Organizado (Draco) retirou de circulação, apenas no ano passado, 1,54 tonelada de drogas, 98 armas de fogo e 2.580 munições, contra 650 kg de entorpecentes, 675 balas e 23 armamentos em 2023. E, se os números impressionam, o que mais chama a atenção é o avanço das operações contra o crime organizado no estado, que estão mais rápidas e articuladas.

À frente da Draco, unidade da Polícia Civil da Paraíba (PCPB), o delegado titular Diego Beltrão destaca que as ações têm se tornando mais precisas e estratégicas. Com base em inteligência policial, monitoramento constante e articulação entre diferentes forças de segurança, o enfrentamento do crime organizado passou a mirar mais alto e de



Foto: Divulgação/PCPB

No ano passado, a Draco retirou de circulação 1,4 tonelada de maconha e 92,7 kg de cocaína, gerando um prejuízo de mais de R\$ 9 milhões aos traficantes

forma decisiva. “Estamos fazendo operações cirúrgicas, com grandes apreensões direcionadas, cada dia mais, à cúpula do crime organizado. Não adianta combater apenas os operadores de baixo se você não atingir a estrutura”, explica. As estatísti-

cas da Draco ilustram bem essa afirmação: em 2024, foi apreendida 1,4 tonelada de maconha e 92,7 kg de cocaína, as duas drogas que mais circulam pelo estado, segundo o órgão. Aliás, juntas, elas representaram um prejuízo superior a R\$ 9 milhões aos

traficantes, sendo R\$ 5,5 milhões apenas com a cocaína.

Como parte dessa estratégia, a Draco também tem atuado de forma preventiva, ainda que essa não seja sua atribuição principal, que cabe à Polícia Militar do estado (PMPB). Na prática, o tra-

balho investigativo permite dismantelar ações criminosas antes mesmo que elas aconteçam. E é nesse ponto que a inteligência policial faz toda a diferença. Diego Beltrão cita como exemplo um caso ocorrido no município de Cubati, onde sete crimi-

nosos acabaram morrendo durante um confronto com a polícia. “Eles estavam prontos para realizar um assalto em Taperoá, mas, por conta da investigação, conseguimos identificar e chegar a eles antes que efetuassem a ação criminoso”, conta.

Nas rodovias federais, PRF detecta suspeitos e intercepta cargas ilegais

Enquanto a Draco investiga, nas estradas, o trabalho da PRF também não para. A presença nas BRs que cruzam o estado tem sido constante e os resultados mostram isso. Como destaca Francimuller Nascimento, agente responsável pela Comunicação Social da instituição, embora a rotina seja marcada por abordagens cotidianas, o trabalho minucioso dos agentes tem permitido interceptações que ajudam a desarticular o tráfico de drogas por aqui, a exemplo da ação ocorrida no mês passado. “A Paraíba não tem um histórico de grandes apreensões, mas, neste ano de 2025, por conta dessa apreensão vultosa de 1.310 kg de cocaína em uma carreta, a gente bateu um recorde que chama muito a atenção”, reflete.

Foi justamente essa a operação que entrou para a história como a maior apreensão de cocaína já registrada na Paraíba. Aconteceu na noite de 20 de junho, no km 127 da BR-101, em Alhandra, durante a Operação Festejos Juninos. As manobras suspeitas de um caminhão levaram a equipe da PRF a pará-lo e, ao abordar o veículo, chamou a atenção da polícia não só o nervosismo do motorista, mas também algumas inconsistências sobre a carga. No compartimento, os agentes encontraram 63 caixas de papelão com centenas de tabletes de cocaína, escondidos entre outras mercadorias. O condutor, um homem de 40 anos, natural de São Paulo



Foto: Divulgação/PRF

Paraíba registrou, em junho, sua maior apreensão de cocaína

(SP), foi preso em flagrante. Segundo Francimuller, cargas como essa costumam partir de estados como Paraná e São Paulo, mas também de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, evidenciando como a Paraíba acaba sendo “atravessada” por rotas interestaduais.

Rotina vigilante

No dia a dia, o trabalho da PRF é marcado por uma rotina que combina vigilância e olhar atento. Tendo em vista que ainda não se utilizam cães farejadores por aqui, as equipes dependem da percepção treinada dos próprios agentes, atentos a qualquer comportamento que fuja do padrão. “Você pode, muito bem, abordar um veículo por uma questão de trânsito e isso evoluir durante a entrevista, com a pessoa caindo em contradição e demonstrando nervosismo, sem falar na verificação que fazemos no próprio

carro”, detalha o agente.

De forma complementar, o monitoramento por vídeo, com câmeras instaladas em pontos estratégicos das rodovias — como a rede dos Centros Integrados de Comando e Controle (CICCs) —, também é uma ferramenta importante nesse processo. Voltadas principalmente à segurança viária, os equipamentos registram desde ultrapassagens proibidas até o uso do celular ao volante, mas também podem ajudar a detectar movimentações suspeitas. “Essas câmeras, ao identificar algum comportamento dissonante da normalidade, vão chamar a atenção e, eventualmente, podem suscitar algum tipo de abordagem pelas nossas equipes”, completa Francimuller. É assim que muitas apreensões têm início, com um simples desvio de conduta podendo terminar em flagrante e prisão.

Integração dos órgãos é decisiva no combate a grupos organizados

Independentemente de qual seja o órgão envolvido, o sucesso de qualquer operação contra o crime organizado depende da articulação entre as forças de segurança. Tanto Francimuller, da PRF, quanto Diego Beltrão, da Draco, reforçam a importância dessa sinergia no trabalho investigativo e de campo. Do lado da Polícia Civil, o delegado é direto: “Hoje, não se fala em combater o crime organizado se não houver ajuda mútua, uma troca de informações entre as unidades de segurança”. Essa integração envolve desde outras delegacias ligadas à Polícia Civil até a Polícia Militar e órgãos federais.

Já Francimuller ressalta a cooperação como uma característica intrínseca ao trabalho da PRF. “Embora a gente não faça operações conjuntas fora das rodovias federais, por questões legais, compartilhamos informações nas BRs. Trabalhamos em conjunto para que a sociedade, como um todo, ganhe”, sublinha. Segundo ele, essa troca de dados é fundamental, sobretudo para as grandes apreensões, que envolvem tráfico interestadual e ações coordenadas entre os estados.

Cobertura ampla

Nesse sentido, um dos

fatores que têm fortalecido o combate ao crime no território paraibano é a descentralização da atuação da Draco. Conforme detalha o delegado titular, a unidade conta, hoje, com bases estrategicamente posicionadas em todo o estado. São três ao todo: em João Pessoa, Campina Grande e no Sertão. Para Diego, essa configuração tem garantido mais eficiência no enfrentamento do crime, já que as operações não ficam concentradas somente na capital, como costumava acontecer. “Em outros estados, preferem focar apenas na capital e acabam não tendo um olhar para o interior”, argumenta. Além da presença territorial, ele também destaca, como avanços importantes, o reforço no efetivo — hoje, com 33 policiais —, o aprimoramento do armamento e o investimento em tecnologia — fatores que, juntos, ampliaram significativamente a capacidade de resposta da delegacia especializada da Polícia Civil.

Entretanto, mesmo com esse salto operacional, o delegado aponta um obstáculo que, em sua avaliação, ainda limita o combate ao crime: a própria legislação. Segundo ele, como a estrutura dessas facções é dinâmica, a ponto de se infiltrar nas

instituições, faz-se necessário agir mais rapidamente, inclusive do lado da Justiça. “A complexidade do crime organizado exige respostas legais que vão além do Direito Penal tradicional. É preciso fornecer à Polícia Judiciária instrumentos que permitam uma atuação rápida, eficaz e incisiva contra a estrutura dessas organizações. A aplicação branda da lei e a impunidade só favorecem a continuidade das atividades criminosas”, observa Diego.



Foto: Divulgação/PCPB

Hoje, não se fala em combater o crime organizado se não houver ajuda mútua entre as unidades de segurança

Diego Beltrão

CAMINHOS DO FRIO

Rota cultural chega à Terra das Flores

Festival desembarca em Pilões, oferecendo aos visitantes uma oportunidade de conhecer as variadas atrações locais

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Localizado a 115 km de João Pessoa e a apenas 70 km de Campina Grande, o município de Pilões, no Brejo paraibano, possui uma população de 6.815 habitantes, de acordo com o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mas não dá para se enganar pelo tamanho; a cidade reserva inúmeros atrativos para quem deseja conhecê-la, incluindo cachoeiras, gastronomia riquíssima, o maior rapel do estado e uma verdadeira vocação para o cultivo de flores — sendo conhecida, inclusive, como a Terra das Flores, por causa da atuação da Cooperativa de Floricultores do Estado da Paraíba (Cofep), sediada na região.

Com tantas experiências a oferecer aos visitantes, desde os adeptos do turismo de aventura aos que preferem apreciar o clima ameno tomando um bom vinho, não é à toa que Pilões integra a 18ª edição da Rota Cultural Caminhos do Frio. Lançado na última segunda-feira (30), no município de Areia — onde prossegue até hoje —, o circuito desembarca, amanhã, na chamada Terra das Flores, para uma agenda estendida até o dia 13 de julho. Quem for participar do evento, durante esse período, poderá não apenas conferir a programação variada de atividades, mas também prestigiar as atrações turísticas de Pilões, além de conhecer a



Foto: Teresa Duarte



Foto: Divulgação/Secom-PB

cultura local.

Afinal, os roteiros do Caminhos do Frio para as 10 cidades paraibanas que o receberão neste ano, até setembro, foram elaborados de maneira que cada uma delas exponha seus principais atrativos, das belezas naturais às manifestações populares. “Cada cidade prepara algo muito especial para sua semana específica. Então, a gente espera que o turismo do Brejo seja muito mais intensificado nesse pe-

ríodo, em que as prefeituras e as secretarias de Turismo vêm planejando uma programação mais qualificada, que atraia cada vez mais turistas”, explicou o presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinan-

do Lucena.

Ao lado das secretarias de Cultura (Secult) e de Turismo e Desenvolvimento Sustentável (Setde), a PBTur representa o Governo do Estado no apoio ao festival. O evento é uma iniciativa do

Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano e também conta com a colaboração do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) e da Federação do Comércio de Bens, Servi-

ços e Turismo (Fecomércio) do estado, além das gestões municipais das 10 cidades participantes — Areia, Pilões, Matinhas, Solânea, Serriaria, Borborema, Remígio, Bananeiras, Alagoa Grande e Alagoa Nova.

Música, cordel, artesanato e culinária compõem a programação

Com encerramento previsto para o dia 7 de setembro, quando conclui sua agenda em Alagoa Nova, última cidade da rota, o Caminhos do Frio oferece diversas atividades, relacionadas a áreas como artes, cultura, culinária e meio ambiente, desde shows musicais e espetáculos cênicos até experiências gastronômicas e ecoturismo. Em sua 18ª edição, o circuito intermunicipal consolidou um formato que serve de referência para outras localidades, como observou o vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro, presente no lançamento do projeto deste ano, em Areia.

“A gente vê que o modelo do Caminhos do Frio tem sido um exemplo para outras regiões, para cidades que têm se unido por possuírem características semelhantes e, assim, formam roteiros com atrações afins para atrair visitantes, fortalecer o turismo, gerar empregos e renda, movimentar a economia”, pontuou. “Essa é a finalidade de espaços como esse, valorizar a cultura, mostrando programações diferenciadas para aqueles que vêm visitar. Vamos prestigiar nossa terra, conhecer e aprofundar-se na sua história, porque temos muita riqueza por aqui”, enfatizou.

A semana de atividades em Pilões reúne, por exemplo, oficinas de fotografia,



Foto: Teresa Duarte

Evento vai destacar os pratos do Memorial Casa de Farinha

percussão e bordado; apresentações de quadrilhas juninas, de grupos regionais e do poeta Jessier Quirino; desfile de moda; e feira de gastronomia e artesanato. Também fazem parte do roteiro visitadas a grandes atrativos turísticos locais, como o Memorial Casa de Farinha, onde é possível acompanhar a produção da farinha de mandioca e degustar vários pratos derivados da raiz; as cachoeiras de Ouricuri e da Manga, belos cenários, entre trilhas e montanhas, para os amantes de paisagens naturais; a Pedra do Cruzeiro, construção rochosa cujos 200 m de altu-

ra oferecem o maior rapel da Paraíba, além de ser um símbolo de fé para os católicos, abrigando uma capela erguida em homenagem a Nossa Senhora do Livramento; e, claro, a Cooperativa de Floricultores da Paraíba.

Fundada em 1999, por mulheres da região, e situada no Sítio Avarzeado, a Cofep produz de 200 a 400 pacotes de flores por semana — incluindo margaridas, gérbas e crisântemos, entre outras —, beneficiando cerca de 30 famílias e abastecendo não só a Paraíba, mas também estados vizinhos, como Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Saiba Mais

Confira a agenda completa de atividades do Caminhos do Frio em Pilões:

■ Segunda-feira (7 de julho)

19h30 — Solenidade de abertura
21h — Show musical com Laiz e Luiza

■ Terça-feira (8 de julho)

9h e 14h — Roda de conversa (“Os Potiguara: o que não te contaram sobre nós”)
9h e 14h — Oficina de fotografia com celular
18h — Feira de gastronomia e artesanato
19h — Culminância do concurso da oficina de fotografia
20h — Intercâmbio cultural: Grupo Flor da Idade e Cirandeiras de Alagoinha
21h — Quadrilha junina Bela Vista
22h — Show musical com Sanfona de Ouro

■ Quarta-feira (9 de julho)

8h e 14h — Oficinas de produção de cerâmica, de cestaria indígena e de percussão
20h — Orquestra Prima, do Governo do Estado
21h — Desfile de moda Resignificando o Crochê
21h — Show musical com Luciano Xote

■ Quinta-feira (10 de julho)

8h — Oficina de bordado popular
9h — Arqueólogo Por um Dia: demonstração de escavação arqueológica
12h — Almoço com forró pé de serra
14h — Oficinas de gastronomia indígena e de bordado popular
19h — Festival de Cordel de Pilões
20h — Jessier Quirino no Festival de Cordel
21h — Grupo Cultural Xaxado
22h — Show musical com Tinho e Banda

■ Sexta-feira (11 de julho)

9h30 e 14h — Contação de histórias infantis
9h30 — Arqueólogo Por um Dia: demonstração de escavação arqueológica
15h — Chá da tarde cultural
18h — Feira de gastronomia e artesanato
19h30 — Quadrilha junina Karkará
21h — Show musical com Os Três do Xamego
23h — Show musical com Alcymar Monteiro

■ Sábado (12 de julho)

A partir das 8h — Visita ao Museu de Arqueologia de Pilões; café da manhã tradicional no Memorial Casa de Farinha; visita à Cofep; visita às cachoeiras de Ouricuri e da Manga; turismo de aventura na Pedra do Cruzeiro; chá da tarde no Targino's Sítio; e visita a fábrica de cocada
12h — Almoço com música ao vivo
20h — Show musical com Jordan e Banda
22h — Show musical com atração a confirmar
0h — Show musical com Lalo Sanfoneiro e banda

■ Domingo (14 de julho)

7h — Forró na Feira Livre
8h — Corrida de jipe
12h — Experiência gastronômica em restaurantes

MÚSICA

Agenda cheia para os grandes shows

Os meses de julho, agosto e setembro reservam atrações de peso pelos palcos paraibanos

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Na semana passada, a notícia da vinda de Roberto Carlos especialmente para o aniversário de João Pessoa, no 5 de agosto, deixou os pessoenses e os paraibanos animados com a realização de um grande show, aberto e gratuito. Mas o rei não está sozinho: nos próximos meses, João Pessoa e outras cidades da Paraíba receberão grandes apresentações musicais, com nomes de peso como Alcione, Nando Reis, Ana Carolina, Marcelo Falcão, Alceu Valença, João

Gomes, Paulo Ricardo, Biquíni Cavadão e Humberto Gessinger.

Há até atrações internacionais, como Gabriela Spanic, famosa por interpretar as protagonistas da novela *A Usurpadora*. Entre as curiosidades, os fãs dos Engenheiros do Hawaii poderão reencontrar o trio original, embora em shows diferentes. O guitarrista Augusto Licks e o baterista Carlos Maltz tocam no dia 12, no Clube Cabo Branco, enquanto Humberto Gessinger apresenta-se nos dias 5 e 6 de setembro, respectivamente no Spazzio, em CG, e no Teatro Pedra do Reio, em JP.



Foto: Divulgação

TIÊ
Quinta, 10/7, 18h40. No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, João Pessoa). De R\$ 70 (meia) a R\$ 140 (inteira)

A cantora paulista é atração do projeto Seis e Meia, no mês de agosto. O show faz parte da turnê *Cartas de Amor*, que traz um repertório que celebra a intimidade nas relações, músicas do repertório geral de Tiê e ainda homenagens a Adoniran Barbosa e Dolores Duran. Durante a apresentação, Tiê acena para com o público, convidando-o a participar lendo cartas, bilhetes e mensagens de amor. Além da Paraíba, a apresentação passou por estados como Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo, Pará e Rio Grande do Norte. O show de abertura será de Walter Guimarães.

Foto: Claudio Malta/Divulgação



LICKS & MALTZ
Sábado, 12/7, 20h. No Clube Cabo Branco (Miramar, João Pessoa). De R\$ 80 (meia) a R\$ 160 (inteira)

Ex-integrantes do Engenheiros do Hawaii, Augusto Licks (guitarra, violão, teclado) e o Carlos Maltz (bateria) (que formavam o trio com Humberto Gessinger) revisitam grandes canções de todos os álbuns do grupo do Rio Grande do Sul.

Fotos: Divulgação



ALCEU VALENÇA + JOÃO GOMES + CAPITAL DO SOL
Domingo, 20/7, 12h. No Vila Sítio São João (Dinâmica, Campina Grande). De R\$ 65 (meia) a R\$ 130 (inteira)

Grande encontro entre o forró estilizado mais atual, as músicas mais históricas do forró romântico e a animação tropical de Alceu Valença.

Foto: Divulgação



ALESSANDRA LEÃO
Sábado, 26/7, 17h. Na Vila do Porto (Varadouro, João Pessoa). De R\$ 30 (promocional) a R\$ 60 (inteira).

Cantora apresenta o show *Acesa*, baseado no seu último álbum, de 2021, que explora a festa e o sagrado em diversas tradições populares brasileiras, como coco, ciranda, maracatu, jurema, candomblé e umbanda.

Foto: Divulgação



THE BEATLES ABBEY ROAD
Quinta, 31/7, 19h30. No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, João Pessoa). De R\$ 70 (frisas/meia) a R\$ 180 (plateia/inteira)

Show da banda de tributo aos Beatles, que completa 20 anos de existência e já foi consagrada no Reino Unido por três vezes como a melhor banda Beatles do mundo.

Fotos: Warner Bros. / Divulgação



ROBERTO CARLOS
Terça, 5/8, horário a definir. No Busto de Tamandaré (Tambaú, João Pessoa). Gratuito

No aniversário da cidade, a capital paraibana receberá o cantor apresentando seus grandes sucessos no palco à beira-mar de Tambaú. Repertório deve trazer desde as baladas mais antigas até as românticas mais recentes.

Fotos: Divulgação



ALCIONE + JOSÉ AUGUSTO
Sábado, 9/8, 21h. No Spazzio (Catolé, Campina Grande). De R\$ 80 (frontstage/meia) a R\$ 2.000 (lounge/ 10 pessoas)

Dois ícones da música brasileira estarão no palco do projeto Paixão em Dose Dupla. Alcione traz o samba e sucessos românticos; José Augusto, seus clássicos românticos.

Foto: Divulgação



MONICA SALMASO
Sábado, 9/8, 21h. No Intermare Hall (Amazonia Park, Cabedelo). De R\$ 20 (vip/balcão) a R\$ 150 (plateia/inteira)

Cantora apresenta show da turnê *Minha Casa*. Segundo a cantora, o show é “o ontem, o hoje, o que é para sempre”, trazendo um passeio pela trajetória da artista e músicas inéditas.

Foto: Divulgação



ANA CAROLINA + MARCELO FALCÃO
Caminhos do Frio de 11 a 17/8, dias e horários dos shows não divulgados. Remígio. Gratuito.

Os artistas foram anunciados, mas as datas e locais dos shows ainda não foram oficialmente divulgados. Ana Carolina celebra 25 anos de carreira. O ex-vocalista d'O Rappa canta sucessos da banda e músicas autorais.

Foto: Divulgação



JAMPA ROCK FESTIVAL
Sábado, 16/8, 18h30. No Espaço Cultural (Tambauzinho, João Pessoa). De R\$ 120 (meia) a R\$ 1.000 (Experience Jampa Rock)

Biquíni Cavadão e Ira (foto), bandas lendárias do rock brasileiro, e Paulo Ricardo (que marcou época à frente do RPM) são as principais atrações do festival, ao lado dos grupos Black Machine e Pop 3, numa celebração do gênero.

Fotos: Divulgação



GABRIELA SPANIC
Quinta, 21/8, 19h30. No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, João Pessoa). De R\$ 80 (frisas/meia) a R\$ 200 (plateia/inteira)

Show da cantora e atriz venezuelana, que encantou gerações como protagonista da novela *A Usurpadora*. A apresentação faz parte de turnê que percorre seis cidades brasileiras e reúne música e histórias de bastidores.

Fotos: Carol Siqueira/Divulgação



NANDO REIS
Sexta, 22/8, 21h. Bananeiras. Gratuito.

Um dos maiores nomes do rock brasileiro, Nando Reis é atração do Caminhos do Frio em Bananeiras, com seu álbum e turnê *Um Estrela Misteriosa*, além de trazer alguns de seus sucessos mais antigos. Marcelo Falcão canta em Bananeiras, na noite seguinte.

Fotos: Mo Acunha/Divulgação



ABBA EXPERIENCE
Quinta, 04/09, 21h30. No Teatro Facisa (Sandra Cavalcante, CG). De R\$ 60 (camarote/meia) a R\$ 160 (plateia/inteira)
Sexta, 05/09, 21h30. No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, JP). De R\$ 80 (frisas/meia) a R\$ 180 (plateia/inteira)

Tributo ao ABBA é show com mais de 25 integrantes trazendo a história da banda.

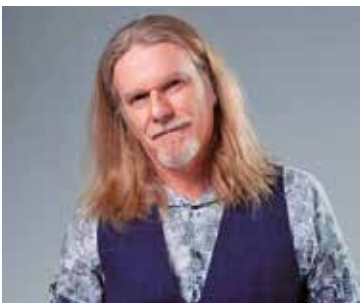
Fotos: Marcus Steinmeyer/Divulg.



ANA CAÑAS
Quinta, 4/9, 18h40. No Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, João Pessoa). De R\$ 70 (meia) a R\$ 140 (inteira)

Cantora é atração do projeto Seis e Meia em setembro, com atração de abertura de Carol Rodrigues. Show apresenta seu novo álbum, *Vida Real*, que traz temáticas de relacionamento, cotidiano e feminismo.

Foto: Divulgação



HUMBERTO GESSINGER
Sexta, 5/9, 21h. No Spazzio (Catolé, Campina Grande). De R\$ 70 (frontstage/meia) a R\$ 1.500 (lounge/ 10 pessoas)
Sábado, 6/9, 19h. No Teatro Pedra do Reino (João Pessoa). De R\$ 90 (balcão/meia) a R\$ 340 (plateia A/inteira)

Cantor apresenta o show *Acústico Engenheiros do Hawaii*, com músicas icônicas.

Foto: Divulgação



DUCA LEINDECKER
Quarta, 17/9, 20h. No Teatro do Sesc (Centro, Campina Grande). De R\$ 110 (meia) a R\$ 220 (inteira)
Sábado, 20/9, 21h. No Teatro do Sesc (Centro, João Pessoa). De R\$ 90 (meia) a R\$ 200 (plateia gold).

No show voz e violão, o cantor atende pedidos pelo instagram e no show, e mostra músicas de sua trajetória.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Metodologias em ciências sociais

A melhor maneira de entender as metodologias científicas nas Ciências Sociais não é reduzi-las, pragmaticamente, à condição de simples técnica ou mero instrumento de trabalho. O que convencionamos chamar de pesquisa quantitativa e qualitativa — como o uso de estatística regressiva, *survey*, observação participante, etnografia — pode ser visto como um tipo de ferramenta científica. Mas pouco saberemos sobre essas ferramentas se as isolarmos das teorias, das perguntas de pesquisa, do conhecimento sobre o campo que estamos estudando e da maneira como lidamos com os dados. Quando as Ciências Sociais surgiram na Europa, no século 19, uma das principais preocupações de seus teóricos era garantir a essas disciplinas um *status* de cientificidade. Naquela época, a Física já havia alcançado um grau de sofisticação muito elevado, servindo de modelo para muitas áreas científicas que estavam surgindo. Copérnico, Kepler e Galileu sepultaram a Física aristotélica e Newton, no século 18, criou o sistema científico mais brilhante e refinado até então. Ele oferecia uma explicação integrada para os fenômenos celestes e terrestres, provocando uma revolução na história da ciência. Newton estabeleceu leis universais do movimento, baseadas no cálculo matemático e numa visão mecanicista da natureza — uma realização profundamente influenciada pelo pensamento iluminista, que valorizava a razão e concebia o universo como um todo ordenado e racional. O sucesso de Newton e da Física repercutiu no pensamento filosófico e nas

disciplinas científicas que surgiriam depois dele. A Sociologia foi diretamente impactada. Émile Durkheim, um dos pais dessa disciplina, buscava descobrir as leis universais que regeriam o funcionamento das sociedades. Em sua visão, seria possível estudar a sociedade da mesma forma como os físicos estudam a natureza — ou seja, identificando leis eternas e universais, regularidades e padrões. Caberia aos sociólogos formular leis gerais, usar métodos quantitativos e comparativos, sob o lema comteano “conhecer para prever, prever para agir”. Essas ideias encontraram forte adesão, mas, ao mesmo tempo, foram alvo de grandes disputas. A Sociologia não se firmou de forma homogênea, com base em um único paradigma, como o “estado de ciência normal” descrito por Thomas Kuhn. Desde o século 19, diferentes posições teóricas disputam espaço nesse campo, cada uma com visões distintas sobre o que é a sociedade e como ela deve ser estudada. Max Weber, por exemplo, discordava frontalmente de Durkheim e dos positivistas. Para ele, não cabia à Sociologia descobrir causas ou leis universais, mas entender os sentidos subjetivos da ação humana, reconstruindo os motivos que a envolvem — valores, afetos, crenças, tradições. Como observou a antropóloga Miriam Goldenberg, a Sociologia compreensiva está intimamente ligada ao historicismo alemão, que defendia a separação entre natureza e cultura, entre ciências da natureza e ciências humanas. Aceitar essa distinção leva, portanto, à necessidade de metodologias diferentes para estudar cada uma dessas realida-

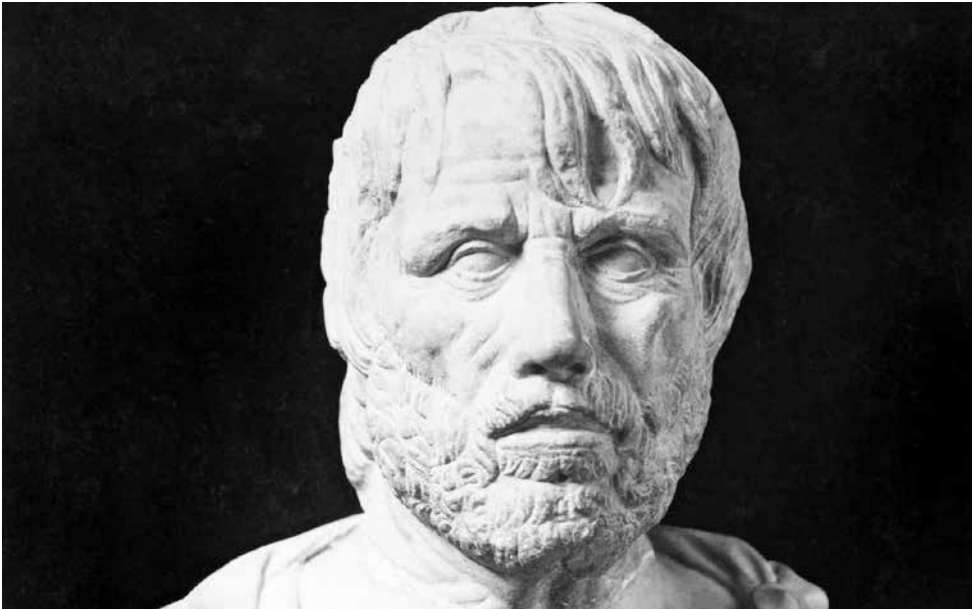
des. Segundo Goldenberg, Weber tomou emprestada a ideia de *verstehen* proposta por Dilthey, isto é, um método para compreender o sentido interno das ações humanas e reconstruir a experiência vivida dos sujeitos. O principal interesse da Ciência Social, na visão de Weber, é justamente o comportamento social dos indivíduos e seus sentidos. Essa perspectiva teórica abriu caminho para as metodologias qualitativas, que, como o nome indica, “estão mais preocupadas com a qualidade da informação” ou com os “meios pelos quais a vida social acontece”. Será, porém, com os antropólogos, ao longo do século 20, que as metodologias qualitativas vão se desenvolver de forma mais impressionante. Nomes como Franz Boas e Bronislaw Malinowski redefiniram a maneira como os cientistas sociais produzem e analisam dados. Antes, era comum que antropólogos se baseassem em relatos de viajantes, sem qualquer contato direto com os grupos que estudavam. Foi daí que nasceu o método etnográfico, o diário de campo e a observação participante. Malinowski propôs que, durante o trabalho de campo, o pesquisador investigasse três aspectos: o discurso dos nativos sobre suas próprias ações, as práticas efetivamente realizadas por eles e as concepções ou significados que atribuem às suas atividades. Isso reforça a ideia de que, nas Ciências Sociais, lidamos com realidades complexas, marcadas por símbolos e por indivíduos dotados de agência. Como dizia Clifford Geertz, os cientistas sociais fazem interpretações das interpretações feitas pelos sujeitos que eles estudam.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Simplicidade e existência

Nos dias atuais, o estilo de vida de muitas pessoas está cada vez mais acelerado e marcado por excessos. Nessa angústia disfuncional, a simplicidade surge como uma escolha consciente por uma vida mais leve e harmoniosa. O que é simples contém uma força silenciosa, capaz de reorganizar prioridades e promover um bem-estar inalterável. Vivenciar a simplicidade significa preservar a serenidade interior, ao invés de desperdiçar tempo com superficialidades ou buscar a acumulação de bens materiais. Esse processo conduz à valorização das pequenas coisas — uma conversa sincera, o sabor de uma refeição, um momento de silêncio. Viver de forma simples favorece a saúde emocional, física e mental. No entanto, essa escolha exige sabedoria: é preciso discernimento para renunciar ao desnecessário e reconhecer o valor do essencial no que é melhor para si. A complexidade da vida moderna — com suas pressões constantes e expectativas irreais — frequentemente leva à ansiedade, ao estresse, à sensação de vazio e aos relacionamentos pautados por aparências e excessos. Observa-se que, quanto mais complexa torna-se a sociedade, mais urgente se faz o retorno ao que é essencial: aquilo que é verdadeiramente útil, necessário e vital para uma existência feliz. Nesse desafio, a simplicidade inspira uma atitude transformadora: eliminar o supérfluo, cultivar o silêncio, a introspecção e o autoconhecimento. Quando não se está preocupado em impressionar, acumular, mendigar reconhecimento ou aprovação em redes sociais, a pessoa torna-se mais disponível para o outro. O diálogo torna-se mais respeitoso, a empatia surge e os relacionamentos tornam-se solidários. A simplicidade ensina que a verdadeira riqueza está em usufruir do necessário com gratidão, e não em consumir sem limites. Priorizar o simples é um meio para desenvolver sabedoria e construir uma vida mais virtuosa. O filósofo grego Sócrates (470 a.C.–399 a.C.) afirmava: “O homem que é feliz com o mínimo é o mais rico de todos”. Para ele,



Sêneca: “A vida feliz está em conformidade com a natureza e se contenta com o necessário”

a simplicidade era uma virtude essencial, capaz de libertar o ser humano dos desejos excessivos que corrompem as virtudes e desviam a felicidade de seu propósito ético. Viver com menos não representava empobrecimento, mas sim libertação. Sócrates reconhecia na riqueza interior o verdadeiro bem — um patrimônio que só pode surgir de uma vontade desapegada, sóbria e em harmonia com a razão. Na tradição oriental, o taoísmo de Lao Tsé (571 a.C.–531 a.C.) também enaltece a simplicidade como uma das mais elevadas virtudes. Em sua obra *Tao Te Ching*, o mestre ensina que a natureza do Tao — o caminho da sabedoria — é simples, fluida e espontânea. O sábio, segundo Lao Tsé, vive de forma despretensiosa, em harmonia com a natureza e com o fluxo natural da vida. Para ele, “A simplicidade é o último grau da sofisticação”. Nesse sentido, a verdadeira força reside em viver com leveza, sem oferecer resistência ao que é essencial e autêntico. No Ocidente moderno, o autor, poeta, naturalista e filósofo norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862) também incorporou esse ideal ao retirar-se para uma cabana na floresta, onde viveu por dois anos e escreveu o clássico *Walden*, publicado em 1854. Nessa obra, Thoreau proclama: “Simplifique, simpli-

fique” — uma frase que se tornou símbolo da resistência aos excessos, à pressa e à superficialidade da vida moderna. A simplicidade também se manifesta no pensamento de Leonardo di Ser Piero da Vinci (1452-1519), cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico italiano. Ele declarou que “a simplicidade é o último grau de sofisticação”. O advogado, escritor e filósofo estoico Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.–65 d.C.) defendia a ideia de que “A vida feliz é aquela que está em conformidade com a natureza e se contenta com o necessário”. Assim, a simplicidade conduz à autossuficiência e à paz interior, fundamentos essenciais para uma vida autêntica, feliz e com um sentido de beleza na existência.

Sinta-se convidado à audição do 526º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 6, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, analisarei as influências do princípio da simplicidade na fase do classicismo do século 18 na música erudita, com ênfase em algumas obras do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Vanessa canta Gal

Vanessa da Mata gravou “Nada mais”, canção originalmente de Stevie Wonder, regravada por Gal Costa. É a última faixa de seu novo disco *Todas Elas*, em que Vanessa presta homenagem a Gal, que faleceu em 2022, mas seu nome nunca vai morrer. Parece que Gal foi dançar com seus ancestrais, consolo nosso, desse jeito brasileiro, que não consegue se acostumar com as perdas, mas é essa a sensação: de que a música de Gal passa para gente. Quem ouvirá Gal Costa daqui a 100 anos? Vanessa tem uma voz única e bateu saudades da voz de Gal. Impressionantes os perfis que não param de brotar, multiplicam-se nas redes sociais — @galtropical, @galinternacional @galtodas — tantos fás, tantas Gal numa só, que mantém viva sua imagem. As fotografias de Gal no rico acervo de Thereza Eugênia, que tem um olhar particular para a existência de uma personagem, sempre pensando em outras formas de fazer Gal existir, centenas de vezes, fotos de época e uma ideia autoral de fazer babar qualquer fotógrafo. A canção “Nada mais”, fala de um desencontro. Gal não era isso, era uma explosão da voz, e Vanessa fez com essa canção, a voz tão Gal, “Gal sempre”, como diz Caetano Veloso por onde passa — “Gal sempre”. Viva Gal Costa e que os espíritos de luz nos iluminem. Vanessa chega ao topo na interpretação, da grande beleza da apresentação de Gal Costa em Montreux, em 1985, quando interpretou “Nada mais (Lately)”, de Stevie Wonder — versão Ronaldo Bastos. Nada é igual ao momento Gal, com todo o seu esplendor, em plena maturidade técnica e emoção latente, que fez de “Lately” uma coadjuvante de “Nada mais”, reinventando para sempre a música de Stevie Wonder, tanto o quanto deveremos nos reinventar, para sermos lembrados na multiplicação de nós mesmos. Essa música é uma viagem, até quando somos tolices e infelizes, cada um na sua e quando não conseguimos nos desligar, quando alguém se interessa por outro alguém, quando, propositalmente, desaparecemos numa festa. É tão bonita essa canção.

A letra não pergunta pelo tempo, mas o tempo responde: “Nada mais”, como se um amor pudesse terminar em gargalhadas e lágrimas e ficarmos amigos, quando nunca seremos — quando coisas do amor, nunca mais. Quando vi Vanessa da Mata pela primeira vez, em João Pessoa, no Paço dos Leões, num show trazido pelo jornalista Fabio Bernardo, faz tempo, eu fiquei olhando para a cantora, a compositora, quase a Cabocla Iara, a “Mãe d’Água”, que vive nas águas do Rio Amazonas e encanta homens com sua beleza e canto, levando-os para o fundo dos rios. É uma delicadeza, a Vanessa. Cantando Gal, essa canção suave e não mais encontraremos Gal correndo de um lado para outro do palco, aquela Gal... Fatal. É isso, é muita delicada e triste essa canção “Nada mais”, na qual a voz de Gal tem esse casamento com a voz de Milton Nascimento, e não preciso dizer mais nada, “Nada mais”.

Kapetadas

- 1 – Todo homem é um Cristo crucificado, o problema é que a ressurreição foi só para um.
- 2 – A pessoa quase 15 minutos falando comigo sem parar e eu só “Uhum... É... Uhum...”, com a cabeça em outro lugar.
- 3 – Foto de Thereza Eugênia



Gal Costa: “outras formas de fazer Gal existir, centenas de vezes”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

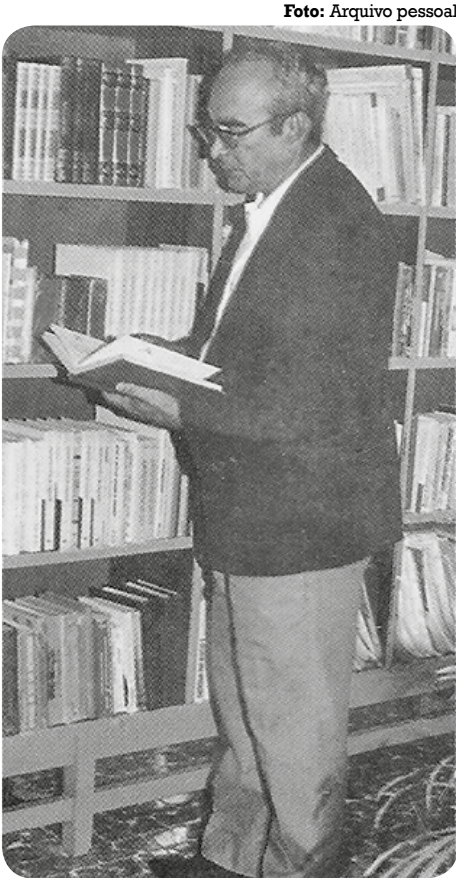
Sob a alça de mira de um regime

Com uma afirmação feita algum tempo atrás, evocando a participação de um dos personagens importantes da história municipal de Santa Rita (o ex -prefeito Marcus Odilon Ribeiro Coutinho), o amigo historiador José Octávio de Arruda Mello me remeteu aos tempos de minha juventude e de estudante ginasiano do Grupo Escolar João Úrsulo na Cidade dos Canaviais.

José Octávio afirmou: “Da boa formação que tinha Odilon, que ‘bebeu da fonte’ do escritor francês Jean Bordeaux, que veio à Paraíba estudar nossa política. Além de tudo, os escritos de José Américo que Marcos se inspirou para escrever o *Poder, Alegria dos Homens*”.

Baseado nesse registro de época, se não me falha a memória, e noutro artigo mais recente do historiador, falando de Santa Rita sobre um passado “integralista”, como de outras questões políticas da década de 1950, me vieram à mente os momentos que vivi juntamente com os primos Reginaldo Oliveira e Carlos Alberto. Eu formava um seleto grupo de amigos e jovens idealistas, todos estudantes, que participavam semanalmente das reuniões do nosso Grêmio de Estudos Socioculturais (GRESC), quando comentávamos os filmes em cartaz no cinema de meu pai. Sempre às escondidas, em razão das inesperadas visitas de “olheiros de durões” do regime militar.

Sob a alça de mira do regime, a so-



O juiz Reginaldo Antônio de Oliveira

cidade houve de amargar momentos terríveis. As restrições não apenas se limitariam ao momento de então, mas sobretudo à cultura e à diversão, que passaram a ser perseguidas de forma implacável. A censura se instalara no país, cerceando as liberdades e os fazeres criativos da população. O novo regime caiu como uma bomba em cima do cinema.

Nos encontros do GRESC, inicialmente realizados no âmbito da casa paroquial, não mais sob orientação do padre Rafael de Barros Moreira, mas de dois padres estrangeiros vindos da Bélgica, traçavam-se os perfis da situação repressiva vivida por todos. Depois, esses encontros passaram a acontecer na Associação Vicentina de Santa Rita, na Rua Ivo Borges, perto do no nosso cinema São João. Um seleto grupo era formado por Miguel e Rui, pelo seu primo Carlito e a namorada dele, Maria Helena, além de mais cinco ou seis jovens entusiastas, todos estudantes que participavam semanalmente das reuniões da associação. Até que um dia fomos descobertos.

Alguns colegas mais influentes do movimento estudantil local foram identificados, passando a responder junto ao Comando do 15 RI, no quartel do Exército do bairro de Cruz das Armas, na capital — entre eles, o meu primo Reginaldo, conhecido professor de matemática e também estudante, anos depois juiz de Direito das comarcas de Brejo do Cruz, Pocinhos e Itabaiana. Nessa comarca, quase morre ao sofrer um atentado político, segundo relato do próprio juiz Reginaldo em um de seus livros — *O atentado ao Juiz de Itabaiana* —, fato ocorrido sob inspiração de simpatizantes do latifúndio da região.

Mais Coisas de Cinema, acesse: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Luciano Maia e o soneto

Luciano Maia (1949-...), cearense de Limoeiro do Norte, é um poeta de sempre. Manuel Bandeira, com certeza, o colocaria na vertente dos contumazes, uma vez que sua obra é vasta e múltipla, embora marcada por um raro sentido de unidade estética.

Tomei contato com a sua poesia desde os idos de 90 do século passado, quando me ofertou a terceira edição do seu livro/poema, *Jaguaribe: Memória das Águas* (1994), decerto sua criação mais conhecida e mais afortunada, se considero, especialmente, a linhagem candente do lirismo telúrico como uma das esferas fundantes de sua concepção poética.

Cheguei a escrever sobre a grandeza desse “macrotexto” que me denunciava a presença de um poeta forte, quer no uso dos recursos retóricos e formais, quer na densidade da visão de mundo, decorrente da força lírica com que observa, sente e expressa os fenômenos variados da vida.

Agora me chega às mãos a 11ª edição do emblemático poema e mais cinco títulos de sua lavra inexaurível, a saber: *Dunas: Livro de Sonetos* (2021), *Sonetos Tresmalhados* e *Sonata de Sonetos* (ambos de 2022); *Delta* e *Trovas e Trovoadas* (os dois de 2024).

Ler a poesia de Luciano Maia me parece uma experiência que convoca a possibilidade de diversos caminhos. Sua dicção lírica é politêmica, poliformal, poliédrica, conquanto assentada numa uniformidade de técnica e estilo, assim como num compromisso reiterado com os elementos essenciais da autêntica poesia. Aquela que comove e permanece.

Poderia, neste breve comentário crítico, investir na singularidade de sua lírica amorosa, no apelo social de certos poemas face ao vazio e ao efêmero desses tempos pós-modernos, na linhagem da meditação existencial, no acento mítico e cosmológico, ou mesmo no percurso metalinguístico que movimenta e cadencia a estrutura de muitos textos.

Mas não o farei. Quero apenas chamar a atenção para o exímio e desenvolto sonetista que é Luciano Maia. Sonetista por escolha, destino e amor, no que concerne à solidez e ao esplendor da forma memorável, cujas raízes vêm do século 13 e alcançam a contemporaneidade, sobretudo pela voz dos grandes mestres. Luciano Maia é um deles.

Diria que há, por dentro de sua poética e em meio à diversidade de seus inúmeros títulos, interesses e inclinações, uma matriz teórica centrada na propositura do soneto. Para ele, o soneto é foma, é conteúdo, é procedimento, é modelo, é emblema.

No soneto, ele dialoga com seus pares, fertilizando a lavoura da tradição lírica, que nos deu um Dante, um Petrarca, um Shakespeare, um Camões, um Baudelaire, um Olavo Bilac, um Augusto dos Anjos, um Jorge de Lima e tantos outros.

Não são poucos os poemas que o tomam como assunto e como eixo de suas imagens e do seu pensamento, estabelecendo, assim, uma espécie de curiosa didática acerca de sua estesia particular. Aqui, na forma inventada por Jacobo da Lentini, ele como que se inventa para produzi-la e reverenciá-la, como o exemplo que se segue, intitulado “Ah, o soneto”, e com o qual arremato estas desprentensiosas considerações:

“Invenção secular e cativante
ganhou foros de forma reverente
à clássica poesia, ao consequente
culto à beleza e ao estro delirante.
O soneto conforma, num instante
a imagem plural e surpreendente
da mensagem inserida de repente
numa forma com fundo semelhante.
O soneto é roupagem de requinte
aos versos esculpidos ao talante
da paixão, de uma dor ou de um acinte.
Ainda que maltratado por quem cante
mal a sua canção, dois mil e vinte
prova que os séculos o terão diante!”



“Sonata dos Sonetos”, de Luciano Maia, de 2022



APC elege seu novo integrante

A Academia Paraibana de Cinema, reunida na quarta-feira passada (2), em sua nova sede de Tambaú, sob o comando do prof. João de Lima Gomes, presidente da instituição, deu prosseguimento ao pleito para a cadeira vaga, que era ocupada pelo jornalista falecido Carlos Aranha.

O nome do novo membro da APC, conforme prevê os estatutos da entidade, foi anunciado: o jornalista e crítico de cinema André Cananéa. Ele deverá se apresentar para tomar posse na Cadeira 37.

FESTIVAIS

Cara Dupla volta premiada de Lavras e Guaçuí

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A companhia de teatro paraibana Cara Dupla retornou, recentemente, de uma turnê pelos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, com um total de 21 prêmios conquistados em dois festivais. Na grade de premiação, figuram as peças *A Cigarra e a Formiga*, *O Surto*, *As Malditas* e *Gisberta*.

A participação do grupo ocorreu na 1ª edição do Construção Festival de Teatro (Confete), em Lavras (MG), e no 25º Festival Nacional de Teatro de Guaçuí (ES), ambos realizados em junho. “Foi muito impactante para a gente. A gente tem um grupo com mais de 100 prêmios no teatro, mas 21 de uma vez só foi muito bom”, comenta a atriz Letícia Rodrigues, uma das integrantes da companhia.

Segundo Letícia, o público tem papel fundamental no percurso da companhia. “O público é um termômetro. É ele quem diz se presta, se não presta. E é o público que comparece e que nos fortalece para levar nosso trabalho a festivais”, afirma.

No Espírito Santo, durante o Festival Nacional de Teatro de Guaçuí, foram exibidas as peças *Gisberta* e *A Cigarra e a Formiga*. Ainda assim, outras montagens do

grupo receberam premiações, mesmo sem terem sido apresentadas nesta edição. O reconhecimento em Guaçuí não foi inédito: “Já é o segundo festival que eu vou lá. Ganhei dois prêmios de Melhor Atriz na primeira vez que participei e agora ganhei mais um”, lembra ela.

Na avaliação da atriz, Guaçuí destaca-se pela qualidade das produções. “Lá é um festival de muitas potências. Os espetáculos que vão concorrer são assim: ou vai ou racha. Fiquei ‘passada’ com a qualidade”, observa, mencionando a presença de grupos do Rio de Janeiro

e de São Paulo. Entre os desfiles, Letícia aponta a conquista, pela primeira vez, do prêmio de Melhor Cenário com a peça *A Cigarra e a Formiga*, na qual a ambientação do espetáculo substitui o frio da fábula clássica pela seca do sertão nordestino.

O deslocamento até o Sudeste aconteceu por terra, com Letícia guiando o veículo que transportou a equipe — formada ainda por Romilson Rodrigues, Judson Magnus, Davi Klebson, Gustavo Níquel e Morgana Santos — durante todo o percurso. “Eu fui pilotando primeiro até São Paulo, Catanduva, e de-

pois para Lavras. Foram 16 horas por dia, durante vários dias. Fui sozinha, sem revezar a direção”, relata.

Para Letícia, a experiência em Lavras ficará guardada na memória: “Foi a primeira vez que eles organizaram um festival e saíram com um saldo muito positivo. Houve espetáculos infantis, adultos, de rua, comédia... Eles fizeram acontecer”.

Além dos prêmios de Melhor Atriz, o grupo conquistou também categorias como Melhor Ator Alternativo, com Gustavo Níquel, e prêmios de Musicalidade, Caracterização, Melhor Espetáculo e Júri Popular. O grupo agora pretende ampliar o alcance das peças premiadas junto aos estudantes, por meio de apresentações durante a Semana do Estudante, o que deve ocorrer em escolas públicas e privadas da capital.

“A ideia é que as crianças e os alunos tenham acesso. A nossa maior contrapartida é fazer com que todos tenham acesso à nossa arte”, conclui a atriz.



Foto: Eder Gaioski/Divulgação

“A Cigarra e a Formiga”
no Festival de Teatro
de Guaçuí, no Espírito
Santo

MÚSICA

Choro, jazz e forró no Centro Histórico

Chora que Passa e Trio Pitangueira tocam no Vila do Porto; Yuri Gonzaga e Escurinho na General Store

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A música paraibana brilha ressonante no Centro Histórico, hoje, com atrações que agra- dam a paladares de forró, choro e jazz. No in- ício da tarde, às 14h, o Vila do Porto bota a mesa com o projeto Chora que Passa, ao som de Lai- dia Evangelista (bandolim) e Dany Dantas (cla- rinete), servindo, às 19h, o Trio Pitangueira, den- tro da programação do Jazz na Vila. Na General Store, às 18h, Yuri Gonzaga Trio e o Forró do Escurinho juntam-se no show *Primeiro Baile na Sombra do Juazeiro*.

Há dois anos, o Forró do Escurinho lançou o Na Sombra do Juazeiro, um bloco difusor do forró em pleno carnaval. “Essa festa de domín- go é o primeiro baile do bloco”, explica o músí- co, adiantando para a noite os clássicos do for- ró, as autorais de Yuri Gonzaga e seu trio. “A

ideia é fazer a festa com o objetivo de divulgar o nosso bloco”, acresce Escurinho. Os ingressos que custam R\$ 15.

Choro e fusion

De um lado, o Trio Pitangueira, grupo ins- trumental formado por músicos veteranos da cena paraibana, apresenta composições auto- rais com base no *jazz fusion*. Do outro, o projeto Chora que Passa, idealizado pelas instrumentis- tas Dany Danttas e Laidia Evangelista, promo- ve rodas de choro com repertório diversificado e participação do público.

Recém-formado, o Trio Pitangueira é com- posto por Marcos Deparis (piano elétrico), Dodô Trindade (baixo e guitarra), e CH Malves (bate- ria). A proposta do grupo é desenvolver uma so- noridade instrumental autoral, fundindo ele- mentos da música nordestina e brasileira com influências do jazz moderno. “A gente busca pro-

vocar sensações sonoras, imagens sonoras, ten- tar ilustrar o que nem sempre pode ser dito em palavras”, explica Marcos.

Com apresentações mensais na Vila do Por- to, o grupo aposta na improvisação como par- te essencial do processo criativo. “Boa parte do nosso show é improvisada. A gente solta e vai criando na hora, com base na energia do públi- co e do ambiente”, afirma. Segundo ele, embora o *jazz* sirva como referência, o grupo evita clas- sificações rígidas. “A gente tem muita inspira- ção na liberdade, na expressão. *Jazz* é o rótulo mais próximo do que fazemos, mas não nos de- fine totalmente”.

Já o Chora que Passa surgiu da parceria en- tre Dantas e Evangelista. O projeto, que não se configura como grupo fixo, funciona como evento de choro com edições periódicas, tam- bém na Vila do Porto. “A gente tem um gru- po base que toca o repertório e sempre convi- da participações especiais. No final, abrimos a roda para que qualquer pessoa possa tocar com a gente”, explica Dany.

Com foco na valorização do repertório de compositoras do gênero, o projeto mistura clás- sicos do choro tradicional com obras contem- porâneas. “Sempre incluímos composições de mulheres no repertório. Essa é uma verten- te que tratamos com muito cuidado”, destaca.

Os ingressos podem ser adquiridos pelo *site* Shotgun: o Chora que Passa, R\$ 15; o Trio Pitan- gueira, R\$ 10.



Fotos: Divulgação



Foto: Reprodução/Instagram



Em Cartaz

Cinema

Programação de 3 a 9 de julho, nos cine- mas de João Pessoa, Campina Grande, Pa- tos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

JURASSIC WORLD – RECOMEÇO (*Ju- rassic World – Rebirth*). EUA, 2025. Dir.: Ga- reth Edwards. Elenco: Scarlett Johansson, Jonathan Bailey, Mahershala Ali. Aventura/ ficção científica. Equipe busca colher amostras de DNA de dinossauros para a criação de um novo medicamento. Sétimo da série iniciada com *Jurassic Park – Parque dos Dinossauros* (1993). 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: dub.: 21h; qua.: dub.: 13h30, 18h45; leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a seg.: dub.: 13h, 15h50, 18h40; leg.: 21h30; ter.: dub.: 13h, 15h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: 17h45, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h15, 18h15, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: qui. a ter.: dub.: 17h, 19h30. CINE- SERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 4: qui. a ter.: dub.: 17h, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: sab. a ter.: 2D: 16h, 21h; 3D: 18h30; qua.: 2D: 16h; 3D: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: qui. a ter.: dub.: 3D: 18h15; 2D: 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 20h30.

JOVENS AMANTES (*Les Amandiers*). França/ Itália, 2022. Dir.: Valeria Bruni Tedeschi. Elenco: Nadia Tereszkiewicz, Sofiane Bennacer, Louis Garrel. Comédia/ drama. Jovens estudantes de uma acade- mia de artes cênicas e lidam com altos e baixos do amor. 2h06. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: dub.: 18h20.

PRÉ-ESTREIA

SUPERMAN (*Superman*). EUA, 2025. Dir.: James Gunn. Elenco: David Corenswet, Rachel Brosnahan, Nicholas Hoult, Maria

Gabriela de Faria, Edi Gathegi. Aventura. Superman tenta conciliar suas herança de seu planeta natal e da Terra enquanto enfrenta terríveis perigos. 2h09. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): ter.: dub.: 19h; qua.: dub.: 15h30, 18h20; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 15h, 17h45, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍ- RA 3: dub.: 14h30, 17h15, 20h15. CINÉPO- LIS MANAÍRA 7: dub.: ter.: 2D: 19h; qua.: 3D: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: 14h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qua.: dub.: 12h45, 15h30, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: ter.: 19h15; qua.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 5: qua.: dub.: 15h50, 18h20, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 5: ter.: dub.: 20h45. **Campina Gran- de:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: ter.: 20h45; qua.: 15h50, 18h20, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: ter.: 21h10; qua.: 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: ter. e qua.: dub.: 21h10.

ESPECIAL

MOSTRA PRÊMIO GRANDE OTELO.

Exibição de filmes indicados ao prêmio do cinema brasileiro. Terça (8/7): *Luiz Melodia – No Coração do Brasil* (15h30). Quarta (9/7): *O Dia que Te Conheci* (15h30).

Sousa: CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE (R. Cel. José Gomes de Sá, 7, Centro). Até 29/7. Entrada franca.

8½ FESTA DO CINEMA ITALIANO.

Exibição de filmes novos e clássicos. Do- mingo (6/7): *A Vida à Parte* (15h); *Berlinguer – La Grande Ambizione* (17h); 8½ (19h). Segunda (7/7): *Glória! – Acordes para a Liberdade* (16h); *A Cauda do Diabo* (18h); *Vermiglio – A Noiva da Montanha* (20h). Terça (8/7): *Dez Minutos* (16h); *Felicita* (18h); *Berlinguer – La Grande Ambizione* (20h). Quarta (9/7): *A Vida à Parte* (16h); *O Último Chefão* (20h). Quinta (10/7): *O Barbeiro Conspiracionista* (17h); *A Doce Vida* (19h).

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: até quinta (10/7).

CONTINUAÇÃO

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO

(*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mas- son Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/ infantil. Garoto de uma comuni- dade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refil- magem *live action* da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: dub.: 13h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h45, 16h45, 19h45. CINÉPOLIS MA-

NAÍRA 3: qui. a ter.: dub.: 14h20, 17h15, 20h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: dub.: 15h20, 18h10, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; qua.: 13h30, 16h10, 18h50. CINESERCLA TAMBIA 2: qua.: dub.: 16h05, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: ter.: dub.: 20h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h50. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: qui. a seg.: 16h05, 20h30; ter.: 16h05. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a seg.: 16h05, 20h30; ter.: 16h05. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h50. CI- NESERCLA PARTAGE 4: qua.: dub.: 16h05, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: ter.: dub.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 16h25, 18h45; qua.: 16h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h15; seg. e qua.: 18h20.

ELIO (*Elio*). EUA, 2025. Dir.: Adrian Moli- na, Madeline Sharafian e Domee Shi. Vozes na dublagem brasileira: Lorenzo Tironi, Juliana Paiva, Danylo Mizazoto. Animação/ aventura/ infantil. Menino é abduzido e confundido com o embaixador intergalático do planeta Terra. 1h39. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: dub.: 12h50. CINESERCLA TAMBIA 1: qui. a ter.: dub.: 15h. **Campina Grande:** CI- NESERCLA PARTAGE 4: qui. a ter.: dub.: 15h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h45; seg. a qua.: 16h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 16h15.

EXTERMÍNIO – A EVOLUÇÃO

(*28 Years Later*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Danny Boyle. Elenco: Jack O’Connell, Aaron Tay- lor-Johnson, Ralph Fiennes, Jodie Comer. Terror. Sobreviventes de uma infestação zumbi vivem isolados em uma ilha e um dos membros sai do santuário para descobrir os segredos do mundo que ficou para trás. 1h55. 18 anos.

Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 21h05.

F1 – O FILME

(*F1 – The Movie*). EUA, 2025. Dir.: Joseph Kosinski. Elenco: Brad Pitt, Javier Bardem, Kerry Condon. Aventura/ drama. Piloto de fórmula-1 sai da aposen- tadoria para formar equipe com um piloto mais jovem. 2h35. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 18h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h30, 18h, 21h20. CINÉPOLIS MA- NAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 16h45, 20h; qua.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h15, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 18h15; seg. e ter.: 20h40.

LILO & STITCH (*Lilo & Stitch*). EUA, 2025. Dir.: Dean Fleischer Camp. Elenco: Chris Sanders (voz), Maia Kealoha, Sydney Agudong, Zach Galifianakis, Curtney B.

Vance, Tia Carrere, Jason Scott Lee. Infantil/ aventura/ comédia. Garota solitária faz ami- zade com alienígena destruidor que está em fuga. Refilmagem *live action* da animação de 2002. 1h48. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qui. a ter.: 16h; qua.: 16h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: dub.: 12h30, 14h50, 17h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: qui. a ter.: dub.: 12h45, 15h10. CINE- SERCLA TAMBIA 2: qua.: dub.: 14h, 18h25. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h. CINE- SERCLA TAMBIA 5: qui. a ter.: dub.: 14h, 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: qui. a ter.: dub.: 14h, 18h25. CINESERCLA PARTAGE 4: qua.: dub.: 14h, 18h25. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 16h10; seg. a qua.: 18h30.

MEGAN 2.0 (*Megan 2.0*). Estados Uni- dos, 2025. Dir.: Gérard Johnstone. Elenco: Allison Williams, Violet McGraw, Jenna Davis (voz). Terror. Boneca IÁ é “ressucita- da” para enfrentar outro exemplar: um robô militar. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a ter.: dub.: 19h50. CINÉPOLIS MANGA- BEIRA 2: dub.: qui. a ter.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: qui. a seg. e qua.: 18h20, 20h45; ter.: 18h20. **Campina Grande:** CI- NESERCLA PARTAGE 5: dub.: qui. a seg. e qua.: 18h20, 20h45; ter.: 18h20. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: qui. a seg.: 21h15.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - ht- tps://centerplex.com.br/cinema/joao-pes- soa/). **CINE BANGÜÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebangue). **CINÉPOLIS:** (Manaira Shopping, JP - https://www.cinepo- lis.com.br/complexos/f0791-cinepolis-ma- naira-shopping/; e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/complexos/f0726-cinepolis-mangabeira/). **CINE- SERCLA:** (Tambia Shopping, JP, e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Pa- tos - https://www.guedeshopping.com.br/ entretenimento/cinema). **CINE RT:** (Remígio - Instagram: @cinertremigio). **CINE VIEIRA:** (São Bento - Instagram: @cinevieira_sb).

Teatro

HOJE

ENCANTOS DA JUREMA. Espetáculo do festival *Bróduei Nordestina*.

João Pessoa: SALA VLADIMIR CAR- VALHO (Usina Energisa, R. João Bernar- do de Albuquerque, 243, Tambiá). Sexta,

4/7, 19h30. Ingressos: de R\$ 15 (antecipado/ meia) a R\$ 40 (na bilheteria/ inteira), anteci- pados na plataforma Sympla.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show do duo for- mado pela clarinetista Dany Danttas e a bandolinista Laidia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 6/7, 14h. Ingressos: R\$ 15 (promo- cional), antecipados na plataforma Shot- gun.

SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE.

Shows de gêneros variados. Domingo (6/7): Garotinho, Alcymar Monteiro, Felipe Amorim e Henry Freitas.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, S/Nº, Centro). Quinta a domingo, até 6/7. Entrada franca.

TRIO PITANGUEIRA.

Show do trio de jazz.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 6/7, 18h. Ingressos: R\$ 10 (promo- cional), antecipados na plataforma Shot- gun.

VILA SÍTIO SÃO JOÃO.

Shows de forró. Domingo (6/7): Solange Almeida, Dorgival Dantas, Waldonys e Fabiano Guimarães.

Campina Grande: VILA SÍTIO SÃO JOÃO (Av. Mal. Floriano Peixoto, 3233, Di- namérica). Sábado, 21/6. Ingressos: R\$ 130 (inteira), R\$ 70 + 1 kg de alimento não pere- cível (social) a R\$ 65 (meia), antecipados no site https://vilasitiosaojoao.com.br/wp/.

YURI GONZAGA TRIO + ESCURINHO.

Artistas animam o Baile Na Sombra do Juazeiro.

João Pessoa: GENERAL STORE (Av. Ge- neral Osório, 152, Centro). Domingo, 6/7, 18h. Ingressos: R\$ 15.

7/7

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássi- cos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 7/7, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inte- ra),m R\$ 30 + 1 kg de alimento não pere- cível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

https://shotgun.live/pt-pt/events/segun- da-eh-na-vila.

PAUTA LEGISLATIVA

Temas diversos movimentam ALPB

Levantamento de A União traça panorama do que foi considerado prioridade pelos deputados no primeiro semestre

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Leis que ampliam direitos, fortalecem a Saúde e protegem o meio ambiente marcaram o primeiro semestre de 2025, na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). De janeiro a junho, o Parlamento estadual analisou mais de cinco mil matérias, revelando as prioridades políticas e sociais da Casa em áreas como Saúde, Educação, Segurança, Inclusão e Sustentabilidade. Mais de 120 sessões ordinárias, especiais e audiências públicas foram realizadas no mesmo período.

Um levantamento feito com base nos registros oficiais da ALPB mostra que o semestre foi encerrado com um volume de trabalho superior ao registrado no mesmo período de 2024. Para o presidente da ALPB, o deputado Adriano Galdino, o resultado reflete a dedica-



Fotos: Divulgação/ALPB

De janeiro a junho, mais de cinco mil matérias foram apreciadas pelos parlamentares

ção da Casa à população e a harmonia institucional com os demais Poderes. “Tivemos um semestre de muito trabalho, com mais debates, mais produção e mais apro-

vações — sejam propostas do Executivo, do Tribunal de Justiça, da Defensoria Pública ou do Ministério Público. Cada parlamentar encerra esse ciclo com a convicção

de que cumpriu seu papel, reafirmando o nosso compromisso com a Paraíba e com o povo paraibano”, afirma Galdino. Ao todo, foram aprecia-

dos 952 Projetos de Lei Ordinária (PLOs), oito Projetos de Lei Complementar (PLCs), cinco Propostas de Emenda à Constituição (PECs), cinco Medidas Provisórias (MPs), 4.148 requerimentos, 13 concessões de Títulos de Cidadania, 173 indicações, 72 pedidos de sessões especiais, além de outras matérias, como resoluções, vetos e moções.

Discussões

No campo dos requerimentos apresentados pelos parlamentares, temas variados ganharam espaço. Entre as solicitações, destacaram-se pedidos para a realização de sessões especiais sobre intolerância religiosa e propostas voltadas à inovação na área da Educação, além de ações de fiscalização e acompanhamento de casos de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. As demandas refletem a urgência de ques-

tões sociais, como o fortalecimento de políticas públicas inclusivas.



Tivemos um semestre de muito trabalho, com mais debates, mais produção e mais aprovações

Adriano Galdino

Normas ampliam direitos e reorganizam o serviço público

Os Projetos de Lei Ordinária (PLOs) desempenham um papel fundamental na organização social. Um PLO é uma proposta apresentada por um deputado, comissão legislativa ou pelo Executivo estadual, com o objetivo de regulamentar políticas de interesse público. Após tramitar nas comissões e ser aprovado em plenário, o projeto segue para sanção do governador. Dos 952 PLOs apreciados, nesse semestre, 230 foram sancionados.

Direitos dos autistas

Sancionada em 16 de abril, a Lei nº 13.636/2025, de autoria do deputado João Bosco Carneiro Júnior, assegura às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) o direito ao assento preferencial no transporte público estadual. A proposta considera as necessidades sensoriais específicas, como a hipersensibilidade auditiva, oferecendo mais conforto e segurança durante os deslocamentos.

No mesmo sentido, a Lei nº 13.637/2025, de autoria do deputado Júnior Araújo, estabelece o direito das pessoas com TEA de portar alimentos para consumo próprio e objetos de uso pessoal em estabelecimentos públicos e privados na Paraíba. A medida visa garantir o acesso pleno e a permanência dessas pessoas em locais como shoppings, escolas, cinemas e parques, sem que sofram discriminação ou constrangimento.

Saúde pública

A Lei nº 13.568/2025, de autoria da deputada Camila Toscano, criou um programa estadual para estimular doações de sangue, leite humano e medula óssea. A proposta busca descentralizar os serviços, por meio

das Gerências Estaduais de Saúde; ampliar os bancos de sangue e de leite humano; e aumentar o número de cadastros de doadores voluntários de medula e órgãos — respondendo a uma crescente demanda por esse tipo de atendimento.

Incentivo aos talentos

Em fevereiro, foi sancionada a Lei nº 13.566/2025, de autoria do deputado João Gonçalves, que estabelece a Política Estadual de Incentivo ao Desenvolvimento de Pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação (Peahs). A proposta visa criar um ambiente de apoio e oportunidades para que esse público possa desenvolver, plenamente, seus potenciais, com suporte educacional e psicológico especializado.

Combate à poluição sonora

Outro destaque foi a Lei nº 13.235/25, que proíbe a fabricação, a comercialização, a guarda, o transporte e a utilização de fogos de artifício com estampido na Paraíba. A medida atende a uma antiga reivindicação de entidades ligadas à proteção de pessoas com autismo, idosos, animais e indivíduos sensíveis a ruídos, com o objetivo de reduzir os impactos negativos causados pela poluição sonora e promover mais respeito ao bem-estar coletivo.

Segurança e Justiça

A ALPB também aprovou uma série de iniciativas com foco na proteção de grupos vulneráveis, como mulheres, crianças e vítimas de violência. Foram aprovadas, ainda, normas para segurança em ambientes escolares e para o fortalecimento de estruturas policiais e judiciais. Um dos marcos foi a Lei Comple-

mentar nº 189/2025, proposta pelo Governo do Estado, que reestruturou a Polícia Militar da Paraíba, criando novos comandos e diretorias especializadas.

Administração

No campo da gestão pública, quatro leis sancionadas fortalecem a infraestrutura institucional, promovem eficiência administrativa e garantem serviços públicos mais ágeis e acessíveis aos paraibanos:

- Lei nº 13.629/2025, do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) — cria novos cargos efetivos no Poder Judiciário estadual, reduzindo a sobrecarga processual e agilizando a prestação jurisdicional;
- Lei nº 13.580/2025 — redefine a organização da Defensoria Pública da Paraíba, estabelecendo diretrizes para expansão de serviços e maior cobertura à população de baixa renda;
- Lei nº 13.138/2025, originada do PL nº 4.138/2025 — institui o novo Código Sanitário Estadual, unificando e atualizando normas de vigilância sanitária para prevenir riscos à saúde coletiva.
- Lei nº 13.537/2025, originada do PL nº 4.537/2025, do TJPB — cria o Plano de Incentivo à Aposentadoria Voluntária (Pinav) para servidores efetivos do Tribunal de Justiça, abrindo espaço para a renovação de quadros e gerando economia ao erário.

Reconhecimento

A ALPB também homenageou personalidades que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do estado. No primeiro semestre de 2025, foram concedidos 13 títulos de Cidadania Paraibana. A honraria reconhece atuações nas áreas de Saúde, Educação, Cultura, Segurança, Justiça

e Inclusão Social.

Entre os homenageados, está o arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson, que agradeceu a homenagem com emoção. “Sempre fui muito bem acolhido e já me sentia um paraibano de coração. Hoje, ao receber oficialmente esse título, sinto-me, de fato, parte deste povo. É uma alegria imen-

sa poder continuar minha missão na Paraíba com esse reconhecimento. Agradeço aos deputados a delicadeza e a honra que me concederam”, declarou o religioso, na ocasião.

Futuro

Segundo o presidente da ALPB, a expectativa para o segundo semestre é de uma

produção legislativa ainda mais intensa. “A Assembleia é a Casa do povo e atuamos com dedicação para tornar a Paraíba um estado mais justo e desenvolvido. Já iniciamos o ano com importantes avanços e queremos ampliar ainda mais nossas ações em benefício da sociedade paraibana”, adiantou o parlamentar.

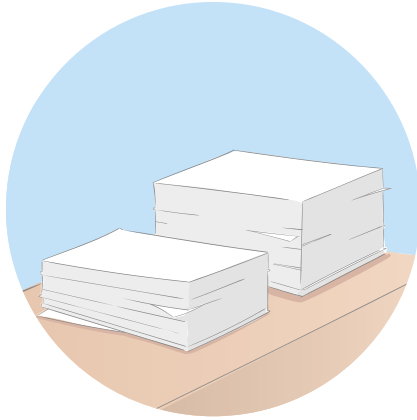
Produtividade Parlamentar

SESSÕES



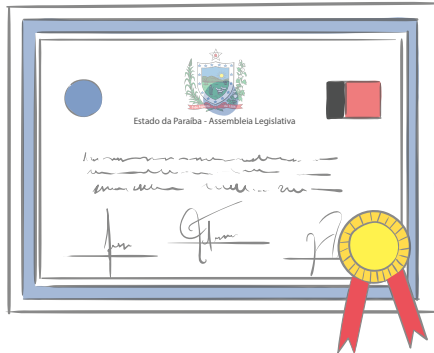
Mais de 120 sessões ordinárias, sessões especiais e audiências públicas foram realizadas

PROJETOS



Deputados aprovaram 970 textos normativos, entre PLOs, PLCs, PECs e MPs

HOMENAGENS



Poder Legislativo estadual concedeu 13 títulos de Cidadão Paraibano

PEDIDOS/INDICAÇÕES



Requerimentos, indicações e pedidos de sessões especiais somaram 4.393 matérias

Infográfico: Bruno Chiossi

NO SENADO

Gestores discutem Plano Nacional de Educação

Metas realistas e integração entre setores público e privado são prioridades

Agência Senado

Metas mais realistas, avaliação contínua, conexão com a realidade local e articulação entre os setores público e privado. Esses foram os principais pilares apontados por educadores, durante audiência pública realizada na última semana, para que o novo Plano Nacional de Educação (PNE) não repita os erros do anterior e torne-se um instrumento efetivo de transformação educacional. A discussão aconteceu na Comissão de Educação (CE), a pedido da presidente do colegiado, senadora Teresa Leitão (PT-PE), e do senador Flávio Arns (PSB-PR).

O debate faz parte de um ciclo com 12 audiências públicas sobre o tema. O projeto do novo Plano Nacional de Educação (PL nº 2.614/2024) foi proposto pelo Poder Executivo e está em tramitação na Câmara dos Deputados. Ele estabelece metas e objetivos para os próximos 10 anos. Depois de passar pela Câmara, será analisado no Senado.

Os participantes destacaram a necessidade de o novo plano trazer metas mais condizentes com a realidade de cada região e instituição. Também consideraram fundamental um processo de avaliação e monitoramento contínuo, com a criação de um observatório nacional. Nesse sentido, ressaltaram como essencial o fortalecimento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) para conduzir a política avaliativa.

A senadora Teresa Leitão informou que, até o momento, as questões sobre o monitoramento



Foto: Saulo Cruz/Agência Senado

Encontro na Casa Legislativa reuniu educadores e integra ciclo de 12 audiências públicas

■ **Projeto de Lei nº 2.614/2024, que cria o novo PNE, traça os objetivos para a Educação brasileira nos próximos 10 anos**

e a avaliação das metas, bem como o alinhamento destas com a realidade da educação brasileira, têm sido recorrentes nos debates da CE. Por essa razão, ela acredita que serão alvos de ajustes quando o projeto passar pelo Senado. “Essa questão de as metas serem visivelmente mais exequíveis, mais objetivas, tem sido recorrente em nossas audiências, como também a avaliação periódica: que ela não chegue a ser feita apenas ao final de do prazo para a execução das metas. Eu acredito que nós vamos ter alguma alteração nesse sentido”, declarou.

Já a gerente da Câ-

mara de Educação Básica da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (Anec), Roberta Guedes, disse acreditar no PNE como mecanismo de articulação entre os sistemas de ensino público e privado. Para ela, a nova lei precisa assegurar que o PNE não seja apenas um documento, mas sirva como “um instrumento potente”, que articule os entes federativos, supere as desigualdades educacionais e promova uma educação de qualidade social.

“Nós defendemos uma articulação intersectorial. E precisamos garantir que o PNE seja um instrumento que potencialize as possibilidades da educação brasileira, pública e privada. O setor privado não é maior e nem melhor do que o setor público. Ele tem que complementar a ação do Estado, onde o Estado ainda precisa de braços”, afirmou.

Ensino Superior

Os debatedores também ressaltaram como contribuição a inclusão do Ensino Superior como parte da agenda estratégica de desenvolvimento do

país. O diretor da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (Abmes), Paulo Cesar Chanan Silva, defendeu que o futuro plano coloque as universidades públicas e as privadas no mesmo patamar de importância e de financiamento.

Para ele, é preciso repensar o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), diante de inadimplência e vagas ociosas, e fortalecer o Programa Universidade para Todos (Prouni). “A ampliação do Prouni é um caminho muito necessário. Um aluno de Prouni, numa instituição privada, subsidiado pelo governo, representa apenas 16% [do custo] de colocar o mesmo aluno para estudar numa instituição pública”, apontou.

Dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) indicam que a taxa de inadimplência do Fies alcançou 59,3%, em 2024, o maior índice desde a criação do programa. Isso significa que seis em cada 10 estudantes financiados estão devendo. A média da dívida é de R\$ 46 mil por aluno.

Documento deve atentar-se à formação digital

Uma das metas do plano em discussão é promover a educação digital, assegurando a conexão à internet de alta velocidade em todas as escolas públicas da Educação Básica até o fim da vigência. Na opinião do vice-presidente da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen), Arnaldo Cardoso Freire, o Brasil precisa priorizar a oferta de conexão à internet em todas as instituições “imediatamente”. “O plano fala que daqui a cinco anos nós teremos 50% das escolas com conexão, e que daqui a 10 anos nós teremos 100%. Isso é algo para amanhã. Nós não temos que esperar 10 anos para ter internet nas escolas”, cobrou.

A representante da Associação Brasileira de Sistemas de Ensino e Plataformas Educacionais (AbraSpe), Guiomar Nano de Mello, alertou que a atenção ao professor, no PNE,



Foto: Reprodução/Redes Sociais

“**Isso é algo para amanhã. Nós não podemos esperar 10 anos para ter internet nas escolas**

Arnaldo Cardoso Freire

é um fator decisivo para que as metas sejam alcançadas. Ela ressaltou a importância de programas de atualização e capacitação dos docentes e defendeu atenção aos recursos didáticos que são disponibilizados. “Esse material precisa estar em consonância com diretrizes, orientações e princípios que regem a organização pedagógica. Portanto, eles dependem de uma política nacional, de um processo que seja federal e em parceria com estados e municípios”, sustentou.

Novo PNE

O projeto do novo Plano Nacional de Educação foi elaborado pelo Ministério da Educação a partir das contribuições de um grupo de trabalho com representantes da sociedade civil, do Congresso Nacional, de estados, municípios e conselhos de Educação. O texto também

inclui sugestões da Conferência Nacional de Educação (Conae), ocorrida em janeiro de 2024. O PNE em vigor, de 2014, tem validade até dezembro deste ano.

O projeto prevê 18 objetivos a serem cumpridos até 2034 nas áreas de Educação Infantil, Alfabetização, ensinos Fundamental e Médio, Educação Integral, diversidade e inclusão, Educação Profissional e Tecnológica, Educação Superior, estrutura e funcionamento da Educação Básica. Para cada objetivo, foram estabelecidas metas que permitem seu monitoramento ao longo do decênio. São 58 metas, comparáveis com os 56 indicadores do PNE 2014-2024. Para cada meta, há um conjunto de estratégias com as principais políticas, programas e ações envolvendo a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Banda Nova Euterpe de Itabaiana

A Banda Nova Euterpe é a sucedânea de outras sociedades musicais que existiram em Itabaiana, desde 1888, quando a vila pertencia ao Município de Pilar. Nesse tempo todo, a banda desaparece e surge como a fênix mitológica, no dizer do historiador Sabiniano Maia. Em 1901, o trem apitou pela primeira vez na terra de Zé da Luz, sendo saudado pela banda de música liderada por Alcebiades Araújo, um dos homens mais inteligentes de Itabaiana, em todas as épocas. Manoel Araújo, o prefeito da cidade, pegou Alcebiades e formou uma escola de música. Em pouco tempo a filarmônica estava pronta, tocando seus dobrados e valsas no coreto da praça. O próprio prefeito tocava piston. Nessa banda, tocava saxofone um rapazinho de nome Severino Rangel, que depois ficou conhecido nacionalmente como Ratinho, da famosíssima dupla sertaneja Jararaca e Ratinho.

Portanto, a banda de música de Itabaiana sempre existiu, alegrando sua gente, produzindo gênios da qualidade do mestre Sivuca e tantos outros músicos de escol. Já foi chamada de Filarmônica Itabaianense, Filarmônica Santa Cecília, Sociedade Musical Itabaianense, Banda Musical 24 de Maio e Euterpe Itabaianense. Houve um tempo em que a banda se chamava Nova Euterpe, comandada pelo maestro Zezé e abrilhantada por músicos da qualidade de Marreta, Chico Sanfoneiro, Walmir, Paulão, Tota, Zé Maria, Zé Guerra e tantos outros seguidores dessa tradição de Itabaiana. Pena que, atualmente, já não exista a escola de música da banda, onde crianças recebiam orientação musical gratuita, imprescindível para a transferência de conhecimentos e na formação de novos instrumentistas. É uma pena mesmo que hoje os músicos não possam se apresentar como antigamente, quando a banda saía da sua sede em formação militar, com os músicos de uniformes limpos, engomados, sapatos engraxados, quepes na cabeça, desfilando pelas ruas ao som de dobrados, em direção ao coreto da Praça Álvaro Machado. Mas ainda resistem artistas na preservação desta tradição itabaianense, lembrando grandes e abnegados músicos iguais a Ivanildo, Quirino e Henrique, homens que preservaram nosso passado romântico e artístico.

Hoje, as bandas de música são uma tradição que está morrendo no Brasil. Em Itabaiana, a banda depende dos chamados poderes públicos. Em 1986, o então prefeito Babá municipalizou a banda Nova Euterpe, doou novos instrumentos e uniformes, deu vida nova à entidade. Mas tudo no Brasil sofre solução de continuidade quando se trata da coisa pública. Entra outro administrador e as coisas mudam. A banda de Itabaiana sempre foi dirigida ora pela paróquia, ora por particulares, ora pela prefeitura. Na década de 1910, a banda era da Prefeitura, sendo proibida de tocar nas festas religiosas porque o prefeito brigou com o padre. Depois foi o contrário: o padre José Trigueiro brigou com o chefe político Dr. Flávio Ribeiro Coutinho e a banda já não tocava nos eventos oficiais.

Independente das brigas paroquiais, a banda vem se mantendo, com um histórico de apresentações memoráveis, chegando a ganhar um concurso estadual promovido pela Rádio Caturité de Campina Grande, nos anos 50. Reza a lenda que o genial Sivuca, aos oito anos de idade, apontava os instrumentos por acaso desafinados que compunham a banda, quando a “furiosa” passava na porta de sua casa, no distrito de Campo Grande. Seu ouvido ultrassensível sabia distinguir o valor de uma moeda pelo tilintar dela ao cair no chão.

Mas, voltando à banda Nova Euterpe, é de se fazer um apelo aos prefeitos para ajudar nossa banda civil. Quando nada, porque a banda é mais do que um veículo de entretenimento coletivo, participando de movimentos políticos, acontecimentos religiosos, cívicos e sociais. No nosso caso, a banda é o próprio espírito da arte e da cultura desta terra, que deve ser preservado.

Columnista colaborador

COMBATE A ESTEREÓTIPOS

Palestinas usam a voz nas redes

Mulheres imigrantes e nascidas no Brasil vão às plataformas digitais para desafiar a xenofobia e denunciar genocídio

Isabela Vieira
Agência Brasil

As tecnologias digitais têm sido uma arma poderosa nas mãos de mulheres palestinas e suas descendentes vivendo no Brasil. É o que discute a tese de doutorado que venceu o Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela em 2025, promovido pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Por meio da internet, mulheres comuns, como dentistas, comerciantes, psicólogas e estudantes, desafiam o controle e a censura das plataformas para enfrentar o estereótipo de submissas e a xenofobia, despertando empatia para conquistar apoio ao fim da crise humanitária na Palestina. Desde 2023, ataques israelenses à Faixa de Gaza, parte ocidental do território palestino, deixaram 56 mil pessoas mortas, situação classificada como genocídio por órgãos das Nações Unidas (ONU), de Direitos Humanos e por países como o Brasil.

De acordo com a Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal), em 2020, o Brasil tinha cerca de 200 mil

brasileiros-palestinos. O Rio Grande do Sul concentra boa parte dessa população. E a constatação do uso das tecnologias pelas mulheres desse grupo, como forma de resistência, foi feita pela pesquisadora Simone Munir Dahleh — também uma descendente de palestinos no Brasil —, na tese de doutorado “A trama tecida por mulheres palestinas: relatos biográficos dos usos táticos de tecnologias digitais”, desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Longe do conflito, em que mulheres e crianças são as principais vítimas, Hanan, de 44 anos, é uma dessas mulheres encontradas por Simone. Empresária descendente de palestinos, ela publica, em suas redes, vídeos traduzidos para o português. As imagens mostram crianças correndo risco de morte ou em privação de direitos, notícias, cenas de arquivo, informações sobre o conflito e sobre a ocupação por Israel, embora sua intenção prioritária seja divulgar os valores do islamismo, que é sua religião. “Eu não gosto de ficar jogando esse foco específico na minha página. Porque as imagens e o con-



Foto: Reprodução/Itma

Ataques de Israel contra o povo palestino, em Gaza, já deixaram mais de 56 mil pessoas mortas e mais de 100 mil feridas

teúdo são muito fortes, mas eu não posso deixar de postar, porque é uma causa que tem que ser postada”, afirmou Hanan, em entrevista a Simone.

A Faixa de Gaza é um território palestino que tem sido alvo de intensos bombardeios e ataques por terra

do Exército de Israel, desde que um atentado do grupo islâmico Hamas a vilas israelenses, em outubro de 2023, deixou cerca de 1,2 mil mortos e fez 220 reféns. O Hamas, que governa Gaza, sustenta que o ataque foi uma resposta ao cerco de mais de 17 anos imposto ao

enclave e também à ocupação dos territórios palestinos por Israel.

Além dos 56 mil mortos, os ataques israelenses contra a Faixa de Gaza, desde então, já deixaram mais de 100 mil feridos e destruíram hospitais, escolas e todo tipo de infraestrutura que

presta serviços à população. Um bloqueio às fronteiras do território também dificulta a entrada de alimentos e medicamentos, agravando a crise humanitária. Segundo Israel, o objetivo é resgatar os reféns que ainda estão com o Hamas e eliminar o grupo completamente.

Censura do algoritmo é um dos maiores desafios

O medo de ser censurada ou ter o perfil bloqueado por publicar conteúdos pró-Palestina está entre essas mulheres. Algumas relatam também o receio de serem monitoradas ou impedidas de ingressar na Palestina, tanto por meio do aeroporto de Tel Aviv, em Israel, quanto em passagens por outros países, como os Estados Unidos. Há o medo também de serem taxadas como antisemitas, que é o preconceito contra judeus.

“Como palestina e refugiada, tentamos, de todas as formas, por todos os meios de comunicação, levar a verdadeira história, mas está sendo difícil, realmente, porque a gente está sendo bloqueada [nas plataformas digitais]. O alcance, o engajamento, por exemplo, se antes era de 300 pessoas, agora não chega a 20”, desabafa Maysar, dentista, imigrante e produtora de conteúdo. “Isso tem sempre na história do lado do mais fraco, não é? E a gente está nessa luta firme e forte”, disse

ela sobre os vieses na divulgação de informação.

Maysar chegou ao Brasil quando era criança e, hoje, tem 62 anos. Ela tornou-se atuante na causa palestina e migratória e vê a internet como uma forma decisiva de expor as vozes das mulheres palestinas e defender a restituição de direitos aos conterrâneos.

De acordo com Simone Munir Dahleh, as vozes dos palestinos são silenciadas nas mídias tradicionais, situação agravada por coberturas midiáticas que ela considera estereotipadas. Portanto, para as mulheres palestinas ou descendentes vivendo no Brasil, “se posicionar, mostrar a realidade do conflito é uma necessidade”, aponta a pesquisadora, e torna-se uma “ação tática”. As entrevistadas, explica Dahleh, usam várias vezes a expressão “colocar a cara a tapa”, que é quando elas se expressam, produzindo conteúdo e, assim, apresentando sua visão de mundo.

Perfis exaltam laços com a terra de origem

Por meio da tecnologia digital, Simonbe Dahler identificou também o esforço das entrevistadas para manter os laços com a família palestina, falar com parentes, escutar rádios locais, músicas e orações em árabe. Além disso, elas buscam publicar, em seus perfis, referências pessoais, objetos trazidos da região, imagens das cidades antes dos bombardeios, de comidas típicas e de familiares que ficaram lá.

Sabah, por exemplo, uma imigrante de 43 anos — cujo nome verdadeiro foi preservado pela reportagem — repete a publicação do vídeo da sobrinha, uma menina, vestindo trajes locais e cantando. “Esse momento incrível [é] da minha sobrinha linda, usando um vestido palestino, explicando para os colegas dela a receita de um prato típico palestino. Eu amo esse vídeo”, disse a comerciante, nas redes. “Eu assisto quase todos os dias”, declarou, ao compartilhar.

Como forma de subverter o estereótipo de mulheres submissas, as entrevistadas também guardam memória de mulheres palestinas que fizeram história. Elas citam a influência da repórter Shireen Abu Akleh, jornalista do canal árabe Al Jazeera, assassinada, em 2022, por soldados israelenses, enquanto fazia uma cobertura ao vivo. A repórter era uma estrela nacional e sua morte causou comoção. No momento em que foi atingida, Shireen vestia capacete e colete à prova de balas com a identificação “imprensa”. Is-



Foto: Simone Munir/Arquivo Pessoal

Maftoul, prato à base de cuscuz, é destaque em pesquisa

rael confirmou que a jornalista foi atingida “acidentalmente”. Outras palestinas mencionadas no estudo de Dahleh são Hanan Ashrawi, intelectual palestina e líder política, Hyatt Omar, uma jovem ativista palestina-brasileira atuante nas redes sociais, e a guerrilheira Leila Khaled.

Riqueza

Com um trabalho repleto de imagens da Palestina e de memórias, como a colheita de azeitonas, dos tradi-

cionais muros brancos das casas de Rafah, de pratos como o maftoul, uma comida palestina à base de cuscuz, a pesquisadora afirma que sua intenção era ir além da defesa do reconhecimento da Palestina como um Estado. “Mostrar a riqueza deste povo, ouvir e difundir o relato de mulheres descendentes e imigrantes palestinas é um modo de desmistificar a imagem que se tem deste grupo, como atrasadas, oprimidas e que não trabalham”, descreve logo

na introdução da tese.

“O colonialismo e a desapropriação das terras palestinas ressaltam a necessidade de as interlocutoras reafirmarem uma identidade nacional palestina, mesmo sendo descendentes”, defende a pesquisadora, que voltou ao Brasil deportada de Israel com a mãe brasileira e o irmão pequeno, aos nove anos, em 2005.

“Pelos brechas, essas mulheres buscam desmistificar o papel de submissão atribuído às palestinas, minar as representações que associam o terrorismo aos palestinos e discutir a ocupação”, conclui.



Mostrar a riqueza deste povo é um modo de desmistificar a imagem deste grupo como atrasadas



Foto: Reprodução/Redes Sociais

Refugiada, Maysar vê a internet como espaço de luta

MUDANÇA NO EDITAL

Secult-PB amplia prazo de inscrição

Candidatos têm até o dia 9 para confirmar participação no concurso; Prefeitura de Nova Palmeira oferta 99 vagas

Priscila Perez
priscilaperezcommunicacao@gmail.com

Passada a temporada de bandeirolas, canjica e forró, o mês de julho já começa com novidades para quem está em busca de oportunidades no serviço público. A Secretaria de Cultura da Paraíba (Secult-PB) prorrogou o prazo de inscrições até o dia 9 deste mês, ofertando em seu concurso inédito 33 vagas em áreas como Gestão Cultural, Audiovisual, Circo, Museologia e Literatura. Já no interior do estado, a Prefeitura de Nova Palmeira retificou o edital e agora soma 99 vagas com salários de até R\$ 4,5 mil. Se você ficou interessado, é hora de investir nos estudos, pois as provas acontecem já em agosto.

Cultura

Com foco na valorização da cultura paraibana e suas diversas linguagens, o concurso da Secult-PB é voltado para quem atua com patrimônio, artes e ciências humanas. No total, são 17 cargos contemplados, todos de nível superior, com salário-base de R\$ 3,5 mil, acrescido de R\$ 600 de auxílio-alimentação. As inscrições devem ser feitas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 120. Há vagas para analista em Gestão Cultural em diversas frentes, como cir-

co, teatro, dança, música, literatura e audiovisual, além de oportunidades para historiador, antropólogo, arqueólogo, paleontólogo, museólogo, arquivista, bibliotecário e restaurador.

A seleção será feita em duas etapas: aplicação de prova objetiva, prevista para 3 de agosto, seguida de análise de títulos. De acordo com o edital, a avaliação ocorrerá nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa, conforme a demanda. Com a prorrogação das inscrições, o novo cronograma teve algumas datas alteradas. É possível pagar a taxa de inscrição até 10 de julho, por exemplo, e a divulgação dos locais de prova será feita no dia 25. Já o resultado definitivo deverá ser publicado em 14 de novembro.



Pelo QR Code, acesse o edital da Secult-PB

Interior

Em Nova Palmeira, por sua vez, o concurso da Prefeitura passou por mudanças importantes após a retificação do edital, incluindo novas vagas para agente comunitário de saúde, cinco reservadas

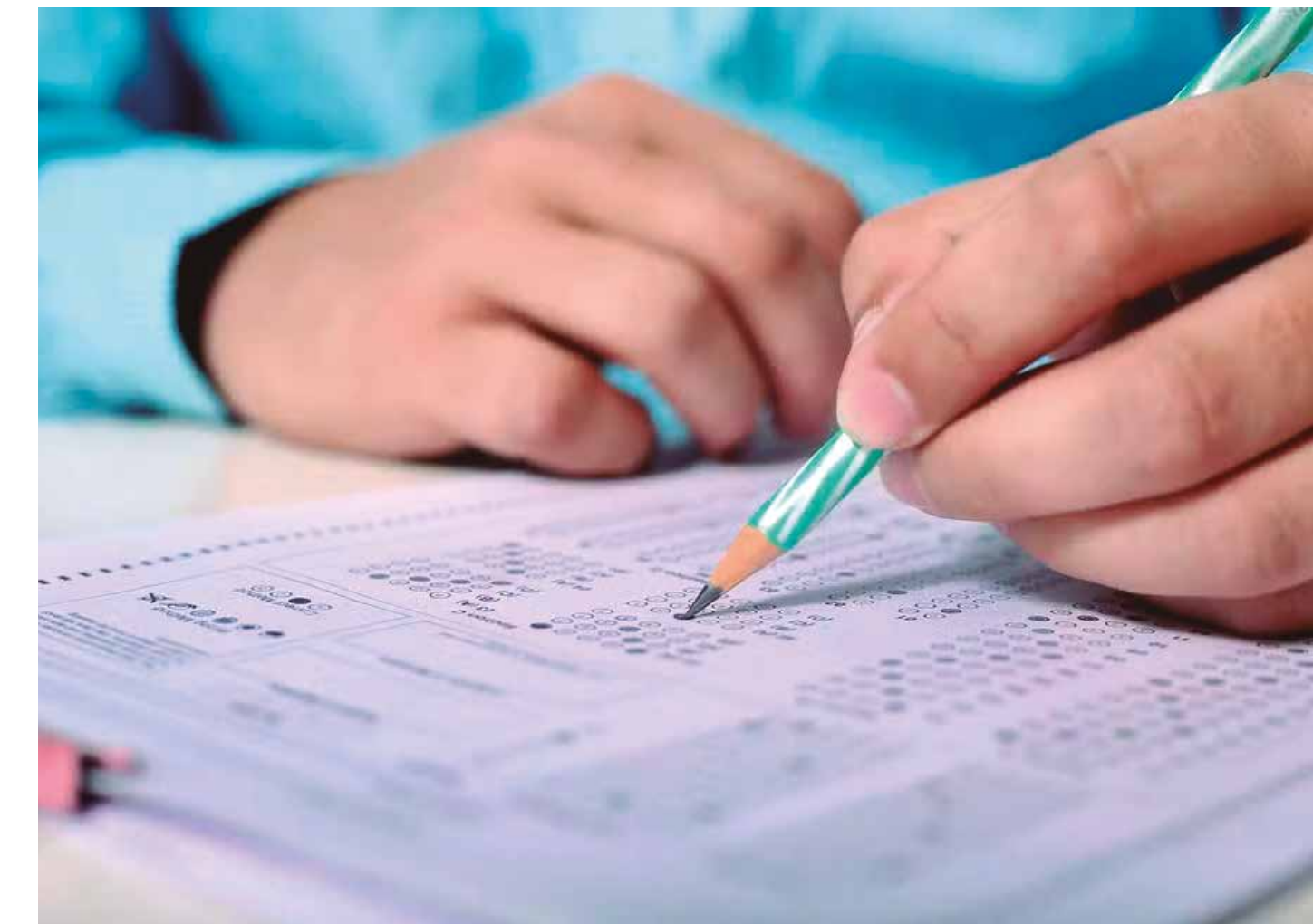


Foto: Reprodução/Pixabay

Aplicação da prova objetiva do concurso da Secretaria de Cultura da Paraíba está prevista para ocorrer no dia 3 de agosto

para pessoas com deficiência (PcD) e outras quatro destinadas a pessoas pretas ou pardas (PPP). Ao todo, são 99 oportunidades distribuídas entre cargos de nível fundamental, médio/técnico e superior, com salários que variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,5 mil e jornadas de trabalho de 20 a 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 20 de julho e devem ser feitas pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos (CPCon),

da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As taxas vão de R\$ 75 a R\$ 115, conforme o cargo.

As áreas contempladas pelo concurso são diversas e incluem desde funções como auxiliar de serviços gerais, motorista e operador de máquinas pesadas até cargos técnicos e de nível superior, como engenheiro civil, farmacêutico, assistente social, veterinário, professor, psicólogo e nutricionista. Quan-

to à avaliação, a seleção dos candidatos será feita por meio de prova objetiva, com questões de múltipla escolha, prevista para o dia 31 de agosto. Haverá, ainda, etapas adicionais para alguns cargos: motoristas e operadores de máquinas passarão por prova prática, marcada para 28 de setembro, enquanto os candidatos a cargos de nível superior também serão avaliados por meio da análise de títulos. De acordo com o cronograma

retificado, o resultado do concurso será publicado em 16 de outubro.



Acesse o edital da Prefeitura de Nova Palmeira

Produção cultural exige boa comunicação e gestão de pessoas

Entre acrobacias e palhaçadas, é o malabarismo da produção cultural que mantém o circo de pé. Isabel Fragoso conhece essa arte como poucos. Nascida e criada nesse universo, cresceu ao lado do pai palhaço e, com o tempo, assumiu os bastidores do espetáculo. Como artista ao longo da juventude e produtora cultural na atualidade, atua na organização das temporadas, na definição da programação e no cuidado com os detalhes que fazem tudo acontecer. Mas viver da arte é desafiador. Embora enxergue nos editais caminhos possíveis, ela destaca que a burocracia e a invisibilidade ainda limitam o trabalho circense. Mesmo assim, Isabel aposta na força da tradição para manter viva essa cultura que molda sua história desde a infância.

Não por acaso, o trabalho da produção cultural é contínuo, construído no dia a dia. Para a artista, tudo começa dentro da própria lona, a partir do aprendizado passado entre gerações. Isabel é a quarta geração de uma família dedicada ao circo, nascida no picadeiro do avô e iniciada na arte com apenas quatro anos de idade. “A gente se sente ligada ao circo por tradição. Eu costumo dizer que nascemos e crescemos na lona,

aprendendo com os pais, e vamos passando esse saber de geração em geração”, conta.

Quando se fala em produção cultural nesse universo, existem as escolas técnicas circenses, mas não uma graduação específica. Uma das possibilidades é cursar Artes Cênicas, por exemplo. Em contrapartida, a vivência cotidiana é rica o suficiente para formar quem se dedica de verdade a esse meio. “Muita

gente aprende no próprio circo, na convivência, no olho a olho, vendo os outros fazerem e trocando experiências”, complementa.

Antes de migrar para os bastidores, Isabel se apresentava como palhaço ao lado do pai e, mais tarde, do marido. Hoje, está à frente da administração do circo, enquanto vê as filhas assumirem o picadeiro e manterem viva a tradição. Mesmo fora dos holofotes, é ela quem articula o dia a dia

da trupe e garante que o espetáculo continue. “Eu fico mais na parte da secretaria do circo”, resume com simplicidade. Mas é justamente esse trabalho silencioso, feito nos bastidores, que sustenta toda a estrutura, cidade após cidade.

De forma natural, ela acabou desenvolvendo habilidades que são essenciais para qualquer produtor cultural, como boa comunicação, gestão de pessoas, organização e sensibilidade

de artística. É ela quem conversa com os integrantes da trupe, organiza ensaios, articula ajustes na programação e faz a ponte com o público e apoiadores. Boa parte disso veio com o dia a dia. “A base de tudo é o amor pela arte. A dedicação, o conhecimento e a disciplina vêm do amor”, resume, destacando que tudo que ela sabe hoje foi aprendido na prática.

Entretanto, segundo ela, a burocracia ainda é um dos grandes desafios para quem vive do circo. “A busca por oportunidades para o nosso meio é um campo muito burocrático. Hoje, posso dizer que elas estão nos editais e festivais culturais. Por outro lado, o nosso trabalho ainda está muito à margem da sociedade, o que torna tudo muito difícil”, desabafa. Apesar dessas barreiras, Isabel acredita que é possível, sim, viver da produção cultural circense e enxerga sinais de mudança no horizonte. “Estamos nos reinventando dentro das políticas culturais. A invisibilidade ainda existe, mas estamos trabalhando cada vez mais para mudar isso”, finaliza.

Se você deseja transformar essa vivência em carreira pública, o concurso da Secretaria de Cultura da Paraíba (Secult-PB) pode

ser uma porta de entrada importante. O edital oferece uma vaga específica para analista em gestão cultural com ênfase em circo, com salário de R\$ 4,1 mil, somando vencimento básico e auxílio-alimentação. Para concorrer, é necessário ter curso superior completo, seja nas modalidades de bacharelado, licenciatura ou tecnólogo. A jornada de trabalho é de 40 horas semanais.



Foto: Arquivo pessoal

A base de tudo é o amor pela arte. A dedicação, o conhecimento e a disciplina vêm do amor

Isabel Fragoso



Foto: Bruno Oliveira/Divulgação

Escolas técnicas circenses podem ajudar na formação dos produtores culturais

Selic Fixado em 18 de junho de 2025 15%	Sálário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +0,36% R\$ 5,424	Euro € Comercial +0,58% R\$ 6,387	Libra £ Esterlina +0,19% R\$ 7,408	Inflação IPCA do IBGE (em %) Maio/2025 0,26 Abril/2025 0,43 Março/2025 0,56 Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16	Ibovespa 141.247 pt +0,23%
---	---	--	--	---	--	---

EMPREENDEDORISMO EM ALTA

CLT perde espaço para o trabalho autônomo

No Brasil, 59% dos cidadãos preferem trabalhar sem carteira assinada

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Não faz tanto tempo que a carteira assinada ainda era sinônimo de estabilidade. Entretanto, hoje, ela divide espaço com o empreendedorismo e seu ideal de liberdade, o “plano B” para quem já não encontra espaço no mercado formal. Os números mostram bem essa nova realidade: segundo a pesquisa do Datafolha, realizada em 2022 e 2025, 59% dos brasileiros já preferem o trabalho autônomo, índice que dispara entre os jovens de 16 a 24 anos. Para o sociólogo Estevam Dedalus, essa mudança de mentalidade não é fruto do acaso, mas reflexo de um cenário que favorece a precarização do trabalho, a desmontagem dos direitos trabalhistas e o reforço de uma cultura que romantiza o esforço individual. “É uma espécie de sonho mágico de que empreender vai te dar um futuro”, disse o especialista à Rádio Tabajara.

A mudança de rota observada no mundo do trabalho tem raízes profundas, segundo o sociólogo. De um lado, faltam empregos estáveis com perspectiva de crescimento, mesmo em um cenário de recordes de carteira assinada. “Empregos formais de boa qualidade estão cada vez mais escassos”, observa Estevam, lembrando ainda que, fora do setor público, o trabalhador já não consegue mais planejar sua carreira a longo prazo.

Do outro lado, existe um apelo simbólico ao empreendimento como solução para as contradições do mercado e atalho para o sucesso. O sociólogo lembra que, atualmente, muita gente é atraída pela narrativa de que, ao ser seu próprio chefe,



Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Com uma economia desindustrializada, o setor de serviços se mantém barato no país

fe, qualquer indivíduo consegue prosperar.

Prosperidade

Mas essa lógica não se limita às redes sociais, nos quais empreendedores exibem suas rotinas de prosperidade e *coaches* ensinam como enriquecer em poucos passos. O problema, segundo o sociólogo, é que essa mentalidade também vem sendo incorporada ao ambiente escolar. Com a reforma do Ensino Médio, disciplinas tradicionais e com base científica, como Física e Matemática, vêm perdendo espaço para conteúdos focados em empreendedorismo. “Algum tempo atrás, em escolas do Rio de Janeiro, era oferecida a disciplina ‘brigadeiro caseiro’, por exemplo. Basta olhar os currículos depois da reforma. Você tem, agora, entre as disciplinas oficiais, aulas sobre empreendedorismo”, comenta. Para ele, essa mudança aponta para uma formação adaptada à informalidade, em um país que já não gera empregos de qualidade.

Para além das escolas, a

precarização do trabalho também se consolidou nas leis. Quando a instabilidade vira regra e os salários encolhem, o apelo ao empreendedorismo tende a crescer, segundo ele explica. “Essas reformas deixaram mais difícil a experiência de continuidade dentro do emprego”, pontua Estevam, ao comentar os efeitos das reformas trabalhista e da Previdência. E, sem perspectivas concretas, o trabalhador acaba sendo seduzido pela promessa de enriquecimento que o empreendedorismo proporciona, diante de um cenário de exaustão, no qual se trabalha muito e ganha-se pouco.

É por conta desses fatores que a juventude tem abraçado o empreendedorismo cada vez mais cedo — estimulada, também, pela ideia de que “é possível conquistar as coisas a partir do seu esforço individual”. Entretanto, como o sociólogo bem alerta, a sociedade precisa compreender que o sucesso depende, também, de uma série de fatores que vão além da força de vontade. Tem a ver com Educação, Ciência e Tecnologia. “Em um país



Foto: Arquivo Pessoal



É uma espécie de sonho mágico de que empreender vai te dar um futuro a partir do seu esforço individual

Estevam Dedalus

como o nosso, que caminha para um processo de desindustrialização, sem investimento em Educação e tecnologia, é impossível a geração de empregos de qualidade”, analisa.

Desindustrialização é a raiz do problema

Durante a entrevista à Rádio Tabajara, o sociólogo Estevam Dedalus citou o exemplo da Suíça para ilustrar como a complexidade econômica impacta diretamente a qualidade dos empregos e os salários. “Lá, um garçom ganha cerca de cinco mil euros”, destaca. E por que isso acontece? Segundo ele, quando o sistema produtivo é sofisticado, o salário médio sobe, o que eleva a renda até mesmo nos serviços mais básicos. “Se o rico ganha, o pobre também acaba ganhando”. No Brasil, ocorre exatamente o oposto: com uma economia desindustrializada, baseada na exportação de matérias-primas, o setor de serviços mantém-se ba-

rato. “Aqui, em João Pessoa, eu tenho certeza de que, em Mangabeira, você corta o seu cabelo por R\$ 20”, comenta. E resume a nossa realidade com uma música: “o de cima sobe e o de baixo desce”.

Embora seja comum ver nas redes sociais gente demonizando o trabalho com carteira assinada, o problema, segundo Dedalus, não está na CLT em si, mas no que foi feito dela nos últimos anos. Mesmo presidentes de grandes empresas, ou figuras como Neymar, têm contrato formal, o que comprova que o regime não é o vilão. A questão, aqui, é a correlação equivocada entre CLT e subemprego, em razão dos baixos salários

praticados no mercado brasileiro. “Basta analisar o custo de vida. Quando é que você, com R\$ 1,8 mil e filhos, consegue pagar aluguel, água, energia, telefone, alimentação e transporte? A situação fica muito complicada”, reflete. E se o salário não cobre nem o básico e o esforço consome a vida inteira, o “plano B” vira uma “saída” para quem deseja trilhar outro caminho.

Para o sociólogo, de olho no futuro, o país só terá alternativas reais de crescimento se investir em um projeto nacional de desenvolvimento. “A tendência é que a gente aumente o número de desempregados e o país continue relativamente pobre, sem gran-

des oportunidades.” Por isso, nas palavras de Estevam Dedalus, é urgente repensar o Brasil, tendo em vista que a automação e a inteligência artificial devem ampliar ainda mais as desigualdades por aqui. E empreender não pode ser a única resposta para esse cenário.



Para o sociólogo, o país só terá alternativas reais de crescimento se investir em um projeto nacional de desenvolvimento

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

João Pessoa: a capital onde o futuro cresce em ritmo nordestino

Há um brilho especial emanando da costa paraibana, e ele não vem apenas do sol, mas de uma economia que floresce e se consolida como um verdadeiro farol de prosperidade no Nordeste. João Pessoa, nossa capital ensolarada, não apenas encanta com suas belezas naturais, mas surpreende com um crescimento robusto e sustentável, liderando índices nacionais em população e geração de empregos formais. É a prova viva de que qualidade de vida e oportunidades econômicas podem, e devem, caminhar de mãos dadas.

Os números não mentem, e o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) traz um dado que nos enche de orgulho: João Pessoa foi a capital nordestina que mais cresceu proporcionalmente nos últimos 12 anos. Saltamos de 723 mil para 833 mil habitantes, um acréscimo de mais de 103 mil novos moradores. Enquanto metrópoles vizinhas registraram quedas populacionais, a capital paraibana se expandiu. Essa expansão não é aleatória; é resultado de um saldo migratório positivo, com pessoas de São Paulo, Rio, Minas, Pernambuco e Goiás buscando, em João Pessoa, não apenas um paraíso litorâneo,



Não é só um lugar para visitar, mas para fincar raízes, investir e construir um futuro

João Bosco Ferraz de Oliveira

mas um refúgio de segurança, menor custo de vida e, crucialmente, oportunidades.

Essa movimentação demográfica é a base de um mercado de trabalho efervescente. Os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) são uma melodia para os ouvidos de quem busca o desenvolvimento. Em maio de 2025, João Pessoa registrou

3.161 novas carteiras assinadas — o maior saldo dos últimos 12 meses e o maior crescimento proporcional entre todas as capitais brasileiras no período. Um feito notável que reflete um dinamismo contínuo.

O ritmo é impressionante: no acumulado de janeiro a maio de 2025, já são 7.457 novas vagas, representando um crescimento de 3,51% no estoque de empregos formais, em apenas cinco meses. Ampliando a perspectiva para os últimos 12 meses (junho de 2024 a maio de 2025), a cidade gerou 14.856 novos vínculos formais, um crescimento de 7,24%, novamente, o maior entre todas as capitais do Brasil!

Olhando para um período um pouco mais longo, de dezembro de 2020 a maio de 2025, a *performance* é ainda mais espetacular: o número de carteiras assinadas em João Pessoa saltou de 164.859 para 220.155. Isso significa 55.296 novos postos formais, um salto de 33,54% em pouco mais de quatro anos. É uma avalanche de oportunidades!

O grande motor por trás desse crescimento tem sido o setor de serviços, que reflete a capacidade da cidade de inovar e gerar valor em áreas como turismo, saúde, educação, tecnologia e comércio. É um ecossistema econômico que se autoalimenta, atraindo talentos, investimentos e sonhos.

Essa combinação de um crescimento populacional saudável, da atração de novos talentos de outras regiões, do aumento exponencial do emprego formal e de uma baixa desigualdade urbana solidificam a posição de João Pessoa como um dos melhores destinos do Brasil. Não é só um lugar para visitar, mas para fincar raízes, investir e construir um futuro. A cidade prova que é possível crescer com equilíbrio, planejamento e uma visão humanizada do desenvolvimento. João Pessoa é, de fato, a capital onde o futuro nasce a cada dia.

AUTONOMIA FINANCEIRA

Comunidade luta por independência

Pessoas trans e travestis são as que mais empreendem entre a população LGBTQIAPNb+, mostra pesquisa

Cibele Maciel
Agência Sebrae

Pesquisa inédita realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em parceria com o Instituto Datafolha, aponta que dentro da comunidade LGBTQIAPNb+, as pessoas trans ou travestis são as mais empreendedoras. Os dados mostram que 70% possuem ou demonstram interesse em ter um negócio próprio, sendo que 34% já lideram alguma atividade econômica.

Na média geral, entre o grupo LGBTQIAPNb+ — que abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outros — o percentual de donos de negócios é de 24%. De acordo com o levantamento, para dois terços das pessoas trans e travestis, a identidade de gênero e orientação sexual foi influência determinante na decisão de ter um negócio próprio.

“Mais do que proporcionar a independência financeira, o empreendedorismo pode construir espaços inclusivos, seguros e acolhedores para essa comunidade”, explicou Márcio Borges, analista de Empreendedorismo Feminino, Diversidade e Inclusão do Sebrae.

No estudo, o Sebrae também buscou identificar as principais motivações da comunidade LGBTQIAPNb+ para empreender. Entre pessoas trans e travestis e aquelas com renda familiar de até dois salários mínimos mensais, a decisão de iniciar um negócio próprio é mais frequentemente impulsionada por necessidade.

“Identificamos que o empreendedorismo também é uma conquista contra a discriminação”, acrescenta Márcio. Segundo ele, o levantamento expõe que as



Fotos: Divulgação/Agência Sebrae

Pesquisa mostra que 70% desse público possui ou demonstra interesse em ter um negócio próprio, sendo que 34% já têm alguma atividade econômica

“

Mais do que proporcionar a independência financeira, identificamos que empreender também é uma conquista contra a discriminação

Márcio Borges

situações de preconceito, em geral, são vivenciadas com maior frequência entre as pessoas trans e travestis quando comparados os dados dessa população com os da comunidade LGBTQIAPNb+ como um todo.

Setores de Beleza e da Cultura são alternativas

Na hora de procurar um segmento para ter um negócio próprio, as pessoas trans ou travestis investem principalmente nos setores de Beleza, Estética, Comércio, Entretenimento e Cultura. O levantamento mostra que os percentuais variam muito quando se compara as pessoas LGBTQIAPNb+ e as pessoas que não fazem parte da sigla.

Enquanto entre as pessoas LGBTQIAPNb+, 14% atuam no setor de Entretenimento e Cultura, por exemplo, enquanto entre as pessoas não LGBTQIAPNb+ apenas 2% declararam atuar nesse segmento. Esse número cresce para 20% entre pessoas trans e travestis. O mesmo padrão se repete nos serviços de Beleza e Estética.

No que se refere aos canais de venda, 69% das pessoas trans e travestis que são donas de negócio atuam de modo *on-line* e presencial. O percentual é maior do que o apresentado entre as pessoas

LGBTQIAPNb+, com 52%. Também de acordo com a pesquisa, 45% das pessoas LGBTQIAPNb+ donas de negócio já tiveram outro negócio. Entre as pessoas trans e travestis, esse percentual é de 56%. Os motivos mais citados para ter encerrado o outro negócio envolvem, geralmente, questões pessoais e a dificuldade financeira.

Percepção de sucesso

O levantamento aponta ainda que as pessoas trans e travestis demonstram menor confiança em relação às chances de sucesso de empresas liderada por uma pessoa LGBTQIAPNb+. As pessoas que não fazem parte dessa comunidade tendem a ser mais otimistas (66%) em relação às chances de sucesso de uma empresa liderada por uma pessoa LGBTQIAPNb+ (57%). Por outro lado, pessoas trans e travestis demonstram menor confiança, com cerca de metade acreditando em boas chances de sucesso (48%).

Retificação do nome social pode ser uma barreira legal para a formalização do negócio

A formalização traz benefícios tanto para quem empreende quanto para o próprio negócio, mas é uma realidade ainda distante dos empreendedores trans e travestis, de acordo com a pesquisa. O grupo é o que tem menos volume de negócios formalizados no país, com mais da metade (53%) em situação informal. Nesse aspecto, o especialista do Sebrae destaca como ter um negócio formalizado pode ajudar os empreendedores LGBTQIAPNb+ na conquista de direitos.

“Quando a pessoa formaliza seu negócio, ela tem acesso a benefícios previdenciários, como aposentadoria, auxílio-doença, entre outros. Isso dá tranquilidade para quem empreende e, por outro lado, dá garantias para que a empresa consiga buscar crédito, por exemplo”, disse o analista do Sebrae.

Ele acrescenta que a dificuldade de formalização para pessoas trans está diretamente relacionada à questão do nome social, constituindo-se barreiras



Mais da metade (53%) dos empreendedores trans e travestis ficam na informalidade

ainda mais complexas do ponto de vista legal. “Sem a retificação, não é possível emitir o CNPJ com o nome social. Após a mudança, o novo nome precisa ser atualizado em todas as bases do governo, incluindo registros como o da Receita Federal”, explica Márcio.

Ele enfatiza que é papel do Sebrae orientar e dar

apoio a todos os empreendedores sem distinção alguma, mas não há dúvida que alguns grupos precisam de uma atenção maior. “Com base em dados concretos, é possível propor soluções mais assertivas e personalizadas, que, de fato, atendam às necessidades desses empreendedores, permitindo que eles superem barreiras

e conquistem seu espaço no mercado de maneira sustentável”, finaliza.

■ Para dois terços das pessoas trans e travestis, a identidade de gênero e orientação sexual foi determinante na decisão de ter um negócio



ENTRE 2010 E 2022

Cresce 71,25% o número de vagas em graduações na PB

Resultado do estado ultrapassa a média nacional, que ficou em 37,05%

Ascom/Secities

A oferta de vagas no Ensino Superior de graduação no estado da Paraíba, de 2010 a 2022, teve um aumento de 71,25%, chegando a uma oferta de 2,51 mil vagas por 100 mil habitantes em 2022. Os números ultrapassam a média brasileira, que cresceu 37,05% nesse período. Ainda mais relevante foi a elevação nos estados do Nordeste, de 1,31 mil vagas, em 2013, para 2,6 mil, um incremento de 94,81%. Os dados estão divulgados em nota técnica produzida pelo Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia da Paraíba (SIDTec), coordenado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secities).

O SIDTec é uma plataforma que permite acompanhar dados de fomento à pesquisa e o desempenho de cursos de graduação e de pós-graduação, subsidiando a gestão pública com base em evidências. A iniciativa, coordenada pela

Secities, é realizada em parceria com o Laboratório de Estudos em Modelagem Aplicada da Universidade Federal da Paraíba—Lema/UFPB e a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB).

Para o secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, o SIDTec preenche uma lacuna sobre a divulgação de indicadores na área de Ciência e Tecnologia. “Esse é um problema em nível nacional. A gente não tem informações de onde estão os egressos dos nossos cursos de pós-graduação. Mas, agora, do ponto de vista de política de governo, o sistema vai mostrar a efetividade dos investimentos em Ciência e Tecnologia que estão sendo feitos”, enfatizou.

A nota técnica “Oferta de Ensino Superior: Dinâmicas Regionais e Temporais com Base nos Dados do SIDTec-PB” informa, com base no Censo de 2022, que apenas 18,4% da população brasileira com 25 anos ou mais possui Ensino Superior completo, enquanto

a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de 40,6%. Na Paraíba, a taxa é ainda menor: 14,5% de pessoas com Ensino Superior completo nessa faixa etária.

A análise feita por especialistas do SIDTec mostra que “o Brasil, a região Nordeste e, em particular, o estado da Paraíba, foram impactados pela política de expansão do Ensino Superior”. De 2010 a 2022, os locais citados mais que duplicaram a oferta de vagas em cursos de graduação. No caso específico da Paraíba, foram ofertadas aproximadamente um milhão de vagas ao longo do período.

Entretanto, novos desafios têm surgido, como a diminuição no número de matrículas por 100 mil habitantes. No período, foi registrado o encolhimento de 3,92% de matrículas na Paraíba; 2,55% no Nordeste e 17,96% no Brasil.

Além disso, o SIDTec revela que a distribuição geográfica do número de vagas nos

cursos de graduação permite visualizar regiões com menor oferta e, consequentemente, potenciais áreas para expansão. Há grande concentração dessas vagas nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras e Patos — estas cidades, juntas, concentram cerca de 90% do total de vagas.

Dados

No Nordeste, o número de vagas no Ensino Superior de graduação passou de 1,31 mil para 2,6 mil, segundo levantamento do Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia da Paraíba

Fotos: Mateus de Medeiros/Secities



O SIDTec é uma plataforma que permite acompanhar o fomento à pesquisa e o desempenho de cursos de graduação

Dimensões de investimentos e os cenários

A plataforma SIDTec-PB atualiza painéis temáticos com dados de fontes oficiais como IBGE, Inep, Capes, CNPq e Fapesq. A consulta permite avaliações da *performance* de vários indicadores de ciência, tecnologia, inova-

ção e Ensino Superior no estado da Paraíba. Tendo em vista as dimensões de investimentos e cenários, é possível mensurar o retorno desses investimentos por meio da análise dos resultados e impactos.

É uma ferramenta primor-

dial destinada a gestores públicos, instituições de ensino e a sociedade paraibana, com foco na construção de políticas públicas baseadas em evidências. Apresenta dois ambientes distintos: “Fapesq” e “CTIES” (Ciência, Tecnologia,

Inovação e Ensino Superior), por meio dos quais disponibiliza consultas sobre a produção científica, indicadores de inovação e dados do ensino superior da Paraíba, do Nordeste e do Brasil, com possíveis comparações em relação a outras instituições e estados a partir de cruzamentos de dados.

Também podem ser monitorados os programas de fomento à pesquisa científica e inovação tecnológica apoiada e/ou financiada pelo Governo Estadual na Paraíba, sobretudo os que são executados em cooperação com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba.

A nota técnica completa e os painéis interativos do SIDTec encontram-se no site: sidtec.secties.pb.gov.br.



Instituição afere produção científica de inovação e dados do Ensino Superior no estado

Ecos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Radioastronomia no Brasil: radiotelescópios principais

O primeiro radiotelescópio brasileiro foi instalado no Parque do Ibirapuera, em 1963, fruto dos esforços do Departamento de Rádio da Astronomia da antiga Associação de Astrônomos Amadores de São Paulo. O grupo era essencialmente composto por pessoal da Universidade Mackenzie. À frente da iniciativa estava o físico Pierre Kauffmann (1938 – 2017), pioneiro e um dos principais expoentes da radioastronomia brasileira.

O projeto consistia em uma parábola de construção rústica, com 30 m de diâmetro, feita de tela de arame para operar na frequência de 300 MHz. Curiosamente, no ambiente do Parque do Ibirapuera da época, havia vários animais soltos entre vacas e burros e, ao que tudo indica, esses não gostaram da presença do estranho objeto e, em menos de um mês da sua instalação, colocaram tudo abaixo.

O primeiro rádio-observatório do país foi implantado na área conhecida como Umarama, em Campos do Jordão, em 1964, e contava com uma antena parabólica de 1,5m, atuando como radiopolarímetro em 7 GHz, e uma antena de 5,2 m recebendo em 300 MHz (o mesmo receptor usado no Parque do Ibirapuera), além de outras antenas, tendo como principal objeto de estudo as emissões de rádio do Sol.

Não demorou a se perceber que a infraestrutura de Umarama não seria suficiente, devido a problemas de logística e até ao fornecimento de energia elétrica. Isso impulsionaria o projeto do Rádio Observatório de Itapetinga (ROI) em Atibaia, São Paulo. Ali foi construído o radiotelescópio de 13,7 m de diâmetro, abrigado no interior de uma redoma de 19,4m, sendo inaugurado oficialmente em 1973. O receptor escolhido para o observatório operava na frequência de 22 GHz.

O equipamento foi responsável por uma das mais importantes descobertas feitas pela radioastronomia brasileira da detecção do primeiro megamaser extragaláctico na galáxia NGC 4945 em 1978. Os *masers* são objetos astronômicos capazes de emitir imensas quantidades de radiação eletromagnética na faixa das micro-ondas de forma coerente (como fazem os *lasers*, mas com a luz).

Em 1993, foi inaugurado o ROEN, Rádio Observatório Espacial do Nordeste, um radiotelescópio de 14,2 m localizado a 30 km de Fortaleza. O equipamento foi construído numa parceria entre o governo norte-americano, o Ministério de Ciência e Tecnologia e a Finep, como parte do programa de geodésia espacial do país. Recentemente, o radiotelescópio passou por uma série de manutenções que vão permitir a continuidade das suas operações no Programa Brasileiro de Interferometria de Linha de Base Muito Longa (VLBI).

Entre os projetos nacionais atuais, destaca-se o radiotelescópio Bingo, que se encontra em fase de instalação na Serra do Urubu, no Município de Aguiar (PB), e em breve dedicaremos um artigo exclusivo para o equipamento. Longe de esgotar o tema, escolhemos apresentar os principais equipamentos que impactaram a pesquisa da radioastronomia no Brasil, nos últimos 60 anos.

No próximo mês, trataremos da radioastronomia na educação, como o tema vem sendo negligenciado enquanto proposta curricular para sala de aula e quais iniciativas têm sido feitas para desmistificar o assunto e promover a sua divulgação no Brasil e no mundo.

Carlos Alberto P. Silva, coord. do BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Colunista colaborador

Radar Ecológico

Sumiço das borboletas

Atualmente, 63 espécies do inseto estão ameaçadas de extinção, incluindo três na PB

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Lembradas por simbolizar transformações e ciclos, as borboletas são objeto de admiração, quando encontradas em áreas verdes ou próximas aos jardins, parques e praças. Outrora avistadas com mais frequência, elas parecem estar bem menos presentes, principalmente no ambiente urbano. A aproximação do voo de uma borboleta sempre encantou a professora aposentada Maria Silva. “Elas representam renovação e são criaturas muito sutis. Até a década de 1990 e os anos 2010, sinto que as víamos mais, tanto na casa onde eu morava, no Besa, quanto em algumas outras partes da cidade, mas os aparecimentos foram se tornando mais rarefeitos com o passar do tempo”, contou.

Mudanças habitacionais e de estilo de vida influenciam a percepção. Desde então, ela já morou em três apartamentos diferentes, até se aposentar. “Não sei se foi só o meu modo de vida que mudou, mas percebo a urbanização avançando, com mais ruas asfaltadas, por exemplo, e aí, eu penso, que esses ‘sinais’ da natureza, passam a ser menos vistos no cotidiano das cidades”, relatou.

Esse cenário não é apenas uma impressão, isso se deve à sensibilidade das borboletas às mudanças ambientais. Conforme explica a bióloga e especialista em ecologia, Solange Kerpel, a primeira espécie de borboleta ameaçada no Brasil, *Parides ascanius*, foi registrada em 1973, pelo ainda IBDF, que foi substituído pelo Ibama, em 1989. A diminuição das populações acontece com os animais, plantas e microrganismos de forma geral, porém, de forma muito intensa com os insetos, que são essenciais para um planeta sustentável.

De lá para cá, a lista só tem aumentado. “Atualmente, 63 espécies de borboletas e uma de mariposa encontram-se em algum grau de ameaça”, os dados são da lista de espécies ameaçadas de extinção do Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (Portaria MMA nº 148/2022). Na Paraíba, de acordo com levantamento, três espécies de borboletas estão ameaçadas: *Morpho epistrophus nikolajewna* e *Morpho menelaus eberti*, na Mata Atlântica, e *Heraclides himeros baia*, no Brejo de altitude.

Uma variedade de fatores contribuem para que uma espécie deixe de existir. “O uso abusivo de agrotóxicos; a perda de habitat, ocasionada pela urbanização; a substituição de áreas de vegetação natural por áreas agrícolas, a construção de estradas, barragens, complexos solares e eólicos, entre outros; e ainda, as mudanças climáticas que vem acontecendo em ritmo cada vez mais

acelerado”, alerta a bióloga.

Mariposas

Borboletas e mariposas pertencem à ordem *Lepidoptera*; tal nome é derivado da combinação das palavras gregas *lepis*, que significa escama, e *pteron*, asa. Há várias características morfológicas e comportamentais que nos ajudam a diferenciar as mariposas das borboletas. “Em geral, as borboletas apresentam antenas clavadas e as mariposas têm diferentes tipos de antenas que vão desde filiformes, com forma de fio, plumosas, até pectinadas, com forma de pena”.

Quando em repouso, as borboletas pousam com asas para cima, enquanto as mariposas com asas para baixo. “Além disso, a maioria das borboletas é diurna, enquanto a maior parte das espécies de mariposas é noturna, porém, na natureza, essas características tem muitas exceções, ou seja, algumas mariposas voando durante o dia e borboletas pousando de asas abertas”.

Ciclo de vida

Como os demais insetos, as borboletas passam por fases e transformações. “Dos ovos, que variam de forma e tamanho conforme a espécie, eclode uma pequena larva. Essa passará por diversas mudas, o que a fará crescer muitas vezes do seu tamanho inicial”.

Para crescer, a larva precisa alimentar-se muito, normalmente das folhas, caules e até flores das plantas. Ela terá que mudar seu exoesqueleto, estrutura de quitina que cobre o corpo. Ao ingerir alimento, a larva, ou lagarta, cresce, e quando o esqueleto não suporta mais seu volume, ocorre a muda por um exoesqueleto novo e maior, que acomoda o corpo crescido.

As mudas ocorrem sucessivamente enquanto a larva cresce, até que passe para a fase de pupa ou crisálida e tenha reservas suficientes para o processo de metamorfose. “Durante a metamorfose ocorrem modificações corporais drásticas que a tornam um adulto, macho ou fêmea. Após emergir da pupa, a fêmea coloca seus ovos reiniciando o ciclo, mas isso só acontece depois de ser fertilizada durante o acasalamento”, explica a pesquisadora.

A pupa, ou crisálida, não se alimenta e permanece fixa a um substrato, muitas vezes camuflada, pois essa forma é bastante vulnerável aos predadores e parasitas. “Durante a metamorfose, ocorrem modificações morfológicas que se refletirão nos novos comportamentos: as borboletas passam de mastigadoras de folhas para sugadoras de líquidos, além de trocar a baixa mobilidade pela capacidade de voar”.



Perda do habitat natural, em decorrência da urbanização, é uma das causas do desaparecimento

Bicho tem função essencial na natureza

As borboletas têm participação em uma função essencial: a polinização. “Contribui para a conservação dos ecossistemas, ao manter o fluxo gênico das plantas e a garantia da produção de sementes”. Conforme explica a bióloga, esta ocorre quando as borboletas alimentam-se e voam transportando o pólen de flor em flor, principalmente na sua língua.

O pólen, que é o gameta masculino da flor, é levado ao estigma para encontrar o gameta feminino e fertilizá-lo. “Só após a ocorrência desse processo é que muitas flores vão se reproduzir, ou seja, desenvolver o fruto e produzir sementes”. Estima-se que os insetos polinizadores são responsáveis por garantir a produção de frutos e sementes para 75% dos nossos alimentos, desta forma estão diretamente ligados à nossa segurança alimentar.

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) tem se preocupado com a segurança alimentar mundial e dado atenção a esse problema, estimulando os países signatários a reduzir o uso de agrotóxicos e agir em prol da conservação dos insetos polinizadores.

Outro fator de importância ecológica é que as borboletas servem de alimento para aves, mamíferos, anfíbios e répteis, sejam larvas ou adultos. “Entram nas teias alimentares e contribuem para a manutenção da população de animais que também são dispersores de sementes, função essencial para a continuidade da floresta ou qualquer vegetação”, explica Solange Kerpel.

Algumas plantas atraem as borboletas. “São aquelas que produzem néctar, de cores e tamanhos variados, muitas delas em forma de

um tubinho que acumula néctar. Plantas da família *Asteraceae*, em forma de margaridas, calíandrade; e as da família *Verbenaceae*, como a lantana ou gervão, são ótimas para serem plantadas em jardins”. Ainda, as borboletas visitam as bromélias e plantas frutíferas como o umbú, acerola, flores de jerimum, pepino, melão, melancia etc.

A perda de espécies de borboletas, entre outros insetos, deve preocupar os gestores em todas as esferas. “De fato, há uma preocupação a nível mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo, estimulou países a criar planos de ação”. No Brasil, foi criado, em 2022, o Plano de Ação Nacional Para Conservação dos Insetos Polinizadores Ameaçados de Extinção (PAN Insetos Polinizadores), com vigência até 2027, e que se propõe a promover ações em todo

território nacional, com sete núcleos gestores para cada região.

O PAN Insetos Polinizadores contempla 56 espécies de polinizadores ameaçados de extinção, encontrados em 22 estados do Brasil, abrangendo todos os biomas. Nele estão inseridas as borboletas, juntamente com as mariposas polinizadoras e as abelhas. Em relação às borboletas, 63 espécies e uma de mariposa encontram-se com algum grau de ameaça.

ICMBio lidera ações de proteção aos insetos polinizadores em risco

O PAN Insetos Polinizadores reúne ações voltadas à proteção dos insetos polinizadores ameaçados de extinção em todo o Brasil e é liderado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudanças do Clima. Foi elaborado a partir de oficinas *on-line* organizadas pelo ICMBio, entre 2020 e 2022, e contou com a participação de 277 pesquisadores de 124 instituições federais, estaduais e representantes de municípios.

Tem como objetivo reduzir o risco de extinção dos insetos polinizadores, com ações integradas da sociedade civil e instituições governamentais, promovendo a conservação de seus habitats e a manutenção das funções e serviços ecossistêmicos de polinização. “Contém oito objetivos específicos e ações definidas para cada um, que vão desde a redução da perda e degradação de habitat, até o manejo”, descreve Solange Kerpel.

O ICMBio disponibiliza o Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), que funciona como uma plataforma *on-line* que organiza e disponibiliza informações sobre a fauna brasileira em risco de extinção.

Estado

Na Paraíba, o PRONEX-PB (FAPESQ-PB), é um programa que tem reunido informações geradas pelos pesquisadores de cada grupo taxonômico e está mapeando a biodiversidade da estado, inclusive as borboletas. “Este projeto é importante, porque para preservar inicialmente precisamos saber onde cada espécie habita, para que suas localidades venham ter atenção especial e a sua conservação seja efetiva”, afirma a pesquisadora.

Parte do PRONEX-PB e do Núcleo G2(NG2) do PAN Insetos Polinizadores atua em trechos da Caatinga e da Mata Atlântica do Nordeste. O Laboratório de Ecologia e Interações

de Insetos da Caatinga (LEIIC), coordenado pela professora Solange Kerpel, põe em prática ações previstas pelo PAN. “Desempenhados aquelas que estão ao nosso alcance, fazendo pesquisa científica por meio de levantamentos em diferentes localidades e promovendo ações de educação ambiental, sobre a importância da conservação dos insetos polinizadores, destacando sua função social, ambiental e econômica”, descreve.

O trabalho realizado visa a popularização da ciência, com a implantação de jardins nas escolas, e palestras e exposições na região de Patos e em outros municípios incluídos no PARNA Serra do Teixeira. “É importante trabalhar a conscientização nestas áreas, pois em 2011 registramos uma borboleta ameaçada de extinção, que não era vista há mais de 70 anos, *Heraclideshimeros baia*, uma das espécies alvo do PAN Insetos Polinizadores”, acrescenta a pesquisadora.



Beleza das borboletas encanta observadores que ainda conseguem avistá-las

BRASILEIRO

Belo e Galo têm jogos decisivos amanhã

Botafogo tenta sair da zona de rebaixamento na Série C e o Treze busca o G4 da Série D

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Botafogo e Treze entram em campo, amanhã, pela 11ª rodada do Campeonato Brasileiro Séries C e D, respectivamente. O Belo duela com o São Bernardo, às 19h30, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. Já o Galo enfrenta o Horizonte, às 20h, no Estádio Amigão.

Botafogo

O time da Maravilha do Contorno vive um momento conturbado na Terceirona, ocupando a zona de rebaixamento e vindo de três derrotas seguidas (a última diante do Itabaiana, pela 10ª rodada). Até aqui, a agremiação tem apenas nove pontos, em 30 disputados, e acumula duas vitórias, três empates e cinco derrotas.

A campanha desastrosa resultou na demissão do técnico Márcio Fernandes e de sua comissão. Na última sexta-feira (4), o CEO Alexandre Gallo e o executivo Fausto Momente entregaram os cargos e também não fazem mais parte do clube.

O São Bernardo, por sua vez, tem 15 pontos, quatro vitórias, três empates e três derrotas e quer se manter na parte de cima da tabela. O time paulista vem de triunfo sobre o Anápolis, por 3 a 0, e conta com o retrospecto do confronto de amanhã favorável a si: dos quatro confrontos entre o Bernô e o Botafogo, a equipe de São Paulo venceu dois e os outros ficaram empatados.

O Alvinegro da Estrela Vermelha tem pela frente a disputa por 27 pontos em nove jogos, sendo cinco em

casa — São Bernardo, Londrina, Brusque, Ponte Preta e Tombense — e mais quatro fora — Ituano, CSA, Ypiranga e Anápolis.

Treze

O Treze tem amargado uma sequência de cinco jogos sem vencer e, na última rodada, empatou em 1 a 1, diante do Ferroviário, no Presidente Vargas, em Fortaleza. O último triunfo do time galista foi no dia 18 de maio, quando superou o Ferão, por 1 a 0, no Amigão. De lá para cá, são quatro derrotas e um empate.

Na Série D, em 10 jogos, a agremiação de Campina Grande acumula 10 pontos, com três vitórias, um empate e seis derrotas. Além do Horizonte (casa), o Alvinegro ainda enfrenta Sousa (fora), América-RN (casa) e Santa

Cruz-PE (fora) na primeira fase do torneio nacional.

Na semana passada, o meia Dione e o atacante Pipico assinaram suas rescisões contratuais. O time, no entanto, recebeu um novo reforço para a sequência de jogos da competição: o meia Gustavo Aguiar, que acumulava passagens por clubes como Goiás, Aparecidense, Metropolitan, Democrata, Inter de Limeira, Monte Azul e Betim. Seu último clube foi o Valeriodoce.

Em coletiva de imprensa no Presidente Vargas, em Campina Grande, na quinta-feira (3), William De Mattia comentou sobre as movimentações no elenco. “Vários atletas acabaram saindo, mas eu costumo falar que o protagonista não pode ser quem saiu, tem que ser quem está dentro do

processo. É por esses atletas que estão aqui, dentro do processo, que eu estou aqui dando total suporte, dando o melhor de mim, junto com toda a comissão técnica, para que eles sejam protagonistas e sejam aplaudidos com grandes vitórias”, disse.

“Diariamente estamos conversando com o Departamento de Futebol, para que consigamos repor as saídas. Eu tenho certeza que, buscando esses pontos, amanhã, essas reposições virão. Um clube como o Treze não pode estar com o grupo fechado, tem que estar de olho no mercado. Buscando essa vitória, essas reposições vão chegar”, acrescentou o treinador.

Ele também comentou sobre os próximos jogos que o Galo fará pela Série D. “Quatro jogos, quatro

vitórias, é em busca disso que nós vamos jogar. Juntos, fizemos um jogo contra o Ferroviário, em que fomos em busca dos três pontos, e conseguimos um ponto importante. Agora, com todo o respeito, humildade e todo trabalho, vamos ter esse jogo contra o Horizonte. Mas nossa meta é, nos quatro jogos, conseguir o maior número de pontos possíveis”, afirmou.

De Mattia ainda reconheceu a importância que o apoio da torcida alvinegra tem para uma remontada na Quarta Divisão. “O maior patrimônio desse clube é a torcida. A torcida vai estar sempre com a razão. Campina Grande é uma cidade que respira futebol, e a torcida do Treze é a maior torcida da Paraíba. Tenho total respeito. Já conheço a casa desde 2023. Agora, é foco total nesse jogo contra a equipe do Horizonte. Convoque todo o torcedor para estar do nosso lado. Não vai ser um jogo fácil, mas a gente precisa desse apoio para ganharmos esse jogo”, salientou o técnico galista.

Adversário

O Horizonte chega ao confronto após derrota, por 3 a 1, para o Sousa e está na lanterna do Grupo 3, com apenas oito pontos. Para chegar ao G4 e conseguir a classificação para o mata-mata, o time cearense tem que vencer os quatro jogos restantes e torcer por uma combinação de resultados envolvendo as demais equipes de cima da tabela.

Iluminação

O novo e moderno sistema de iluminação em LED do Estádio Amigão será inaugurado, amanhã, antes da partida entre Treze e Horizonte. O Almeidão, em João Pessoa, também já teve sua modernização entregue no mês passado. Juntas, as duas praças esportivas receberam R\$ 2,5 milhões em investimentos só nessa área.



Jogadores do Botafogo treinaram com muita disposição na Maravilha do Contorno para mais um jogo pelo Brasileiro Série C



Técnico William De Mattia observa os jogadores do Galo treinando para o jogo contra o Horizonte, amanhã, no Estádio Amigão, pela 11ª rodada da Série D

FÓRMULA 1

Norris segue à caça de Oscar Piastri

Inglês luta desesperadamente para assumir a ponta do Mundial de Pilotos numa briga constante com o australiano

O domingo é de muita velocidade, no Circuito de Silverstone, com a 12ª corrida do ano do Mundial de Fórmula 1, em que, desde o início, a McLaren vem mostrando a sua força, tanto que seus dois pilotos seguem brigando pelo título. Separados por 15 pontos, com o australiano Oscar Piastri na liderança, com 216 pontos, Lando Norris busca se aproximar ainda mais depois da vitória no GP da Áustria, disputado no último dia 29 de junho, chegando aos 201 pontos. E essa disputa promete muito no palco da primeira corrida de sua história, com o mítico autódromo de Silverstone recebendo mais uma edição do GP da Grã-Bretanha, que marca a conclusão da primeira metade da temporada 2025. A prova começa às 11h (horário de Brasília).

Max Verstappen mantém a terceira posição após o abandono na Áustria, com 155, e vê George Russell novamente em sua cola, com 146. Charles Leclerc completa o top 5, com 119. Com o resultado do último domingo, Gabriel Bortoleto conquistou seus primeiros pontos no Mundial e é atualmente o 19º, com quatro. Verstappen espera uma corrida diferente, principalmente depois que novas atualizações foram introduzidas no seu carro, assim como o brasileiro da Sauber, Gabriel Bortoleto, que sonha com nova pontuação.

No Mundial de Construtores, a McLaren segue sobrando, com 417, contra 210 da Ferrari e 209 da Mercedes. A Red Bull vai ficando para trás nessa disputa, em quarto, com 162, enquanto a Williams é a quinta, com 55. Silverstone entrou para a história ao sediar a etapa inaugural do Campeonato Mundial de Fórmula 1, em 13 de maio de 1950. Na ocasião, o italiano Giuseppe Farina venceu a prova com sua Alfa Romeo 158 — e mais tarde viria a se tornar o primeiro campeão mundial da categoria.



Foto: Reprodução/Instagram

Lando Norris e Oscar Piastri, em conversa descontraída, seguem na briga pelo título mundial e, hoje, travam nova disputa

Russel x Verstappen

Após publicação da Sky Sports Itália de que “Max Verstappen e a Mercedes estão em negociações concretas” e que George Russell é quem sairia do time alemão, o futuro do britânico também se tornou alvo de especulação. Ex-piloto de Fórmula 1 e comentarista da categoria, Martin Brundle opinou sobre os rumores da última semana na *site* motorsport.com.

“Acho que George está nervoso! Ele está fazendo algumas ligações, sondando...”, disse Brundle a Sky Sports. “Onde há fumaça, há fogo”.

Foi Russell, no fim de semana do GP da Áustria, quem confirmou que a Mercedes estava conversando com Verstappen. O contrato do britânico termina no fim deste ano e, apesar de ter entregado resultados consistentes — Russell é o quarto entre pilotos, atrás da dupla da

McLaren e de Verstappen, além de ter vencido o GP do Canadá —, uma renovação ainda não foi divulgada.

“O ano de 2026 será gigantesco, é a maior mudança de todos os tempos na Fórmula 1 em termos de chassi e unidade de potência. A gente imagina que a Mercedes estará na briga, ou muito próxima disso. Será que Max consegue sair do contrato? Tem algo acontecendo”, completou Brundle.

Vale lembrar que, há al-

guns meses, o chefe da Mercedes, Toto Wolff, chegou a dizer que “Russell está nos dando todos os motivos para renovar o contrato”, sabendo “do que o piloto é capaz, tendo o ritmo e a atitude certa”. Além disso, nesta semana, o austríaco deu um prazo para definir a dupla da Mercedes de 2026: “Não quero ser sádico em deixar um piloto esperando ou não tomar nenhuma decisão quando deveria ser tomada. Há muitas dis-

cussões em andamento, até as férias de verão, tudo estará pronto”, falou Wolff.

A Sky Sports Itália repercutiu a notícia de que o tetracampeão está quase pronto para deixar a Red Bull antes do fim de seu contrato, em 2028. Toto Wolff já deixou claro que tem interesse no holandês e estaria pronto para entender o que Max precisa para assinar com os Flechas de Pratas.

Sempre que perguntado sobre a possibilidade de deixar a equipe de Milton Keynes, Verstappen costumava apagar o fogo com panos quentes, dizendo que não está pensando sobre o assunto, que não pretende sair da equipe. Mas, dessa vez, em comentário à Viaplay, foi levemente diferente.

O holandês não deu uma resposta direta e, apesar de tentar desconversar o assunto, deu um pouco mais de gasolina para o incêndio.

“Eu não tenho muito a adicionar [ao assunto]”, começou. “Quanto mais eu falar sobre isso, mais a mídia reportará. E eu, certamente, não quero isso. Eu determino o meu próprio futuro”.

Classificação

- 1 - Oscar Piastri — 216
- 2 - Lando Norris — 201
- 3 - Max Verstappen — 155
- 4 - George Russell — 146
- 5 - Charles Leclerc — 119
- 6 - Lewis Hamilton — 91
- 7 - Kimi Antonelli — 63
- 8 - Alexander Albon — 42
- 9 - Esteban Ocon — 23
- 10 - Nico Hülkenberg — 22
- 11 - Isack Hadjar — 21
- 12 - Lance Stroll — 14
- 13 - Fernando Alonso — 14
- 14 - Carlos Sainz — 13
- 15 - Liam Lawson — 12
- 16 - Pierre Gasly — 11
- 17 - Yuki Tsunoda — 10
- 18 - Oliver Bearman — 6
- 19 - Gabriel Bortoleto — 4
- 20 - Franco Colapinto — 0

RIO DE JANEIRO

COB realiza Encontro Anual de Gestores das Confederações

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) realiza, a partir de amanhã até o dia 11 de julho, o Encontro Anual de Atualização de Gestores das Confederações Brasileiras Olímpicas no Centro de Treinamento do Time Brasil, no Rio de Janeiro. A capacitação, promovida pelo Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), contará com cerca de 20 palestras e *workshops* divididos na programação da próxima semana.

O evento tem o objetivo de capacitar os participantes na utilização de ferramentas e recursos que envolvem a gestão e os processos do COB; apresentar as melhores práticas de gestão do mercado e novidades do mercado esportivo; e prover subsídios para exercerem suas funções de forma efetiva em suas atividades administrativas diárias, visando otimizar, aperfeiçoar e alinhar informações.

“Essa é uma oportunidade de o COB dialogar com as confederações, focando em melhorar andamento de processos e procedimentos que possam ser

oportunidades para ambos os lados. E, a partir disso, estabelecer o que é pertinente de uso do recurso público, por exemplo. É muito importante que as áreas de Gestão e Esportes caminhem juntas nesse processo para que os objetivos sejam alinhados com unidade e transparência”, afirma Sebastian Pereira, gerente-executivo de Infraestrutura e Formação

“

É muito importante que as áreas de Gestão e Esportes caminhem juntas nesse processo

Sebastian Pereira

do COB. Com duração total de 30 horas, distribuídas em cinco dias, o encontro segue as premissas estabelecidas pela Solidariedade Olímpica Internacional, construído de forma conjunta e integrada com todas as Diretorias e suas respectivas gerências, levando em conta as reais necessidades de capacitação do público.

São esperados cerca de 100 participantes por dia de evento, que está estruturado em atividades teórico-práticas. Nesta edição, a programação conta com um *workshop* prático ensinando sobre o uso do Sigef com simulações em ambiente de teste (solicitação, execução e prestação de contas dos projetos das Confederações), *workshops* de Avaliação de Desempenho & Clima Organizacional e Lei de Incentivo ao Esporte, além de espaços dedicados a responder dúvidas frequentes, direcionadas às áreas de Prestação de Contas e Contabilidade, recebidas na Central de Atendimento às Confederações (CAC).



Foto: Divulgação/COB

Sebastian Pereira vê o encontro como fundamental para alinhar projetos do COB

MUNDIAL DE CLUBES

Futebol brasileiro mais fortalecido

Pentacampeão e membro de Grupo de Estudos da Fifa, Gilberto Silva vê menos distância entre Brasil e Europa

Gilberto Silva tinha 25 anos quando, pela primeira vez na carreira, enfrentou jogadores de outro continente. Agora, pensem que isso aconteceu logo no jogo de estreia da Seleção Brasileira pela Copa do Mundo da Fifa de 2002, contra a Turquia.

Sabemos o que aconteceu depois: viriam confrontos com China, Costa Rica, Bélgica, Inglaterra, novamente Turquia e, por fim, a Alemanha. Desnecessário dizer quão enriquecedora foi a experiência para o emergente volante do Atlético Mineiro que, até então, havia registrado em seu currículo internacional algumas poucas partidas contra times sul-americanos.

Gilberto, obviamente, viria a se tornar um ídolo no Arsenal pouco depois.

Foi com essa perspectiva que o pentacampeão mundial analisou o desempenho dos representantes brasileiros no Mundial de Clubes.

Membro do TSG, o Grupo de Estudos Técnicos da Fifa, o ex-meio-campista celebrou não só os resultados

que levaram dois clubes de seu país às quartas de final como ressaltou o possível impacto que essas campanhas podem gerar para o futebol brasileiro. A entrevista foi dada ao *site* da Fifa antes dos jogos das quartas de final.

“

Essa competição não poderia ter sido melhor para o futebol brasileiro, para mostrar que nós temos qualidade, sim

Gilberto Silva



Ex-meio-campista jogou no Atlético Mineiro e ganhou a Copa de 2002 realizada na Coreia e no Japão

A entrevista

■ Como você recebeu esse ótimo desempenho dos clubes brasileiros aqui, nos Estados Unidos?

Estou muito feliz. Independentemente dos que já saíram da competição, eles fizeram uma ótima primeira fase e performaram. Muita coisa tem acontecido dentro do nosso futebol, dentro do país. Há muita desconfiança no geral; dúvidas sobre se a gente está no caminho certo ou não. Essa competição não poderia ter sido melhor para o futebol brasileiro, nesse sentido, primeiro para mostrar que nós temos qualidade, sim. Não só dentro de campo, mas no comando também, na parte técnica de cada equipe.

■ É de esperar um efeito em termos de autoestima, você acredita? Mesmo para times que não estão aqui. Clubes que até ontem estavam fazendo jogo duro contra seus rivais e agora os viram ganhando de europeus...

Sem dúvida. De certa forma, serve também como um comparativo para os clubes, para eles entenderem realmente em que nível que nós estamos no mundo do futebol. Tem todo um contexto. Poderíamos sempre comparar os clubes do futebol brasileiro, sem que eles talvez não tivessem a oportunidade de jogar contra os europeus numa competição como essa. Agora, eles estiveram contra aquele que é, sem dúvida, o melhor futebol do

mundo, o europeu, pois eles têm muito mais recursos.

Mas incluímos aí também a oportunidade de conhecer clubes de outros continentes. Eu, por exemplo, não conhecia muito o Mamelodi Sundowns ou o Wydad Casablanca. Você só consegue isso numa competição como essa. Para os clubes brasileiros, penso que, independentemente do resultado de cada um, fica uma grande experiência para levar para casa, coisas positivas, e pensar naquilo que podem melhorar. É uma oportunidade de revisar o trabalho que está sendo feito, não só na parte técnica, mas na direção de cada clube, pois eles também tiveram a oportuni-

dade de interagir com o mundo inteiro aqui, fazer *network* e ver o que está sendo feito aqui fora.

■ Podemos falar um pouco do que vimos em campo dos times brasileiros?

Cada um tem a sua identidade, seu estilo próprio de jogar. Isso é uma coisa que não tem muito como você mudar, né? Você tem que procurar cada vez se fortalecer dentro da sua própria identidade e melhorar em aspectos táticos, físicos e técnicos, mas cada um dentro do seu estilo.

O Botafogo enfrentou o campeão da Champions League e venceu quando todo mundo imaginava que perde-

ria. Ele estava bem montado, defensivamente falando, mas utilizando bem os dois jogadores de ataque, o Artur e o Igor [Jesus]. Eles eram a válvula de escape, mas, em vez de jogarem por dentro, estavam mais abertos, recebendo a bola e abrindo a defesa do PSG no contra-ataque.

E aí você vê o Fluminense com outro formato, com o Renato [Portaluppi] dando a cara dele, fazendo aquilo em que ele acredita. É um jogo de bastante toque de bola que vem conseguindo os resultados.

No Palmeiras, o estilo do Abel [Ferreira] é o de uma equipe que sabe se fechar muito bem, mas, ao mesmo

tempo, ela tem um poder muito forte de contra-ataque. Sabe atacar com jogadores de qualidade, não só os 11 titulares, mas com recurso no banco, e isso é importante numa competição como essa. Impossível ganhar só com 11 jogadores.

O Flamengo, com sua maneira de jogar, foi, para mim, uma das equipes que teve estratégia muito boa. Uma equipe de posse de bola com muita qualidade, um jogo bonito de se ver e com intensidade, alternando de quando em quando. Quando precisava defender, ele se compunha e saía em velocidade. O time saiu [do torneio] para um grande europeu, o Bayern. Não é nada absurdo.

Fotos: Divulgação/Fifa



Rivaldo, Ronaldo Fenômeno e Gilberto Silva comemoram a conquista do pentacampeonato da Seleção Brasileira, após a vitória de 2 a 0 sobre a Alemanha, na Copa do Mundo de 2002

BRASILEIRO

Dois jogos movimentam a Série B

Confrontos acontecem no interior paulista com Ferroviária x Vila Nova-GO e Botafogo-SP x Novorizontino

Mais um fim de semana sem disputa no Brasileiro por conta da participação de clubes no Mundial, nos Estados Unidos, mas a CBF já definiu alguns jogos para os dias 12 e 13. Enquanto isso, o Brasileiro Série B segue normalmente e programa para este domingo a realização de duas partidas, ambas no interior de São Paulo, uma em Araraquara, às 16h, onde a Ferroviária recebe o Vila Nova, de Goiás, na Fonte Luminosa, e a outra em Ribeirão Preto, com Botafogo-SP e Novorizontino, no Estádio Santa Cruz, a partir das 18h30.

O duelo em Araraquara marca um confronto direto entre duas equipes que ocupam o meio da tabela. A Ferroviária quer se consolidar no pelotão intermediário, enquanto o Vila Nova busca reagir após oscilações recentes. Apesar das oscilações, o time paulista mostra maior organização defensiva e vem pontuando com regularidade. Diante da torcida, a Locomotiva quer manter o bom momento e encostar no G10 da tabela.

Já a equipe goiana soma seis vitórias, um empate e sete derrotas. Na rodada anterior, venceu o Atlético-GO por 1 a 0, em casa, em um jogo de poucas finalizações e muito equilíbrio. O jogo entre Ferroviária x Vila Nova terá transmissão para o Brasil, pelo canal ESPN, na TV fechada, e também pelo streaming Disney+.



Jogadores do Novorizontino treinando para mais uma partida pelo Brasileiro Série B, hoje, contra o Botafogo de São Paulo

Em Ribeirão Preto

Apesar de jogar fora de seus domínios, o Novorizontino tenta emplacar mais uma vitória na Série B para se manter na zona de classificação, já que a rodada de número 15 iniciou com o time na terceira posição, e um dos seus destaques é o meia Tavinho, de 20 anos. Formado nas catego-

rias de base do Aurinegro desde os 14 anos de idade, ele fez sua estreia como profissional, entrando na partida contra o Amazonas (1 a 1), no último domingo, no Jorjão.

“Foi uma sensação única, sempre sonhei com isso, desde que cheguei aqui, com 14 anos. Poder estrear por aqui também, em casa, é muito le-

gal, então estou muito feliz”, disse Tavinho.

“É uma responsabilidade enorme, a gente está na busca do acesso, todo jogo como o de hoje é importante, não tem jogo fácil, entrei contra o Amazonas, consegui jogar bem, não fiquei ansioso e acho que ajudei um pouco a equipe e espero que eu possa ajudar

mais ainda à frente. É continuar trabalhando, treinando bem, aproveitar as oportunidades que vierem e dar o máximo sempre”, emendou. Já o Botafogo, mandante do jogo, faz uma campanha ruim e segue flertando com a zona de rebaixamento. Botafogo x Novorizontino será transmitido pelos canais ESPN e Disney+.

Jogos de hoje

■ SÉRIE B

16h
Ferroviária x Vila Nova-GO
18h30
Botafogo-SP x Novorizontino

■ SÉRIE C

16h30
Anápolis x Itabaiana
Londrina x Guarani
19h
Ypiranga-RS x Maringá
19h
Brusque x Figueirense

■ SÉRIE D

16h
Central x Santa Cruz-RN
16h30
América-RN x Santa Cruz-PE

JOÃO PESSOA

Começa a contagem regressiva para a Maratona Internacional

A reta final de preparação já começou para a 5ª edição da Maratona Internacional de João Pessoa, uma das principais provas de rua do Brasil. Faltando menos de 30 dias para a largada, a capital está sendo preparada para receber milhares de corredores. As inscrições seguem abertas, no último lote, pelo site www.maratonainternacionaldejoãopessoa.com.

Único evento do país com Selo Ouro, a maratona é promovida pela Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria de Juventude, Esporte e Recreação (Sejer), e será realizada nos dias 2 e 3 de agosto.

A programação será dividida em dois dias. No sábado (2), os corredores poderão partici-

par das provas de 10 km e da meia-maratona (21 km). Já no domingo (3), será a vez da prova de 5 km e, para quem busca um desafio ainda maior, da tradicional maratona de 42 km.

Outra novidade são os desafios, que oferecem diversas opções para os corredores. É possível escolher entre quatro combinações: o Desafio 63 km,

que reúne a meia-maratona e a maratona; o Desafio 52 km, que combina os 10 km com a maratona; o Desafio 26 km, que une a meia-maratona e os 5 km; e o Desafio 15 km, formado pelas provas de 10 km e 5 km. Todos os percursos terão largada no Centro de Convenções, localizado no km 5 da PB-008.

“Temos a expectativa de, aproximadamente, oito mil atletas participando do evento, sendo pelo menos metade deles de outros estados. É um cenário de grande impacto no turismo local, com reflexos diretos na economia. Além dos competidores, João Pessoa também vai receber familiares, equipes de apoio e visi-

tantes em geral, o que deve resultar em uma expressiva movimentação na cidade durante o período da maratona”, destacou o secretário-executivo de Juventude, Esporte e Recreação, Juliano Sucupira.

Na elite da disputa do percurso principal, o curitibano Alan Frank vai estreiar em solo paraibano com grandes expectativas. Bicampeão da Rio do Rastro Marathon — prova realizada na Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina —, o atleta chega empolgado para encarar os 42 mil m da edição 2025.

“Estou muito focado, principalmente por ser a minha primeira prova neste segundo semestre. Vai ser a minha estreia em João Pessoa, na Paraíba, e estou esperando um clima bem diferente do que estou acostumado aqui, no Sul do Brasil. Mas, independentemente de qualquer coisa, estou indo em busca de um lugar no pódio”, comentou.

Premiação

Somadas as premiações de cada distância, a Maratona Internacional de João Pessoa vai distribuir mais de R\$ 128 mil em premiações. Serão premiados do 1º ao 5º colocado de cada categoria (premiação em dinheiro + troféu) e premiação do 1º ao 5º na faixa etária (detalhes no regulamento da competição). O campeão da Maratona (masculino e feminino) recebe o valor de R\$ 10 mil.



Uma das principais provas de rua do Brasil, a Maratona Internacional de João Pessoa vai acontecer dentro das comemorações do aniversário da cidade



Rio que banha o estado da Paraíba tem o batismo homônimo só depois das expedições fracassadas

Ilustração: Bruno Chiossi

HISTÓRIA

Navegando pelas águas do Samuraguai

No Brasil-holandês, assassinato do segundo governador revela nome original do Rio Paraíba

Ademilson José
Especial para A União

Apesar de a historiografia do período colonial registrar o nome do principal rio do estado como Paraíba, há relatos de que, em termos de nomenclatura original, o verdadeiro batismo era de origem indígena, mas bem diferente do que é conhecido atualmente e sem qualquer citação ou reconhecimento na história oficial.

Ao fazer uma pesquisa mais cuidadosa e mais voltada aos povos originários, no seu *Dicionário das batalhas brasileiras*, o historiador paulista Hernâni Donato fez um registro que, de certa forma, chama-nos a atenção quando trata-se do nosso maior rio.

Ao documentar o assassinato do segundo governador da Paraíba no Brasil-holandês, Ippo Eysens, o historiador observa textualmente que o fato se deu em “14 de outubro de 1636, no Engenho Espírito Santo, à marge direita do Rio Samuraguai”.

Editado pela Ibrasa (SP), em 1987, o dicionário de 600 páginas conta a história do Brasil a partir das guerras que vão desde àquelas travadas entre indígenas e invasores, aos conflitos urbanos das últimas décadas do século passado. Os verbetes, em termos de fatos, não entram em detalhes, mas são muito densos em registros. Em certos momentos, até demais.

Por isso ficou por nossa conta pesquisar a parte que o engenho foi fundado, em 1600, sendo de propriedade do capitão Manoel Pires Correia, e que logo depois do começo do Brasil-holandês na Paraíba, em 1634-1635, passou para o domínio do batavo Joan van Olen. Como maior empreendimento da região, era sempre frequentado pelas autoridades, inclusive o governador.

Um dado, no mínimo, curioso é que mesmo o assassinato do governador sendo um fato de 1636, quando a Paraíba já estava com quase 100 anos de conflitos, envolvendo indígenas e invasores às margens e na foz do rio, desconhece-se qualquer registro sobre o verdadeiro e original nome do Rio Paraíba.

Ainda mais quando se sabe que esses conflitos são bem mais intensificados desde 1574 quando, ajudados pelos franceses e para resgatar a filha de um cacique da Serra da Copaoba (hoje, cidade de Serra da Raiz), os potiguaras da Paraíba incendiaram um grande engenho e mataram mais de 600 portugueses, protagonizando, assim, a famosa Tragédia de Tracunhaém, em Goiana, Pernambuco.

Foi, inclusive, depois daquela tragédia que mesmo Portugal ainda não tendo conseguido ocupar o ter-

ritório paraibano, por decreto, Dom Sebastião resolveu criar a Capitania da Paraíba e orientar suas tropas a, se possível, dizimar os indígenas da região. Em todo esse momento de fartos acontecimentos, o nosso principal rio foi sempre tratado como Paraíba, sem qualquer referência ao nome original ou ao que tinha antes da chegada dos primeiros invasores.

Aliás, da Tragédia de Tracunhaém, em 1574, até a conquista, em 5 de agosto de 1585, foram cinco expedições portuguesas e/ou luso-espanholas (depois da União Ibérica) fracassadas ou derrotadas na foz do rio, em Cabedelo. Caso não seja um equívoco — e não há registro disso —, a informação do dicionário de Hernâni Donato torna-se válida ao menos para confirmar que se o nome “Paraíba” surgiu das dificuldades de conquista, o rio naturalmente tinha mesmo um outro nome e o que faltava, realmente, era somente o conhecimento da população.

Nem o livro de Hernâni Donato e nem outros dicionaristas consultados detalham o significado, mas, tomando-se por base o próprio nome potiguara *samuraguai* tende a ter origem em *samurai* (o utensílio de pesca), mais *guai* (“comida”, “comer”), resultando em *samuraguai*. A proposta de tradução é baseada no nome do próprio povo que, nos dicionários do tupi, significa “comedor” (*guara*) de “camarão” (*poti*), *potiguara*, sem prejuízo de inversão de posição das duas palavras.

Outro dado que veicula o dicionário de Hernâni Donato E está correto é que se originando de “porto ruim”, o nome Paraíba (junção da palavra *pará* — “porto”, com *iba* — “ruim”, em tupi) só deve ter

surgido mesmo depois das dificuldades de conquista, das cinco expedições ocorridas entre 1574 (Tragédia de Tracunhaém) e 1585 (ano da conquista). Ou seja, “Paraíba” não era um nome que os indígenas já usavam, mas um termo criado pelos invasores e gerado da situação de dificuldades que enfrentaram para instalarem-se.

Esquecido

Nosso principal rio foi sempre tratado como Paraíba, sem qualquer referência ao nome original ou ao que tinha antes da chegada dos primeiros invasores

Diante do inusitado, o dicionário de Hernâni Donato não especifica a fonte originária, mas é interessante porque revela um nome que, pelo menos para os indígenas, deveria ser mesmo o nome do nosso maior rio; nome que, como tantas outras coisas, foi omitido pelos cronistas e escribas dos invasores e, infelizmente, também pela historiografia tradicional.

Outro dado comprovador de que Donato está correto e de que o nome Rio Paraíba só passa a existir depois das expedições fracassadas é que três dias depois de conseguirem o apoio dos tabajaras e anunciarem a con-

quista da Paraíba, os portugueses ainda dão um outro nome (São Domingos) ao mesmo rio.

No dia 8 de agosto de 1585, fazendo a navegação de reconhecimento e em direção oposta ao Litoral, Martim Leitão estabeleceu esse nome em homenagem ao santo do dia. E como tudo ou quase tudo homenageava o santo do dia (por isso a cidade foi Nossa Senhora das Neves), o rio não poderia fugir à regra. Mas fugiu, certamente porque as dificuldades e as complicações de conquista foram maiores.

O registro do historiador de *Dicionário das batalhas brasileiras* termina sendo valioso também. Acima de tudo porque o Samuraguai deve ter sido encontrado em fontes que valorizam os povos originários, ao invés das dificuldades portuguesas e de invasão. Trata-se de uma fonte que deve ser buscada e melhor mais explorada.

Natural de Botucatu, em São Paulo, Hernâni Donato (1922-2012) escreveu várias obras sobre a história do Brasil e, além do dicionário, é muito conhecido também pelo livro *Os povos indígenas no Brasil*. Além de escritor, ele também foi professor, tradutor, roteirista e ocupou a cadeira 20 da Academia Paulista de Letras.

Corrupção e tirania

Já que o assassinato de um governador não é um fato qualquer, para que essa história não fique incompleta, faz-se necessário continuar. Ippo Eysens, o governador assassinado, talvez só tenha um

único mérito: sucedeu e antecedeu os dois mais importantes governadores da Paraíba, no período do Brasil-holandês, Servaes Carpentier e Elias Herckmans, respectivamente.

Muitas vezes é documentado apenas como derrotado numa batalha travada com tropas portuguesas de Francisco Rebelo (o Rebelinho), mas, na verdade, não foi bem assim. Analisando bem os personagens, o contexto e o clima do momento histórico, não houve heroísmo nenhum da parte do Rebelinho.

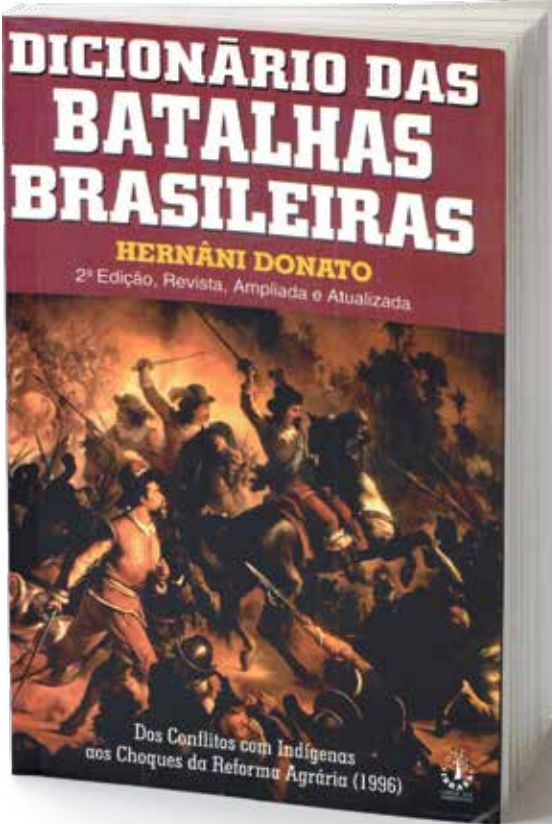
É porque, corrupto e cruel no exercício do governo, Ippo era desses que abusava em usar o poder para crescer em seus negócios, principalmente nos seus engenhos, além de costumar maltratar inimigos e presos de guerra. Mandava amarrá-los para serem arrastados por cavalos pela principal rua da cidade.

Conhecido por sua administração violenta e desonesta, e por ter apropriado-se dos melhores engenhos da capitania, Ippo Eysens contava com a antipatia e aversão, inclusive, dos indígenas potiguaras, que eram aliados e haviam ajudado os holandeses a conquistar a Paraíba. Em vez de lutarem juntos, muitos indígenas e outros aliados desapareceram nos canaviais quando Ippo foi atacado.

Em seu livro *Governantes do Período Colonial*, o médico e historiador Guilherme D’Ávila Lins (1941-2023) revela que sobre Ippo Eysens pesava ainda outros tipos de acusações. “Tentou obrigar o velho Duarte Gomes da Silveira a lhe dar uma sobrinha-neta em casamento. A negativa de Duarte lhe rendeu uma arbitrária e cruel prisão no forte do Cabedelo, durante o período de 11 meses”.

Ippo Eysens, segundo D’Ávila Lins, “chegou a Pernambuco, a 16 de outubro de 1634, como membro do conselho político do governo neerlandês. Foi diretor da Capitania de Itamaracá e, em 1636, já era diretor da Capitania da Paraíba, exercendo o governo com fama de tirano. Mas isso até a noite de 14 de outubro de 1636, quando foi morto no engenho Espírito Santo”.

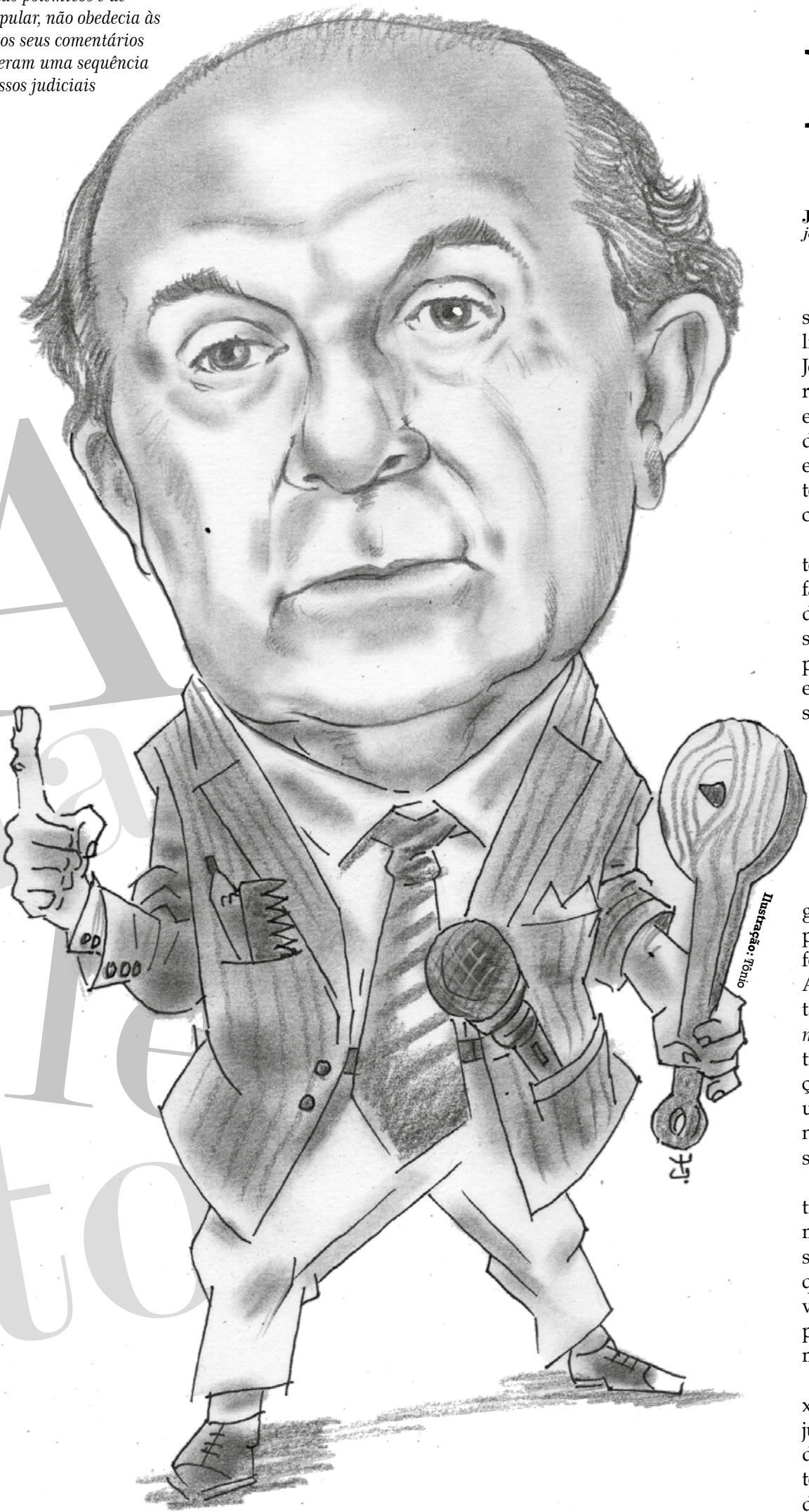
Imagem: Reprodução/Ibrasa



Em destaque, o verbete do “Dicionário das batalhas brasileiras” sobre o Rio Samuraguai

21.1.1636 — ENGENHO DO ESPÍRITO SANTO. PB. Holandeses no NE. O estratégico engenho situado à margem direita do Rio Samuraguai , defendido pelos holandeses com muito empenho, lhes foi tomado de assalto pela companhia do cap. Francisco Rabelo. Lutando entre os defensores, morreu o conselheiro Ippo Eysens, governador da PB, membro do Supremo Conselho do Recife.
3.11.1839 — ENCANTADA. SP. Guerra dos Farrapos. O ten. cel. José Fernandes dos Santos Pereira ataca e destrói os farrapos. Este resultado enfraqueceu a posição dos farrapos em seu apoio à República Juliana, instalada no território de SC.
4.12.1843 — ENCRUZILHADA. RS. Guerra dos Farrapos. À frente de poucos seguidores, o chefe imperial Joaquim Lecherde aproveitou-se das festas celebradas em honra da padroeira de Encruzilhada e de surpresa investe contra a cidade. No choque, morre o chefe local dos farrapos, Agostinho Melo.
7.6.1894 — ENCRUZILHADA. RS. Revolta dos federalistas. Os adversários que dois meses antes (7.4) haviam pelejado em Ponche Verde, o governista gen. Hipólito e o federalista cel. Marcelino Pina batem-se em Encruzilhada. Vitória completa dos comandados do gen. Hipólito.
5.8.1932 — ENGENHEIRO BIANOR. SP. Revolução Constitucionalista. Ao fim de ataque com artilharia e infantaria, os situacionistas tomam a posição, comprometendo o sistema revolucionário na região da frente do Vale do Paraíba.
11.4.1636 — ENGENHO DA PALMA. PE. Holandeses no NE. Rechaçados a 18.3, os flamengos atacam levando a campo sensível superioridade de forças, conquistando a reduzida guarnição e abandonam o engenho. Tendo acudido Matias de Albuquerque, renovou-se o combate nas margens do Serinhaém, mudando a sorte da jornada com o holandês batido e em retirada.
2.10.1827 — ENSEÑADA. Argentina. Guerra da Cisplatina. Na Enseñada, diante do porto de Buenos Aires, o brigue norte-americano <i>Brutus</i> , que forçara o bloqueio imposto pela esquadra brasileira, foi capturado e incendiado por elementos despachados dos barcos imperiais. As baterias argentinas tentaram proteger, sem o conseguir, a entrada do barco.
23.6.1923 — ERECHIM. RS. Revolta dos libertadores. O chefe governista Firmino de Paula supera a defesa oposta pela força do comandante Felipe Portinho e ocupa a cidade.
13.4.1840 — ERVAL. RS. Guerra dos Farrapos. Partida de combatentes imperiais comandada por Silva Tavares triunfa de forma completa sobre contingente farrapista de Félix Vieira.

Apelidado de “Chumbo grosso”, o paraibano protagonizou programas polêmicos e de apelo popular, não obedecia às regras e os seus comentários lhe renderam uma sequência de processos judiciais



Joel Cavalcanti
joel.cavalcanti@gmail.com

A voz que insulta está de volta. Quase 10 anos após a morte do radialista policial e apresentador de TV paraibano José Anacleto Reinaldo, suas ofensas agora se proliferam em novas frequências e em outros algoritmos. Nas redes sociais de vídeos curtos, o jorro de palavras e o escândalo verbal compõem uma vertente do preconceito e da violência simbólica que se revelam atemporais.

É com nostalgia conservadora, por um tempo em que, supostamente, “se podia falar o que se pensava”, que a reprodução dos discursos de ódio do “Chumbo grosso”, como era conhecido, ganha um novo público, apresentado aos primórdios da estética bolsanarista antes mesmo do bolsonarismo. Esse mesmo público também o acolhe com uma simpatia afetuosa pela figura do senhor rude, impaciente e ultrapassado, compartilhando as ofensas como forma de entretenimento, como se Anacleto fosse tão somente um personagem de ficção.

Os ouvintes do paraibano sempre ligavam ao vivo para o radialista a fim de provocá-lo e tirá-lo do sério. Essa era a forma preferida do público reverenciá-lo. Anacleto Reinaldo saiu da vida para voltar ao convívio dos paraibanos como um meme, a forma de comunicação mais efetiva na atualidade. Apesar dessa construção no imaginário popular, Anacleto foi uma figura real e sua atuação profissional foi muito além da caricatura inofensiva que agora se pinta.

O radialista dava início ao seu dia de trabalho ao vivo, nas primeiras horas da manhã. O que se ouvia por meio de sua sofrida dicção era um estilo performativo que, independentemente do assunto, mirava uma metralhadora de impropérios sempre contra os mesmos alvos preferenciais: mulheres, pessoas negras, LGBTs e pobres.

Se o alvo era restrito, o repertório de xingamentos era vasto: “Você quer um jumento bom, seu capitão gay? Coisa fedorenta. Lixo hospitalar. Cerveja quente. Engarrafamento. Liseu. Sarna. Dor de dente. Topada de arrancar o pé. Absor-

vente que a mulher tira no segundo dia de menstruação. Rio cheio. Corisco caindo o raio”, vociferava, em uma de suas antigas gravações, que é reproduzida em trechos virais no TikTok. É nesse espaço virtual que ele é classificado, hoje, como “a lenda do rádio paraibano”.

José Anacleto Reinaldo nasceu em 21 de maio de 1947, na Fazenda Riacho Verde, município de Gurinhém, no Agreste paraibano. Filho de trabalhadores rurais, cresceu em meio à lida da roça, numa casa onde a subsistência vinha do cultivo da terra. De origem modesta, sua trajetória escolar foi breve, tendo estudado até o Ensino fundamental. Ainda jovem, por volta dos 18 anos, mudou-se para João Pessoa, em busca de oportunidades.

Conseguiu um emprego no juizado de menores. Ainda longe dos microfones, teve os primeiros contatos com o universo da comunicação pela convivência com os repórteres. Anos depois, já consagrado, resumiria sua visão de sucesso: “Os maiores homens do Brasil, hoje, chegaram onde chegaram porque começaram a trabalhar desde pequenos. Você vê homem rico, próspero, com uma boa fortuna, porque começou a trabalhar de pequeno”. A declaração escancara a crença fundadora do caráter de Anacleto, que acreditava fielmente numa meritocracia rasa, descolada das estruturas sociais reais que moldam a desigualdade no país.

Nos bairros periféricos da capital, ele começou a trabalhar em parques de diversão como locutor. Surgia, entre carrosséis e trens-fantasma, o embrião do personagem que mais tarde dominaria o rádio. A ideia de Anacleto ter criado um personagem de si mesmo é defendida por sua filha mais velha. “Era muito o personagem que ele criou ao longo do tempo. Em casa, com a gente, era tranquilo. Mas ele era aquela pessoa mesmo, meio grosso, ignorante. Tudo para ele era errado, ele ignorava muitas coisas com o personagem que ele incorporou e trouxe para a vida real dele. Mas, com a gente, era um pai maravilhoso”, afirma Anacleia Reinaldo.

Antes de construir a versão mais bem-acabada desse personagem, Anacleto Reinaldo trabalhou com o jornalismo im-

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Sobre a pasteurização do fazer jornalístico

Ter “faro para notícias”, apurar bem, escrever de forma clara, direta e concisa, saber comunicar algo de forma objetiva são algumas das qualidades exigidas dos jornalistas. Mas não apenas isso.

Com a evolução tecnológica, houve uma mudança do perfil profissional exigido pela mídia. No livro *Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões*, Ciro Marcondes Filho (1948–2000) aponta que “jornalismo tornou-se uma disciplina técnica, antes que uma habilidade investigativa ou linguística”.

Para o autor, que foi um dos principais pensadores brasileiros, jornalistas passaram a ser vistos como uma peça na indústria de comunicação. “Bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou que melhor escreve. Ele deve ser uma peça que funciona bem, ‘universal’, ou seja, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações”.

Tudo isso, claro, também afeta o fazer jornalístico. Antes, um profissional de TV era contratado apenas para fazer reportagens específicas para esse veículo. Agora, um repórter que atua em televisão, por exemplo, não raro também precisa produzir conteúdo



Ciro Marcondes Filho (1948–2000): “Jornalismo tornou-se uma disciplina técnica”

para portais de notícia ou emissoras de rádio da mesma rede de comunicação. Tornou-se um profissional polivalente, muitas vezes não por opção, mas porque foi obrigado a tal, para poder encaixar-se no sistema de convergência jornalística.

Nesse contexto, é recorrente ouvir, no rádio, reportagens que foram produzidas para TV, mas que não sofreram adaptação alguma ao ser veiculada em outra platafor-

ma. Há quem diga que a perda de conteúdo é mínima, mas discordo. Quando alguém assiste a uma matéria na televisão deparase com recursos que vão além do som: as imagens. Já uma produção jornalística feita especificamente para o rádio precisa despertar no ouvinte sensações para além do que é perceptível apenas aos olhos — o que é feito com escolha apropriada de palavras, frases, sons, pausas e ritmos.

Como jornalistas, nosso desafio é não perder a essência do que somos, como profissionais e seres humanos, ao fazer uso das ferramentas atuais ao nosso dispor, afinal, citando ainda Ciro Marcondes Filho, “a história do jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria ‘aventura’ das modernidades”. Ter como âncora o conhecimento constante parece-me essencial nessa travessia.

No contexto de inteligência artificial generativa (IAGen), então, aí que os produtos jornalísticos tendem a ser semelhantes, sem singularidade, caso não haja critérios bem estabelecidos nas Redações sobre como utilizar tal ferramenta. O resultado mais evidente, para mim, é a aparência de produto industrializado, feito de forma pasteurizada; não se trata mais de um produto autoral, ainda que tenha um jornalista assinando a matéria.

Ciro Marcondes Filho, que morreu em 2020 — portanto antes do lançamento do ChatGPT, pela OpenAI, em novembro de 2022 —, já abordava os efeitos dos processos contemporâneos de produção jornalística nas Redações. “É uma espécie de máquina trituradora de todas as idiossincrasias, tornando os textos uma massa pastosa mais ou menos igual, tenham eles sido escritos por quem quer que seja”.

Como jornalistas, nosso desafio é não perder a essência do que somos, como profissionais e seres humanos, ao fazer uso das ferramentas atuais ao nosso dispor, afinal, citando ainda Ciro Marcondes Filho, “a história do jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria ‘aventura’ das modernidades”. Ter como âncora o conhecimento constante parece-me essencial nessa travessia.

presso, atuando, inclusive, no Jornal A União. Fazendo plantões em delegacias, ele reportou os crimes e acidentes trágicos que mais chocaram a sociedade.

Seu envolvimento com o jornalismo impresso foi além: criou e manteve um periódico próprio de circulação semanal. “Era um jornal maluco que ele tinha, mas eu gostava de ler. E não comprava uma edição, comprava 10, porque eu distribuía por achar o maior barato. As manchetes bizarras eram escritas por ele — mas que eu lia para rir. Eu dizia: ‘Esse cara é o máximo’”, lembra o comunicador Tony Show.

Tony Show tornou-se muito mais que um leitor assíduo. Em 1990, ele foi convidado a assumir a administração das rádios do Sistema Correio de Comunicação, em um momento crítico: as emissoras enfrentavam baixa audiência e acumulavam derrotas para a concorrência. A proposta de Tony feita ao superintendente Alexandre Jubert para reverter a sangria foi clara: apostar em programas polêmicos e de apelo popular. E a pessoa responsável por mudar os rumos da empresa foi Anacleto Reinaldo. No microfone da Correio, Anacleto estreou com carta branca da direção. “Foi uma explosão. Ele, sozinho, tinha o maior faturamento da Rádio Correio. O programa começou com uma hora de duração, mas depois eu botei das 4h às 8h, e ele bateu todas as paradas de faturamento e de audiência”, lembra Tony Show.

Anacleto não obedecia às regras. Nos bastidores, não participava de reuniões com “um bocado de macho, conversando besteira”, como dizia. No ar, não seguia roteiro. “Anacleto era aquele cara que você tinha que deixar à vontade. Se pedisse para ele ler, ele não lia. Lia o que queria. Era um camarada que pegava a manchete, lia o primeiro parágrafo da matéria e o resto ele metia o cacete. Saía esculhambando todo mundo”, acrescenta Tony Show.

Foi também Tony Show quem levou Anacleto Reinaldo para a TV na condição de jurado de um programa de calouros, apresentado sema-

nalmente do Teatro de Arena, no Espaço Cultural, em João Pessoa. Anacleto Reinaldo fazia as vezes de Pedro de Lara. “A participação dele era hilária. Levava todo mundo ao delírio”.

No programa de rádio, seus comentários lhe renderam uma sequência de processos judiciais. “Anacleto talvez tenha sido o cara mais processado da imprensa”, deduz Tony. Segundo a filha Anacleia, até um ano após a sua morte, novas notificações ainda chegavam à residência da família. Com o eco de sua voz, Anacleto incomodava mesmo morto. Ele próprio chegou a comentar sobre isso em entrevista ao programa do radialista e político baiano Mário Kertész. “Me deram de presente uns 30 processos porque eu vou nessa linha combativa, de combater a safadeza. Eu sou um tipo de repórter que não fico só noticiando prisão de bêbado. Eu bato forte, bato pesado”.

O estilo agressivo não passou sempre incólume às instituições. Durante sua passagem pela rádio Líder FM, ele foi alvo de uma representação feita por grupos indígenas junto ao Ministério Público Federal (MPF). A denúncia resultou em um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado entre a emissora, o MPF e a Defensoria Pública da União.

Pelo acordo, a rádio se comprometeu a exibir 10 spots de 30 segundos com mensagens produzidas por indígenas sobre sua cultura e identidade. A coordenação da produção ficou sob responsabilidade do então professor de radiojornalismo Carmêlo Reynaldo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). “Ele faz parte desse estilo que foi criado mais ou menos lá pelo início dos anos 1990. Aqui, na Paraíba, já existiam outros, a exemplo de Enoque Pelágio, mas não com a contundência com que ele fazia. Porque, com Anacleto, era ‘rédea solta’, que é o que prevalece, infelizmente, no jornalismo policial. Eu não considero isso jornalismo, isso é entretenimento travestido de jornalismo. A coisa mais abjeta que você possa imaginar na comunicação é justamente esse tipo de coisa”, defende Carmê-



Tocando em Frente

O romantismo popular e o popularesco na MPB — V

Elas foram contemporâneas e, quando se conheceram no ambiente musical, em 1969, já no final do movimento da Jovem Guarda, viveram um rápido e conturbado matrimônio. Isso mesmo! As similitudes estendiam-se no plano musical, mas, infelizmente, o mesmo não acontecia no plano familiar. Odair José (Morrinhos, GO, 1948) e Diana (Ana Maria Siqueira Lório, Leblon, Rio de Janeiro, 1948–Araruama, RJ, 2024) conheceram-se no fim da década de 1960, no início de suas respectivas carreiras musicais. De estilos e gostos semelhantes, ela chegou a gravar junto com Odair a música “Foi tudo culpa do amor”, uma versão não autorizada de “Some people never know” (Paul e Linda McCartney) e que seria uma espécie premonitória do que viria a acontecer na vida real: “Peço perdão mais uma vez, se comuniquei sua vida / Não tenho culpa se você chorou. / Se não deu certo, foi tudo culpa do amor!” Interpretada por Diana, “a música expressa um pedido de perdão por um relacionamento que não deu certo, mas com a justificativa de que a culpa foi do próprio amor, não dos envolvidos. A letra sugere que o amor, em sua complexidade, pode levar a erros e sofrimento, e que nem sempre é possível controlar as consequências dele”.

O casamento de Odair José com Diana, que começou no fim da década de 1960, foi oficializado em 1973, durante apenas quatro anos, sendo marcado por brigas e contrariedades, terminando de forma conturbada em 1977. A título de curiosidade: o divórcio do casal ganhou destaque na mídia por dois motivos: escândalos em páginas de periódicos de fofocas, e registrado como



Diana ficou consagrada como “A cantora apaixonada do Brasil” ou “A voz que emociona”

um dois primeiros a ser oficializado no país. O casal deixou uma filha, Clarice Lório de Araújo, nascida em 1976.

Ao sucesso de Diana, como compositora e/ou intérprete, apesar de alguns o considerarem popularesco, permanece na memória afetiva da juventude de então, que hoje

lio Reynaldo.

Nas redes sociais, ele segue ofendendo os povos originários: “Índio quer terra para quê? Índio quer cacete e bala. Tem muito índio plantando maconha dentro da mata. Um cachorro desse quer terra para quê?”, disparou. “Esse processo do Ministério Público Federal foi o mais duro para Anacleto. Ele estava muito aperreado por isso”, rememora Tony Show.

Em seu tempo livre, Anacleto cultivava hábitos de viajar para Gurinhém, onde gostava de caçar. Também era conhecido pelo vício em álcool. Havia dias que saía da rádio de manhã e só voltava para casa à noite, embriagado. Uma imagem recorrente na memória de sua filha. Anacleto também fazia questão de andar armado. “Eu ando com uma pistola e dois pentes no cacho de pomba”, dizia em entrevista, evocando uma masculinidade de justiceiro fora da lei. Não era uma simples bravata. “Anacleto Reinaldo só andava com um revólver na cintura e uma faca. Dentro do carro, ele tinha outro revólver. Mas eu não tenho conhecimento que ele tenha praticado nada com essas armas”, confirma Tony.

Em sua retórica, ele decidia quem merecia morrer. “Só quem pode estar vivo é quem presta, quem trabalha, quem tem profissão, quem é homem de bem. Não gente ruim, rapariga, maconheiro, cabra safado, bandido, nojento. Morrer até de acidente é bom. Até um acidente matando um fresco desse é beleza pura”, dizia. Essa virulência trouxe consequências fora dos estúdios. Acostumado a receber ameaças constantes, chegou a receber proteção policial por três meses, após a interceptação de um plano para matá-lo.

“Teve uma época que o secretário mandou deixar duas viaturas lá em casa, uma de dia e uma de noite, porque esse traficante aí que ele esculhambava muito estava com mandado para matar ele”, relatou a filha, Anaclecia. Além disso, ele mantinha dois seguranças particulares. “A gente não saía à noite, era aquela preocupação em cima da

gente direto”, lembra a filha.

O que mais blindava Anacleto das responsabilizações de seus crimes era o seu sucesso de audiência. Contudo, ele foi perdendo relevância e passou a ser mais questionado por suas falas. Foi pulando de rádio em rádio até ficar desempregado. Deprimido, voltou a trabalhar pela terceira vez com Tony Show, mas em evidente fim de carreira. O convite vinha a despeito de Anacleto ter feito ofensas públicas a Tony Show. “Para mim, ele foi um fenômeno. Anacleto era muito odiado, muito amado. Na minha concepção, nós não temos — e não teremos — nenhum outro igual. Anacleto era puro, sincero, verdadeiro, sem enrolação”, enaltece o amigo.

A morte de Anacleto Reinaldo em 2016, aos 69 anos, foi silenciosa, quase em contraste irônico com a vida ruidosa que levou no rádio. Após anos enfrentando problemas de saúde, incluindo dois acidentes vasculares cerebrais (AVCs) — o primeiro enquanto apresentava seu programa na TV Arapuan —, ele passou a viver com um marca-passos e sob cuidados médicos. Ainda assim, manteve-se ativo até os últimos anos. “Ele era muito tranquilo, apesar daquele jeito, e a gente se acostumou com isso. Mas foi muito difícil... Mainha encontrou ele já sem vida na cama, dormindo”, conta a filha, sobre a manhã em que o pai foi encontrado morto em casa, no bairro do Geisel, na capital, vítima de um infarto fulminante.

A imagem final do radialista, morto em silêncio, repousando no próprio quarto, contrasta com o destino que ele tantas vezes desejou aos outros ao microfone — morte violenta, castigo, vingança. Em seu programa, exaltava a figura da “moto preta”, expressão com a qual se referia a justiceiros milicianos que exterminavam criminosos. Ao fim, morreu como muitos gostariam: dormindo, longe do escândalo — sem moto preta. Talvez o maior incômodo deixado por Anacleto Reinaldo seja o fato de que, apesar de tudo que disse, ainda arranca risos — e esobrevive em novos seguidores.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

dos seus sucessos, como, “Ainda queima a esperança” (Mauro Motta e Raulzito/Raul Seixas), “Estou completamente apaixonada” (da mesma dupla), “Porque brigamos”, composta originalmente por Neil Diamond e escrita em português pelo falecido produtor musical Rossini Pinto. Gravada, em 1972, pela intérprete, a canção foi um grande sucesso de sua carreira. A música “Porque Brigamos” é a versão em português da canção “I Am... I Said”, de Diamond, e foi outro grande sucesso na voz da cantora Diana. A letra, também adaptada por Rossini Pinto, expressa a angústia de um relacionamento marcado por brigas constantes, no qual o amor ainda existe, mas é abalado por conflitos (a arte imita a vida ou é a vida que imita a arte?).

Outro sucesso foi a interpretação dela para a música do grupo Bread — “Everything I Own” (David Gates), que fez parte da trilha sonora do filme *O céu de Suely*, de Karim Ainouz. Merece também destaque a criação da música tema homônima do seriado televisivo *Sítio do Picapau Amarelo* (parceria com Carlinhos, primo e guitarrista de Renato, o do Blue Caps).

Diana participou de um álbum tributo (*Eu ainda amo vocês*) ao cantor Evaldo Braga, em 1980, quando interpretou, em dueto intimídico com ele, a música “Só quero” (Carmen Lúcia e Evaldo Braga).

A partir do ano de 2000, modificando o nome artístico para Dhianna, passou a apresentar-se em *shows* pelo Brasil.

Diana (ou Dhianna) nos deixou em 2024, tendo sido encontrada sem vida, quando dormia, provavelmente vitimada por um acidente vascular cerebral (AVC).

ESTUDO

IA da Meta memorizou longos trechos de obras

Modelo “decorou” ao menos 42% de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”

Julia Queiroz
Agência Estado

Um modelo de inteligência artificial (IA) da Meta memorizou longos trechos de livros como *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J.K. Rowling, e *1984*, de George Orwell, revelou um estudo realizado por cientistas da computação e acadêmicos de direito das universidades americanas de Stanford, Cornell e West Virginia.

Para realizar a pesquisa, foram analisados cinco modelos de IA, três da Meta, um da Microsoft e um da EleutherAI e se cada um deles era capaz ou não de reproduzir trechos de 56 livros do Books3, um conjunto de dados que contém milhares de livros digitais, usado para treinar modelos de IA generativa — essa base de *datas* é polêmica, já que abriga diversas obras ainda protegidas por direitos autorais.

O estudo estimou que o mais recente dos modelos da Meta, o Llama 3.1 70B, lançado em julho de 2024, memorizou ao menos 42% de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* de forma precisa. Além disso, a IA podia reproduzir trechos de 91% do livro, apesar de não ter a mesma precisão. Em comparação, o Llama 1 65B, modelo similar lançado no ano anterior, havia memorizado apenas 4,4% do mesmo livro.

Implicações legais

As descobertas dos pesquisadores podem ter consequências importantes em processos coletivos por direitos autorais contra empresas de IA, já que sugerem

que a Meta fez pouco para prevenir a memorização e a reprodução de trechos de livros, apesar das implicações legais.

Mark A. Lemley, um dos autores do estudo, disse ao portal 404 Media que a pesquisa aponta que os modelos não estão nem criando coisas novas — como defendem as empresas de IA generativa — nem reutilizando conteúdo já existente — como acusam autores —, mas sim armazenando livros inteiros, praticamente como uma cópia pirata.

Os pesquisadores também descobriram que o Llama 3.1 70B era o mais provável de conseguir reproduzir trechos de livros mais populares do que de obras menos conhecidas. A IA conseguiu reproduzir em grande escala livros como *1984* e *O Hobbit*. Por outro lado, o modelo memorizou ape-

nas 0,13% de *Sandman Slim*, de Richard Kadrey.

Essa divergência pode representar um problema para Kadrey, que está no centro de um processo contra a OpenAI e a Meta. Ao lado de outros escritores norte-americanos, ele acusa as empresas de usar dados de suas obras, adqui-

Charada

Resposta da semana anterior: Duas vezes (1) = bi + talco (1) = pó + casa (1) = lar. **Solução:** ambiente diametralmente oposto (3) = bipolar.

Charada de hoje: Na embarcação (2), ele soletrava (2) o nome do país europeu (4).

ridos de forma ilegal, para criar conteúdo. O Books3 é citado no processo.

Como o estudo foi feito

É difícil provar como o Llama 3.1 70B consegue memorizar os livros, mas, segundo os pesquisadores, esses modelos são treinados a partir de *tokens*, relações matemáticas entre pequenos pedaços de dados. Esses *tokens* foram utilizados para a realização do estudo.

Os livros foram divididos em passagens sobrepostas de 100 *tokens*. Os 50 primeiros foram usados como *prompts* e os pesquisadores avaliaram os outros 50. Para eles, uma passagem era considerada como “memorizada” se o modelo tivesse mais de 50% de chance de reproduzi-la palavra por palavra.

“É realmente improvável que o modelo consiga acertar as próximas 50 palavras se não as tiver memorizado”, afirmou ao portal 404 Media o professor James Grimmelman, que também participou do estudo.



Imagem: Divulgação/Aleph

Clássico “1984” também foi usado na pesquisa

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Conheça algumas inspirações para o novo filme do Superman

Estreando nos cinemas brasileiros nesta semana, *Superman* é a nova versão cinematográfica de um dos maiores super-heróis das histórias em quadrinhos, agora na visão de James Gunn, da franquia *Guardiões da Galáxia*. Com David Corenswet como o protagonista, Rachel Brosnahan como Lois Lane e Nicholas Hoult como Lex Luthor, o filme promete ser um novo começo para o Universo DC nos cinemas. A seguir, confirme algumas obras que o diretor afirmou escolher para se inspirar para o roteiro dessa nova produção.

Grandes Astros: Superman

Publicada originalmente em forma de minissérie, nos Estados Unidos, de 2005 a 2008, essa obra é uma das maiores referências do filme, mostrando o Superman enfrentando a morte e lidando com as suas responsabilidades. O roteirista escocês Grant Morrison passeia por diversos personagens e fases do super-herói, passando por várias “eras” das HQs, sendo uma verdadeira ode ao Homem de Aço. Com a arte detalhista e grandiosa de Frank Quitely (imagem acima), o gibi ganhou uma animação, em 2011. No Brasil, *Grandes Astros: Superman* saiu como minissérie (em 12 partes), encadernado de capa dura e em uma versão luxuosa chamada “Edição Absoluta” (a mais recente), todas pela editora Panini.

Superman — As Quatro Estações

Da mesma equipe criativa de *Batman — O Longo Dia das Bruxas*, essa minissérie em quadrinhos explora a vida de Superman em diferentes estações do ano (cada uma narrada por um personagem do universo do herói), mostrando a sua humanidade e os seus dilemas, desde a infância até a fase adulta. Escrita por Jeph Loeb e desenhada por Tim Sale (1956–2022), o verdadeiro destaque são as cores do dinamarquês Bjarne Hansen (que, inicialmente, iria pintar apenas as quatro capas das edições). Lançada originalmente em 1998, a obra foi publicada no Brasil em quatro partes (pela Abril Jovem), em encadernados (capa cartonada e dura, ambas pela Panini) e retorna, no próximo mês, em formato de “bolso”.

Outros quadrinhos

Em diversas entrevistas e nas redes sociais, James Gunn citou outras HQs que serviram como base para montar essa nova produção: *Superman: o que há de errado com verdade, justiça e um futuro melhor?*, de Joe Kelly (roteiro) e Doug Mahnke (desenhos); *O Reino do Amanhã*, de Mark Waid (roteiro) e Alex Ross (arte); *Superman — O Legado das Estrelas*, origem “atualizada” por Mark Waid (roteiro) e Leinil Francis Yu (desenhos); e as motivações do arqui-inimigo do super-herói em *Lex Luthor: O Homem de Aço*, história de Brian Azzarello e ilustrações de Lee Bermejo.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – língua do côro; 2 – remendo da roupa; 3 – cabdo da vossoura; 4 – canudo do côro; 5 – brinco; 6 – cruz; 7 – cabdo do opo; 8 – letre no papêl; 9 – orelheio do côro; 10 –